

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**

**NATÁLIA REGINA ROCHA SERPA**

**CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA: a percepção dos lugares e de  
identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vicêncio e Becos  
da Memória, de Conceição Evaristo**

**MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

Teresina  
2014

NATÁLIA REGINA ROCHA SERPA

CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, de Conceição Evaristo

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero. Orientadora: Profa. Dr. Élio Ferreira de Souza.

Teresina  
2014

S481c

Serpa, Natália Regina Rocha

Cartografia da memória: a percepção dos lugares e de identidades afrodescendentes nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da Memória, de Conceição Evaristo / Natália Regina Rocha Serpa. – 2014.

112 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2014.

“Orientador Prof. Dr. Élio Ferreira de Souza”.

1. Romance Afro-Brasileiro. 2. Ponciá Vicêncio – Análise de Obra. 3. Conceição Evaristo – Análise de Obra.

I. Título.

CDD: 801.9

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da  
Biblioteca Central da UESPI Nayla Kedma de Carvalho  
Santos (Bibliotecária) CRB-3ª/1188



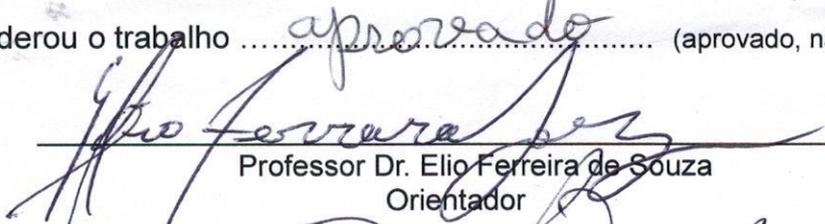
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

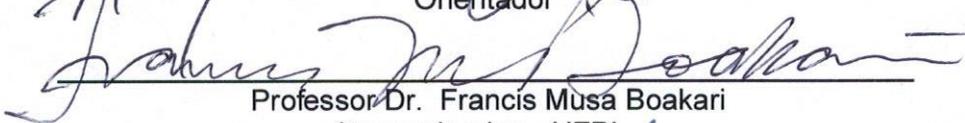
### TERMO DE APROVAÇÃO

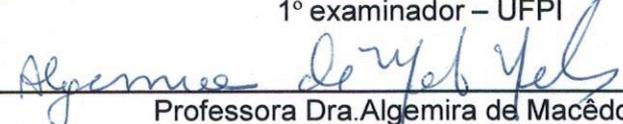
**NATÁLIA REGINA ROCHA SERPA**

**“CARTOGRAFIA DA MEMÓRIA: A PERCEPÇÃO DOS LUGARES E DE IDENTIDADES AFRODESCENDENTES NOS ROMANCES *PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO.*”**

Esta dissertação foi defendida às 8h 30m, do dia 30 de setembro de 2014, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho ..... *aprovado* ..... (aprovado, não aprovado).

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Elio Ferreira de Souza  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Francis Musa Boakari  
1º examinador – UFPI

  
\_\_\_\_\_  
Professora Dra. Algemira de Macêdo Mendes  
2ª examinadora - UESPI

Visto da Coordenação:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Letras

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá – CEP: 64.002-150 Teresina -PI  
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todos os sacrifícios suportados para que minha jornada acadêmica tivesse sucesso. Por terem se tornado o farol que sempre me guiou e me fez atracar em portos seguros.

À meu orientador, prof. Elio Ferreira de Sousa, pela confiança, pelas ideias preciosas e pela imensa paciência ao longo o processo de orientação. Obrigada por ressignificar meu olhar sobre o mundo. A você dedico as palavras do poeta Ademiro Alves: “ Tuas palavras foram/ O açúcar e a pólvora/ Em [meu] interior/ Brutalidade para o dia-a-dia/ E sensibilidade para crianças/ Não canso de elogiá-[lo]/ És minha referência/ Pai literári[o].

À coordenação do Mestrado acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí e a todos os professores que compõem o corpo docente do programa, Feliciano José Bezerra Filho, Diógenes Buenos Aires de Carvalho, Fabrício Flores, Socorro Baptista, Socorro Magalhães, Marly Gondim, Raimunda Celestina, obrigada pela paciência e pelas valiosas indicações de leituras durante as disciplinas.

Agradeço à Rosenir Feitosa Lima, secretária do Mestrado Acadêmico em Letras, que tantas vezes salvou meu dia com suas conversas preciosas. Agradeço especialmente à professora Algemira de Macedo Mendes por sua amizade, pelos conselhos preciosos que me levaram a ressignificar o conceito de pesquisa e principalmente por ter me ajudado a colocar essa cartografia dentro da trama.

Aos meus familiares: tias e tios, primos e primas. Aos meus lindos sobrinhos (inclusive o que está chegando para alegrar ainda mais nossa família). Às minhas duas irmãs Nádia Cristina e Nadiane Serpa pelas ajudas constantes e inclusive pela pressão para que eu finalizasse o presente trabalho.

Ao meu ombro amigo de todas as horas Valberto Marreiros, por tudo que passamos e mesmo assim (somos). Pra você faço minhas as palavras do poeta: “Enfim, depois de tanto erro passado /Tantas retaliações, tanto perigo/ Eis que ressurgue o velho amigo/ Nunca perdido, sempre reencontrado. (...) É bom sentá-lo novamente ao lado/ Com olhos que contêm o olhar antigo/ Sempre comigo um pouco atribulado/ E como sempre singular comigo. Um bicho igual a mim, simples e humano.”

Às minhas amigas irmãs, Walkíria Lúgia da Rocha e Andréa Salgado, que me acompanham desde o ensino médio, vocês são para mim a representação de amizade de que falava Aristóteles, pois tenho certeza de que parte de minha alma habita o coração de vocês.

À Lúgia Cristina e Luzianne Mendonça vocês sempre serão as meninas do Boris e sempre ocuparão um lugar especial em meu coração. A Dauana Ferreira e Ana Roberta Lima de Miranda obrigada por terem sempre os conselhos certos para as horas apropriadas. À Inalda Oliveira (minha geógrafa predileta), obrigada pelas conversas preciosas, elas me permitiram vislumbrar o campo frutífero que há entre a Literatura e a Geografia. À Flávia Alexandra pelas ideias compartilhadas e mesmo com tantos compromissos teve um tempinho para ler meu texto com carinho.

As boas amizades feitas durante o mestrado: Cristiane Viana (que nunca me deixou dormir ao relento), Emilia Rafaelly, Hannah Isabel, Moema Medeiros, Adelino Frazão (o bendito fruto), Edna Costa, Elenn, Maria do Desterro que tanto me ajudou com sua humildade e paciência. A Jeane, pelas conversas enriquecedoras, pelas lágrimas e sorrisos que partilhamos, falando em sorriso, saiba que as noites de terça jamais serão as mesmas sem você sorrindo como criança. Sei que deve ter faltado alguém, perdoem-me, mas se faltaram alguns nomes na minha memória com certeza eles estão escritos no meu coração.

### Teimosa presença

Eu continuo acreditando na luta  
Não abro mão do meu falar onde quero  
Não me calo ao insulto de ninguém  
Eu sou um ser, uma pessoa como todos.  
Não sou um bicho, um caso raro ou coisa  
estranha.  
Sou a resposta, a controvérsia, a  
dedução.  
A porta aberta onde entram discussões  
Sou a serpente venenosa: bote pronto  
Eu sou a luta, sou a fala, o bate - pronto.  
Eu sou o chute na canela do safado  
Eu sou um negro pelas ruas do país.

(Lepê Correia)

## RESUMO

Esta dissertação versa sobre os estudos dos romances *Ponciá Vicêncio* e *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, relacionando as categorias conceituais de memória, identidade e lugar. Um dos objetivos da pesquisa é traçar o mapa identitário dos personagens dos dois romances a partir da percepção dos lugares e como tais lugares e mesmo a própria identidade está ligada à ideia de memória, ressaltando como as percepções em torno do lugar, do lar, do território podem ser determinantes durante uma análise literária. Por se tratar do estudo de uma escritora, serão analisadas a construção e os deslocamentos das identidades femininas. Nesse sentido, a presente pesquisa revela como identidade e territorialidade estão intimamente interrelacionadas. Nos dois romances de Evaristo, a narrativa aponta para a construção da identidade negra, de cujos textos engajados emanam histórias de escravidão, de violência, do exílio social do negro. Contudo, os episódios narrados são marcados por um lirismo intenso. É importante assinalar que esta análise se apóia nos estudos e estratégias da Crítica literária afrodescendente e nos Estudos culturais, usando o aporte teórico de autores como: Homi Bhabha, Stuart Hall, Edouard Glissant, Frantz Fanon, Marc Augé, Gaston Bachelard, dentre outros. A cartografia da memória aqui apresentada revela os mapas identitários presentes em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. Romance Afro-Brasileiro. Memória. Lugar. Identidade.

## **ABSTRACT**

This dissertation emphasizes the study of novels Poncia Vicencio and Alleys memory Conceição Evaristo, relating the conceptual categories of memory, identity and place. One goal of the research is to trace the identity map of the characters of the two novels from the perception of places and as such places and even identity itself is linked to the idea of memory, highlighting how perceptions around the place, the home, the territory may be decisive for a literary analysis. Since it is the study of the work of an author, analyze the construction and displacement of women's identities. In this sense, this research reveals how identity and territoriality are closely interrelated in the novels of author. In both novels Evaristo, the narrative points to the construction of black identity, which engaged texts emanate stories of slavery, violence, social exile of black. However, the narrated episodes are marked by an intense lyricism. It is important to note that the analysis is based on studies and strategies of literary Criticism African descent and cultural studies, using the theoretical approach of authors such as Homi Bhabha, Stuart Hall, Edouard Glissant, Frantz Fanon, Marc Augé, Roland Walter, among others. The cartography of memory presented here reveals the identity maps present in memory and Alleys Poncia Vicencio.

Keywords: Conceição Evaristo. Love story Afro-Brazilian. Memory. Place. Identity.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	OS PRECURSORES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA	18
2.1	Literatura Afro-Brasileira Contemporânea	25
2.2	Conceição Evaristo Tecendo a Teia com Palavras	32
2.3	Ecos da Ancestralidade na Obra de Conceição Evaristo	39
3	<b>PONCIÁ VICÊNCIO: UMA ESCRITA DE MEMÓRIAS</b>	44
3.1	Escrevivência e Autobiografia: uma Estratégia de Narrar em <i>Ponciá Vicêncio</i>	49
3.2	<i>Ponciá Vicêncio</i> e as Memórias da Diáspora Negra um Construto de Não-Lugares	52
3.3	Lugar e Memória em <i>Ponciá Vicêncio</i>	60
4	<b>BECOS DA MEMÓRIA: O NEGRO EM DESTAQUE</b>	68
4.1	A Escrita de Si em <i>Becos da Memória</i>	71
4.2	A Figura do Griot em <i>Becos da Memória</i>	76
4.3	Memória e Lugar em <i>Becos da Memória</i>	81
4.3.1	Os Becos como Entre-lugar	85
5	<b>INVESTIGANDO A IDENTIDADE EM PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA</b>	89
5.1	A Percepção do Lugar como Evocação da Identidade em <i>Ponciá Vicêncio</i> e <i>Becos da Memória</i>	91
5.2	Traçando Mapas Identitários nos Romances de Evaristo: por uma cartografia da memória	97
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	103
	<b>REFERÊNCIAS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

*“Aqui estão encerradas muitas coisas que, se lidas com paciência, poderão mostrar o significado estranho de ser negro agora, ao alvorecer do século XX. Esse significado não é desprovido de interesse para ti, Gentil Leitor; pois o problema do século XX é o problema da barreira racial”. (W. E. B. Du Bois)*

Esta dissertação é fruto da pesquisa acerca das categorias memória, lugar e identidade. Em se tratando de Literatura Afrodescendente, é preciso lembrar que tais textos foram, subjugados no meio acadêmico como produção “menor”, principalmente quando essas obras, além de serem afrodescendentes, são de autoria feminina. O mundo contemporâneo tenta transpor a ideia de que o problema da barreira étnica é uma questão obsoleta, como se os frutos da diáspora negra fossem produto da imaginação dos historiadores, como se os seres humanos traficados da África nunca tivessem existido. Hoje, em pleno século XXI, o século das identidades deslocadas, fragmentadas, sobrepujadas, é como se a figura do negro ainda precisasse ter sua identidade autorizada, como salienta Bhabha (2013) ao discorrer na conclusão do seu livro *O local da cultura sobre “raça”, tempo e a revisão da modernidade*.

Quero começar voltando a esse ensaio para explorar apenas uma cena de sua notável encenação: a performance fenomenológica de Fanon do que significa ser *não apenas um negro*, mas um membro dos marginalizados, dos deslocados, dos diaspóricos. Estar entre aqueles cuja própria presença é “vigiada” [overlooked] – no sentido de controle social – e “ignorada” [overlooked] – no sentido de recusa psíquica – e, ao mesmo tempo, sobredeterminada – projetada psiquicamente, tornada estereotípica e sintomática. (BHABHA, 2013. p. 374)

Bhabha (2013) parte do ensaio de Frantz Fanon intitulado *O fato da Negritude*, para criticar o modelo social e ideológico que aprisiona o negro em um grupo de marginalizados, e a partir dessa marginalização, a figura do negro passa a ser estereotipada inclusive dentro do texto literário. A leitura de Bhabha nos faz pensar sobre a complexidade de ficcionalizar a identidade de um sujeito colonizado que foi, durante muito tempo, estereotipado dentro do discurso de

poder que garantiu a dominação e superioridade de um povo sobre outro. Em nossa abordagem, trabalhamos com a ideia de identidades móveis, deslocadas que dentro da literatura negra estabelece um diálogo com a cultura trazida pelos negros em situação de diáspora. Nesse diálogo, o elemento memorial é preponderante, uma vez que presente e passado se reconciliam de tal maneira que o passado passa a habitar o presente da mesma forma que o presente habita passado. Dessa relação entre o que é e o que foi, é que o futuro pode ser vislumbrado. Através de uma espécie de *eterno retorno* e *eterno devir*, as memórias ancestrais dos negros se sedimentam e conseguem se perpetuar enquanto identidade. Pode-se dizer que o elemento memorial é imprescindível no processo de criação da ficção de Conceição Evaristo, pois a memória vivida se faz presente na recriação literária através da “escrevivência”<sup>1</sup> da autora.

A criação de um romance é permeada pela recriação de lugares de memória e conseguir imaginar um bom romance que não carregue em suas entrelinhas o detalhamento espacial da narrativa é algo difícil. Enquanto o autor descreve o lugar, o leitor o percebe como uma realidade concreta, por vezes permeada de uma memória ancestral, de cultura e também de identidades. No romance de Evaristo, além das descrições dos lugares, percebemos também as descrições dos não-lugares ou dos lugares antropológicos, como descreve Marc Augé (2011). Esse conceito de não-lugar assume um importante papel dentro da presente pesquisa, uma vez que, nas descrições da literatura de cunho afrodescendente, as personagens que sofreram a experiência da diáspora, normalmente apresentam a sensação de não-pertencimento ao novo lar.

Esta pesquisa trabalha com o pressuposto de que a escrita literária privilegia o homem inserido em um lugar que pode ser físico ou simbólico, pois é a partir dos lugares que se processam as relações intra-textuais e extra-textuais. Isto posto, a percepção do lugar está relacionada ao processo criativo do autor, com a recepção da obra pelo leitor e no desenrolar da trama, no desenvolvimento do fio narrativo. Nesse sentido, esta análise investigará como a Literatura Afrodescendente, a partir das descrições dos lugares, absorve e ao mesmo tempo reflete a formação cultural e identitária da diáspora negra. A matriz cultural

---

<sup>1</sup> Termo cunhado pela autora Conceição Evaristo para descrever seu processo criativo, ou seja, uma escrita de si e para si que será mais detalhado em um capítulo posterior dessa dissertação

africana e a ideia de diáspora foram primordiais para a construção deste trabalho. Por se tratar não só de uma escrita negra, mas de uma “escritora” negra, também a pesquisa opera com alguns conceitos trabalhados pela Crítica literária feminista. Acerca do papel da mulher no cenário editorial da Literatura Brasileira, Conceição Evaristo comenta:

Quantas autoras talentosas continuam a armazenar, em folhas engavetadas, pensamentos sábios e textos valiosos que dariam ótimos roteiros para romances, ou devaneios que fariam as mais belas estrofes de um poema? (EVARISTO, 2014. p. 16)

O depoimento acima demonstra uma clara preocupação em projetar as publicações de autoria feminina e afrodescendente. Após a leitura de várias entrevistas concedidas por Evaristo, sentimos a necessidade de focar como tal autora, em sua condição específica, de mulher e negra, foi capaz de refletir e discutir a questão da identidade. A série *Cadernos Negros* tem publicado os poemas e contos de Evaristo, nesses escritos destaca-se a maneira poética com que a referida autora representa a crueldade do cotidiano contra os excluídos. É importante ressaltar que, apesar da autora transitar, em suas publicações, entre a poesia e a prosa, decidimos delimitar o corpus da pesquisa e, durante a realização deste estudo, foram trabalhados especificamente os dois romances intitulados *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*.

Como já foi dito, a presente pesquisa relaciona as categorias conceituais de memória, lugar e identidade nos respectivos romances escritos por Conceição Evaristo. Ao se falar das três categorias acima, inevitavelmente trabalharemos com as ideias de cultura, diáspora, experiência, dentre outras. Na abordagem da análise, usamos o pensamento de vários críticos e estudiosos que trabalham com essas categorias, tais como Yi-Fu Tuan, Kwame Anthony Appiah, Stuart Hall, Homi Bhabha, Eduardo Assis Duarte, Eduardo Marandola Jr., Cuti, Elio Ferreira, Roland Walter, dentre outros.

Esta dissertação buscou compreender como a memória influencia na percepção dos lugares literários e como tal percepção pode fundamentar a identidade das personagens criadas por Evaristo. Portanto, podemos dizer que a memória foi o rio pelo qual a pesquisa navegou e, a partir de seus afluentes culturais, identitários e espaciais, conseguimos concretizar o que fora proposto no projeto.

A produção romanesca de Conceição Evaristo é permeada pelas memórias da própria autora, isso tanto em *Ponciá Vicêncio* quanto em *Becos da memória*, a romancista apresenta uma narrativa cíclica onde a memória ancestral é o fio condutor da trama; entretanto, é preciso salientar que o recurso memorial não diminui os fatos relatados pela autora, ou seja, o preconceito, o processo de transculturação, as desigualdades sociais não são elementos meramente simbólicos, esses relatos chegam ao leitor com uma veracidade que salta aos olhos. Nesse sentido, ficção e realidade se imbricam nas camadas narrativas, denunciando a exclusão e a subserviência que foram impostos à maioria da população afro-brasileira.

A obra de Conceição Evaristo tem sido motivo de vários estudos críticos, como artigos, dissertações, teses, etc. Dentre esses estudos, Cristina Prates (2010), buscando compreender a tensão que se estabelece entre biografia e criação literária, escreveu um trabalho intitulado: 'Discurso étnico-literário: memórias poéticas em Conceição Evaristo'. Em seu texto, Prates apresenta um estudo das memórias poéticas de Conceição Evaristo, usando como corpus da pesquisa o romance *Becos da memória*. Na referida pesquisa são analisadas várias vozes identitárias que, acordadas por uma poética da etnicidade, encenam histórias afrodescendentes.

Dejair Dionísio e Sérgio Paulo Adolfo (2009), analisaram a figura do arauto na obra de Conceição Evaristo – *Ponciá Vicêncio*. Em tal pesquisa os dois pesquisadores afirmam que esse romance de Evaristo é carregado de um profundo desenvolvimento psicológico dos personagens e que o narrador fala através deles. As vivências memorialísticas transmitidas de forma são uma marca presente de etnicidade, uma vez que ressalta a transmissão de informação da comunidade a qual pertence Ponciá.

Já Rosangela de Oliveira Silva Araújo (2012) escreveu: A "Escrevivência" de Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio*: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês. Nesta pesquisa é analisado o romance *Ponciá Vicêncio*, comparando-o a sua tradução para o inglês, realizada pela tradutora hispano-americana Paloma Martinez-Cruz. Rosangela faz a análise do romance a partir dos conceitos de diáspora, cultura e identidade destacando às variedades de interpretação advindas da carga cultural diferenciada nos países envolvidos. Além das teorias acima, também são

pesquisadas questões referentes à tradução. Dentre os artigos, dissertações e teses consultados para compor este trabalho dissertativo, não encontrou-se nenhuma pesquisa que trabalhe as categorias de memória, lugar e identidade a partir dos dois romances.

Das obras *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* emanam a perspectiva da experiência do sujeito afro-brasileiro fora de seu lugar de origem. As narrativas se desdobram retratando como as personagens negras se comportam e reagem em um ambiente diferente do seu. As variadas reações perante essa nova possibilidade de vida são o ponto comum que une cada um dos personagens nos romances estudados. No caso da obra *Ponciá Vicêncio* o ambiente urbano se apresenta como diferente daquilo que os personagens principais tinham como referência de lugar e, conseqüentemente, de cultura. A cidade não dá a eles o sentimento de pertença, como se vê no trecho do romance *Ponciá Vicêncio*, quando são descritos os sentimentos e aflições de Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, que mesmo longe dos filhos, guarda no coração a certeza de que um dia todos estarão juntos. Maria sabe que todos voltarão para as terras dos negros, pois ninguém escapa de seu próprio umbigo e por mais que se fuja dele, o umbigo está lá, onde foi enterrado. O umbigo chama, puxa, prende o homem a sua terra.

Maria Vicêncio sabia que, por mais que relutasse, um dia a cidade também faria parte de sua travessia. Não sentia desejo algum pela aventura da viagem. Se sua vida era a da terra, em que ela vivia, o que faria agora longe de lá? Entretanto, preparava-se para se afastar do lugar onde havia nascido. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado, selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado. Os filhos tinham ido, mas voltariam um dia, seriam chamados. No ventre da terra, pedaços do ventre deles também haviam sido enterrados. Maria Vicêncio repetira com os filhos o mesmo gesto antigo e benéfico que a mãe dela tinha feito com ela um dia. (EVARISTO, 2003. p. 106)

Os romances de Evaristo revelam uma cartografia que gira em torno das temáticas da ancestralidade, da identidade cultural e do processo de desterritorialização, sendo que suas narrativas incorporam o lirismo da linguagem poética, fato que dá ao leitor a sensação de intimidade com a narrativa. No romance *Becos da memória* é possível perceber uma preocupação com o ato de narrar, de contar histórias, de perpetuar a experiência. Os becos descritos por

Evaristo revelam a figura do *griot*<sup>2</sup> e a partir das histórias guardadas e recontadas é possível traçar uma cartografia identitária da obra em questão, como se percebe no fragmento abaixo em que Maria-Nova carrega a certeza de que um dia contará a história de sua gente.

Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma.era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vês, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2006. p. 138)

Por meio das descrições dos caminhos e descaminhos percorridos pelos negros dentro dos dois romances, a autora nos revela suas escrevivências, e é justamente a partir dessa mistura entre a escrita de si e da escrita do outro, que Evaristo constrói os dois romances estudados. O processo de construção dos mapas identitários dentro da trama da autora pesquisada é, de certa maneira, o resultado do encontro desigual de culturas diversas, de memórias ancestrais, de vozes que foram por séculos interditas e obliteradas.

Conceição Evaristo integra um grupo de autores afrodescendentes que se preocupam com a imagem negativa ou estereotipada de homens e mulheres negras, representados na escrita dos autores brancos pertencentes ao cânone literário brasileiro. Estudos como esta dissertação e tantas outras pesquisas acadêmicas, demonstram que, apesar das dificuldades, a literatura escrita pelos afrodescendentes vem conquistando estrategicamente o seu espaço no cenário da crítica literária brasileira e, de forma mais lenta, na sala de aula do ensino básico.

Esta pesquisa acredita que há uma grande lacuna que demanda preenchimento, quando se fala em escrita afro-brasileira de autoria feminina. Portanto, esta dissertação é também uma contribuição para que tais escritoras possam alcançar a visibilidade tão merecida. Aliado ao interesse de contribuir para o estudo da literatura afro-brasileira e às questões étnico-culturais e sociais, este trabalho faz um estudo temático dos romances já citados. Nesse viés,

---

<sup>2</sup> Terno do vocábulo franco-africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes às quais, em geral, está a serviço. Presente sobretudo na África ocidental. (Nei Lopes. *Diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004, p.310).

buscamos construir uma cartografia da memória, analisando as identidades afrodescendentes a partir da percepção dos lugares.

As leituras das entrelinhas dos textos de Conceição Evaristo levam à percepção de mundo específica dos afro-brasileiros. A autora em questão apresenta literariamente a imagem de um Brasil marcado por tensões e contradições, um Brasil afro em que muitos recusam e poucos reconhecem suas origens étnicas. *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* transbordam de uma sensibilidade estética onde a opressão social e racial são denunciadas através do lirismo presente nas narrativas.

A pesquisa está disposta do seguinte modo: no capítulo 2, traçamos um breve histórico sobre a literatura Afro-Brasileira, discorrendo sobre os autores e a consolidação literária na contemporaneidade, segundo Eduardo Assis Duarte (2011). Ainda neste capítulo 2, evidenciamos a história de vida de Conceição Evaristo, a partir do princípio de que a narrativa romanesca de Evaristo tece uma escrita que evoca sua memória autobiográfica e de coletividade negra. A última parte do capítulo 2 dedicamos ao estudo das memórias ancestrais da própria autora.

No terceiro capítulo, trabalhamos a escrita da memória a partir do romance *Ponciá Vicêncio* e como escrita de Evaristo faz seu percurso memorial estabelecendo um diálogo com a ideia de diáspora negra. O capítulo 3 também aborda o processo migratório dos negros e como o sentimento de exílio e pertença estão presentes na obra.

No capítulo 4, trabalhamos com o romance *Becos da memória*, abordando como através da narrativa são reveladas as escrevivências da autora. Ainda neste capítulo 4, é feito um estudo acerca do *griot* e a tradição narrativa presente nos becos. A última seção do capítulo 4 analisa o sentimento de desenraizamento de não-pertença e, conseqüentemente, a ideia de entre-lugar.

No capítulo 5, investigamos os itinerários identitários nas duas obras. Neste capítulo, a representação da casa enquanto morada e como espaço eminentemente feminino assume um lugar preponderante na construção da identidade. Também traçaremos o mapa identitário das obras, e é exatamente aí que as categorias de memória, lugar e identidade se entrelaçarão, isso porque acreditamos que a identidade é sedimentada pelas memórias e percepção dos lugares onde se dão as experiências humanas. Para pensar e aprofundar as

questões colocadas por essa temática identitária buscamos apoio nas teorias identitárias dos Estudos Culturais e leituras de obras que discorrem sobre o pós-colonialismo.

É importante ressaltar que o estudo literário feito a partir da investigação das identidades negras e da percepção dos lugares e não-lugares dos negros, dentro da produção romanesca de Evaristo privilegiou as experiências humanas contidas nas obras. Evaristo, através de seus romances, possibilita a recriação de um momento espaço-temporal, oferecendo elementos que possibilitam ao pesquisador pensar o mundo pelo prisma tanto de quem conta, como de quem lê a obra, assim *Ponciá Vicêncio* e *Becos da memória* tornam-se um artefato capaz de transcender tanto o lugar do autor como o do leitor.

## 2 OS PRECURSORES DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

*“O hábito de escrever surgiu do esforço para superar bloqueios na oralidade. Com o tempo, a poesia como possibilidade de fazer contraponto à supremacia das imagens e discursos da brancura nas mídias do Brasil multicultural.”*  
(Jamu Minka)

O processo de consolidação da Literatura Afro-Brasileira mistura-se, em vários momentos, com a própria história do Brasil. A resistência ao colonizador, as lutas por liberdade, a busca por uma identidade nacional foram temas desvelados dentro da produção literária. Esse processo de colonização gerou várias consequências sociais e culturais e afetou por muitos anos de maneira significativa a produção literária local. Um breve olhar sobre a sociedade brasileira nos mostra que num primeiro momento, tentou-se instituir o modelo social vivido pelo colonizador, e a produção literária não fugiu à regra.

Desde os primeiros escritos literários produzidos em terras brasileiras, percebemos que Literatura não deu conta de representar os nativos indígenas de forma legítima. Essa não representação da figura indígena é a primeira demonstração de um etnocentrismo literário. Nesse sentido, percebe-se que desde seu começo, o processo de ficcionalização literária possibilitou a construção de um imaginário pautado exclusivamente em uma visão etnocêntrica, ou seja, a Literatura era a representação de indivíduos brancos, cristãos, europeus.

Da mesma forma que o índio fora marginalizado dentro das produções literárias a figura ou imagem do negro também aparece descrita de forma estereotipada. Essa postura perdurou por séculos e ocasionou a existência de lacunas e omissões que silenciaram muitas vozes, desqualificando muitos grupos sociais. A falta de acesso à educação negou aos negros a oportunidade de narrar e publicar suas histórias. Diante disso, ficava a cargo de autores não-negros escreverem sobre temas de interesse dos afro-brasileiros, tais como a escravidão, revoltas quilombolas e preconceito racial. Essa situação é descrita por Cuti (2010), em seu livro *Literatura negro-brasileira*.

Até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravização havia coisificado os africanos e sua descendência. A literatura, como reflexo e reforço das relações tanto sociais quanto de poder, atuará no mesmo sentido ao caracterizar as personagens negras, negando-lhes complexidade e portanto, humanidade. (CUTI, 2010. p. 16)

Com a chegada do africano e a formação do grupo populacional de afro-brasileiros, a cultura, os costumes praticados pelos negros começaram a se fazer presente em várias atividades artísticas. No caso especificamente da produção literária essa presença foi desvirtuada, como afirma Cuti na citação acima, faltava ao “negro personagem humanidade e complexidade”. Dito isto, precisamos entender que mesmo quando as publicações eram produzidas por brasileiros de origem mestiça percebia-se nelas uma tentativa dos brasileiros em tentar branquear o negro, ou seja, o negro precisava ser portador das mesmas virtudes dos brancos e conseqüentemente deveria ser destituído de sua identidade e de sua cultura. Como comprova a fala de Eduardo Assis Duarte ao comentar a presença do negro na literatura Brasileira.

Os estudos sobre a presença do negro na literatura brasileira, enquanto temática ou autoria, foram, por um bom tempo, exclusividade de pesquisadores estrangeiros, fato este que só vem comprovar a hegemonia da branquitude no país. (DUARTE. 2011. p. 28)

Ainda segundo Duarte (2011), podemos entender que a literatura é também um discurso cultural. Um espaço privilegiado para a construção de imagens e sedimentação de conceitos e construção de identidades. De acordo com Gregory Rabassa (1965), a partir do século XVIII a literatura começa a retratar as ideias do iluminismo francês e a discutir uma atitude humanitária em relação à escravidão, entretanto precisamos ressaltar que mesmo tendo o Brasil se filiado a tal atitude, foi somente a partir do século XIX, com o aparecimento de jornais de orientações políticas bem definidas, que as discussões acerca da escravidão ganharam uma voz firme, como comenta o próprio Rabassa:

Entre os jornais aparecidos nessa época havia um chamado *O Homem de Côr*, que começou a ser publicado em 1833 e mais tarde, mudou seu nome para *O Mulato*. Esse órgão era publicado por um grupo de mulatos jovens se especializou em denunciar exemplos de discriminação contra negros e mulatos. Evidentemente, lutava pela abolição da escravatura e pela

remoção de todas as proscricções raciais então existentes na vida nacional. Ao lado de ensaios e artigos sôbre os negros na nova imprensa brasileira, começaram também a aparecer numerosos trabalhos de ficção ou poesia com temas e heróis negros. A maioria dêsses negros era diretamente moldada ou fortemente influenciada por alguma das primeiras figuras da história brasileira, como Henrique Dias<sup>3</sup>. (RABASSA, 1965. p. 86)

O surgimento do jornal *O mulato* foi um dos muitos passos que precisavam ser dados para a futura consolidação da literatura Afro-Brasileira. A partir desse momento surge um grupo de poetas brasileiros que ficou conhecido como os *sertanejistas*. Nas publicações desse grupo, Rabassa afirma que “as descrições sobre os negros são muito mais realistas em suas intenções do que as dos românticos” (RABASSA, 1965. p. 87). Entretanto, não podemos esquecer que foi o último momento do romantismo que revelou a voz de Castro Alves, poeta que tratou os temas negros de maneira singular. De acordo com Rabassa (1965), os negros descritos pelo “Poeta dos Escravos” figuram um sofrimento causado pela percepção de que não só eles, mas seus descendentes deverão viver uma vida de servidão. Após a morte de Castro Alves, o poeta Celso de Magalhães põe em seus versos a figura de um negro que sonhava com a sua terra natal, a África, não mais como um reino mítico que nunca havia existido, mas sim como ela realmente era. No texto abaixo, Celso Magalhães usa seus versos para criticar a escravidão como base de sustentação econômica do império.

Maior quem é? Dize-o:  
O soberano? Não!  
De grande não tem título  
Quem nutre a escravidão.

A Monarquia? Egrégio  
Não pode ser o braço  
Que tem na garra trêmula  
A ponta do balaço,

Que o dente aguço, esqualido,  
Para morder aguça  
E tem sob os pés, pálido,  
Um povo que soluça.

Maior quem é? Dizei-o,  
Maior que a majestade  
De Osório – o vulto heróico;

---

<sup>3</sup> Figura que se tornou legendária no folclore negro durante a ocupação holandesa no nordeste brasileiro no século XVII.

Só Deus e a Liberdade!  
(MAGALHÃES. 1973. p. 47)

Com o advento do romance, principalmente a partir do romantismo, a caracterização do negro foi feita de forma mais clara, mas é preciso que se diga que o negro ainda figurava como personagem menor, e por vezes retratado como ser humano degradado socialmente. Ao falar sobre os precursores da Literatura Afro-Brasileira, não podemos esquecer de José do Patrocínio que foi, segundo Rabassa (1965), uma das vozes mais ativas na luta contra a escravidão no século XIX. O curioso é que apesar de toda sua luta contra a escravidão seu romance, *Motta Coqueiro (1877)*, praticamente caiu no esquecimento.

Em se tratando do texto em prosa, foi a partir do movimento realista-naturalista que a figura do negro alcança a visibilidade merecida. Ao falar do realismo, não podemos esquecer a grandiosidade daquele que é considerado por muitos críticos o maior expoente de nossa literatura, Machado de Assis. Durante várias décadas, Machado, que era mulato, fora acusado pela crítica literária canônica de não se preocupar com problemas enfrentados pelos negros. Entretanto, pesquisas recentes, como as de Eduardo Assis Duarte ao escrever “*A estratégia do caramujo*” refutam e demonstram que tais acusações não se sustentam mais. Octavio Ianni, em seu ensaio *Literatura e Consciência*, faz o seguinte comentário acerca da discussão sobre o negro na produção machadiana:

É possível imaginar que o modo pelo qual Machado de Assis “trabalhou” a escravatura e a negritude o tenham levado a uma excepcional decantação, sublimação. Um exorcismo às avessas. Parece que não lida e sim esquece ou menospreza o tema do negro brasileiro. Mas na verdade é aí que se encontra uma das raízes da sua forma de observar, criticar, parodiar um mundo social que pode ver desde uma perspectiva diversa, de baixo para cima, às avessas. O grotesco e o cruel parecem inerentes à ordem social e humana. Uma ordem social em que muitos brancos também são prisioneiros da miséria social. (IANNI. 1988. p. 91)

Não é objetivo dessa pesquisa discutir a representação do negro dentro da obra machadiana, mas o fato é que não se pode ignorar a validade de seus escritos e a forma como o negro é representado em seus textos, um exemplo significativo foram os vários artigos publicados com matérias abolicionistas pela Gazeta de Notícias, órgão do qual Machado era um dos sócios. Outro exemplo

que pode ser dado são suas crônicas que trazem como tema o cativo e as condições nas quais viviam os escravos. Infelizmente, mesmo após cem anos da morte de Machado, ainda há críticos e intelectuais brasileiros que se incomodam quando estudiosos estrangeiros se referem ao autor como afro-brasileiro.

O fato é que a acusação de renegar sua própria cor não paira somente sobre a figura Machadiana, vários outros autores negros também sofreram as mesmas acusações, entretanto não podemos esquecer que tais autores viveram em contextos históricos diferentes, nos quais as condições de publicações eram bem diferentes das atuais. Como já pontuamos, foi somente a partir do realismo que as publicações afro-brasileiras começaram a retratar as ansiedades, contradições, problemas e dificuldades de expressão e de inserção em uma sociedade que rejeitava a figura do negro, pois para a maioria da população o negro e o índio eram os responsáveis pelo atraso do país. Além dos nomes já citados, há nomes como os de: Luis Gama, Maria Firmina dos Reis, André Rebouças, Teodoro Sampaio, Lino Guedes, Abdias Nascimento, Solano Trindade, autores estes que não foram registrados pela historiografia literária convencional, mas que cada um a sua maneira e em sua época conseguiu fazer ecoar o discurso afrodescendente nos poucos espaços disponíveis, um discurso onde o negro conseguia demonstrar as suas potencialidades, sua cultura e sua identidade. Um exemplo disso é o poema “*Escalando a serra da barriga*”, compostos por Abdias Nascimento. A maneira como os versos vão sendo apresentados pelo poeta parecem convocar o leitor a escalar o poema, e o uso das aliterações faz lembrar o som do serrote. Abdias Nascimento (2011), usa seus versos para evocar a ancestralidade, as lutas como forma de vislumbrar um futuro melhor.

Esta é a minha herança prematura  
na integridade do seu amor  
na violência da luta passada  
no sacrifício certo do presente  
na certeza da vitória futura

Serra-templo ancoradouro  
de sonhos e ossadas africana  
da esperança o tesouro  
da negra dignidade humana  
Pré-doadado fui a esta herança vacante  
invulnerável sou ao raio inimigo  
pelo axé de Exu cingido  
desafio o golpe dos tratantes

Zâmbi Zumbi  
 Zambiampungo  
 Zumbi Zenith

Serra serrote serra a exploração  
 Ah serra da compaixão  
 Serra serrote serra humilhação  
 oh serra da libertação  
 Serra da Barriga (Alagoas), 24 de agosto de 1980  
 (NASCIMENTO. 2011. p. 28-31)

Nos escritos desses autores afrodescendentes que foram por tanto tempo abandonados pela crítica literária brasileira e que praticamente não são trabalhados pelos professores do ensino básico, nota-se que os personagens negros foram finalmente problematizados e colocados como sujeitos de sua história. Como se percebe no trecho do poema de Solano Trindade, que segundo Eduardo Assis Duarte (2011) foi o poeta que conseguiu ressignificar a história dos negros, contando-as por um “viés épico que desconstrói o discurso colonizador escravista”. (DUARTE, 2011. p. 402).

Sou negro  
 meus avós foram queimados  
 pelo sol da África  
 minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
 atabaques, gonguês e agogôs

Depois meu avô brigou com um danado  
 nas terras de Zumbi  
 era valente como quê  
 Na capoeira ou na faca  
 escreveu não leu  
 o pau comeu

Na minh'alma ficou  
 o samba  
 o batuque  
 o bamboleio  
 o desejo de libertação...  
 (TRINDADE, 2011. p. 403)

O fato do Brasil ser uma nação afrodescendente é uma questão já posta. Entretanto, essa nem sempre foi uma realidade aceita. As preliminares da ontologia crítica, organizada por Eduardo Assis Duarte (2011. p. 14), começa com a seguinte pergunta: “Pode o negro falar? Expressar seu ser e existir negros em prosa ou verso? Publicar?”. No parágrafo seguinte o próprio Eduardo dá a

resposta dizendo que “nem sempre” foi possível que o negro pudesse falar de sua condição de escravizado ou mesmo de homem livre em uma sociedade que os enxergavam como coisas. Ocorre que mesmo se encontrando em condição de invisibilidade não se pode esquecer que alguns autores conseguiram dar voz ao negro dentro do texto literário. Sobre isso Duarte comenta:

Os versos e enredos dos precursores explicitam o lento processo de superação da condição desumana a que estavam submetidos justamente pelos povos que proclamavam sua pretensa selvageria inata. Do ímpeto autobiográfico à oratória, ao poema, ao drama, à ficção, o negro sempre falou. (...) Dessas falas, por vezes isoladas, à constituição de uma literatura, muitos foram os caminhos e muitas as pedras. (DUARTE, 2006. p. 15)

Ainda segundo Duarte (2011), os precursores da literatura Afro-Brasileira tiveram uma importância fundamental e mesmo tendo trilhado muitos caminhos e ultrapassado as pedras que por ali encontravam, ainda hoje existem outras barreiras que atrapalham a tarefa de tornar mais visível a escrita da afro-brasilidade. Segundo Eduardo Assis Duarte (2000, p. 6) tais barreiras vão desde a “estigmatização dos elementos oriundos da memória cultural africana e o apagamento deliberado da história dos vencidos até ao modo explicitamente construído e não essencialista com que se apresentam as identidades culturais”.

Pensado em diminuir esse apagamento a que fora submetida a literatura Afro-Brasileira em 2011 foi lançada a coleção *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, organizada pelo professor Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca (participante do volume 4), sendo que a coleção está dividida em quatro livros, que trazem informações sobre os autores afro-brasileiros distribuídos por épocas: autores nascidos antes de 1930 (precursores), entre 1930 e 1940 (consolidação) e na segunda metade do século XX (contemporaneidade); e o quarto volume é dedicado a ensaios críticos. Ao propor a construção do conceito de literatura afro-brasileira, Eduardo de Assis Duarte conclui seu ensaio no quarto volume da coleção com a seguinte fala:

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar uma escritura que seja não apenas a expressão dos afrodescendentes enquanto agentes de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. Daí seu caráter muitas vezes marginal, porque fundado na *diferença*, que questiona e abala a trajetória

progressiva e linear de nossa história literária (DUARTE, 2011, p. 400).

A fala de Eduardo permite perceber que a publicação dessa antologia foi um passo importante para revisão do cânone, ela lança um novo olhar sobre as produções literárias provenientes de grupos considerados menores, mas que demonstraram e demonstram ser capazes de integrar não só a literatura, mas toda e qualquer forma de arte. Permite vislumbrar autores brasileiros afrodescendente que conseguiram através de seus escritos estabelecer um diálogo com os seus, conseguiram partilhar suas dores, suas lutas e fundamentalmente suas conquistas. Ainda segundo Eduardo Assis Duarte (2006. p. 20), esse diálogo nem sempre fica evidente aos olhos de um leitor desavisado “pode surgir como uma bruma da ironia ou pela incidência de um tema, procedimento, ou mesmo reiteração de determinadas imagens”.

A partir do exposto, percebemos que a Literatura Afro-Brasileira e a representação do negro por esta, percorreram um longo percurso para se legitimar como publicação de valor estético. Porém, a Literatura Afro-Brasileira tem ainda um longo caminho a percorrer, para que seja reconhecida pela cultura hegemônica branca e a crítica literária canônica. Caminho este em que o negro tenta significar de forma positiva sua autoimagem ou autorepresentação a partir de um “olhar de dentro”, das próprias experiências e da experiência vivenciada pelo seu grupo étnico-racial, bem como dessa relação com os brancos ou não negros. A identidade negra é construída nesses lugares e entre-lugares onde são afirmadas as relações de pertencimento e auto-reconhecimento dessa identidade.

## **2.1 Literatura Afro-Brasileira Contemporânea**

A figura do negro nunca foi tão estudada no ambiente acadêmico como no início do século XXI e a crítica literária não se furtou desse debate. Entretanto, é notório que muitos dos críticos, que por sinal ocupam lugar privilegiado na academia, ainda questionam a validade de uma Literatura Afro-Brasileira. Um dos argumentos utilizados pelos que defendem o cânone literário pautado no modelo europeu é de que o conceito de Literatura pressupõe uma condição estética

universalizante, assim não pode possuir cor, “raça”<sup>4</sup>, gênero. Acerca dessa descrição equivocada do negro na Literatura Brasileira, Conceição Evaristo, em seu ensaio “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, afirma:

Nesse sentido, parece que a literatura, ao compor o personagem negro, ora como um sujeito afásico, possuidor de uma “meia-língua”, ora como detentor de uma linguagem estranha e incapaz de “aprender” o idioma do branco, ou ainda como alguém anteriormente mudo e que ao falar simplesmente “imita”, “copia” o branco, revela o espaço não-negociável da língua e da linguagem que a cultura dominante pretende exercer sobre a cultura negra. (EVARISTO, 2005. p. 204)

A fala de Evaristo aponta o problema da hegemonia cultural, presente na crítica ocidental e canônica do branco, delatando essa eugenia que tenta se firmar como cultura de uma suposta supremacia “racial” do branco. Esta supremacia que não se sustenta enquanto cultura, nem do ponto de vista biológico. Evaristo alerta para a importância da linguagem como fator preponderante no processo de dominação, uma vez que retratar o negro como ser desprovido de linguagem seria assumir que eles são incapazes de se auto-retratarem literariamente. A história da escravidão do africano e de seus descendentes, assim como da colonização europeia, apoiaram-se na exploração da mão-de-obra escrava e na tentativa de desumanizar o colonizado, por meio do apagamento da memória, da mutilação ou degradação da autoestima do negro. A representação do negro nas narrativas orais ou escrita dos brancos foram assustadoramente eficientes para aniquilar ou perverter a mentalidade da diáspora negra, no que Fanon (1956) classifica como “*Pele negra, máscaras brancas*”. Acerca desse preconceito racial, forjado pelo branco, Cuti assinala que:

A discriminação (prática do preconceito que se constitui na rejeição do outro, seja por desqualificação verbal, seja por agressão física) instala-se não apenas no relacionamento entre as pessoas. A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por

---

<sup>4</sup> Esta pesquisa não trabalha com o conceito de “raça” por acreditar que este conceito antropológico construído socialmente não tenha sustentação científica, servindo assim para estigmatizar um determinado grupo de pessoas.

aqueles que não se negam a refletir profundamente as relações raciais no Brasil. (CUTI, 2010. p. 25)

A Literatura Afro-Brasileira diferencia-se do modelo canônico ao apresentar, em suas linhas ficcionais, um engajamento, um comprometimento com a causa e os problemas do negro. Cuti problematiza a discriminação a partir da obra literária. Quando o autor negro escreve seu texto, ele o faz a partir de sua experiência e de sua subjetividade. Para Eduardo Assis Duarte (2011), não basta ser afrodescendente ou simplesmente escrever sobre tal tema, é preciso elevá-lo a uma perspectiva relacionada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse segmento da população.

Em seu artigo *Literatura Afro-Brasileira: um conceito em construção*, Duarte (2008) salienta que há alguns aspectos relevantes que diferenciam a escrita literária negra das demais formas de Literatura. Estando entre eles a temática e a autoria, sendo que no primeiro aspecto o negro figura como tema principal e é visto não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico”, já no segundo aspecto tem-se a imposição de uma escrita puramente Afro-Brasileira, e que de acordo com Eduardo “abraça as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador”. (DUARTE, 2008, p. 12).

O artigo escrito por Duarte salienta que a escrita negra possui uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos, um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas da África e inseridas no processo transculturação a que o Brasil passou desde sua colonização. É imensa a contribuição do idioma africano na produção literária afrodescendente, segundo Duarte (2008) a literatura produzida por esses escritores afro-brasileiros é permeada de registros de oralidade.

A partir da década de setenta, o cenário literário brasileiro presenciou uma significativa mudança, isso porque alguns escritores começaram a ressignificar a figura do negro na Literatura Brasileira. Esse processo de ressignificação concretizou-se, principalmente porque esses escritores também sentiam-se vítimas do processo de estereotipização imposto dentro do círculo literário e intelectual. É também a partir da referida década que tomam gás as articulações de várias nações para conjuntamente combaterem o racismo.

Uma data importante citada por Duarte (2011) em sua *Ontologia Crítica* é o ato público contra o racismo, realizado em São Paulo no dia 7 de julho de 1978. Esse ato foi uma forma de demonstrar insatisfação contra a repressão imposta pelo regime militar e contou com a presença de Abdias Nascimento e proporcionou, posteriormente, a criação do MNU (movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial), para Duarte (2011. p. 26) esse foi um “passo importante para a abertura política que então se iniciava e para a rearticulação das vozes afrodescendentes de nossas literaturas, até então restritas a esparsas publicações individuais”.

É nesse cenário que surgem alguns importantes grupos de escritores negros. O primeiro grupo iniciado no Rio de Janeiro ficou conhecido como “Negrícia”; em Porto Alegre nasce o “Palmares”; já da Bahia surge o “Gens” e de São Paulo nasce o “Quilombohoje” que se encontra em atividade até hoje. Deste último grupo citado nasce o primeiro exemplar dos *Cadernos Negros*, livro que reúne contos e poemas e têm como princípio a valorização da imagem do negro em uma literatura elaborada pelos próprios afrodescendentes. O Quilombohoje tinha como objetivo discutir o papel do negro na Literatura Brasileira e mantinha atividades separadas das publicações dos *Cadernos*, funcionava mais ou menos assim: os autores escreviam para os *Cadernos Negros* e discutiam suas produções no Quilombohoje.

É preciso dizer que o negro retratado nos *Cadernos Negros* não é somente o escravizado, na condição de objeto ou estereotipado, mas o negro cuja imagem é representada de forma positiva e humanizada. Para Duarte (2011. p. 27), tal publicação demonstra uma “solidariedade para com os irmãos do continente de origem, uns em luta pela autonomia política, outros contra o apartheid então em vigor na África do Sul”. A apresentação do número 1, por exemplo, soa como manifesto e reafirma proposta desses escritores:

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África, vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das idéias que nos enfraquecem e que só servem aos que querem nos dominar e explorar. (CADERNOS NEGROS v1, 1978, p. 02)

Os *Cadernos Negros* emergem com o intuito de afirmar literária e coletivamente as vozes de homens e mulheres afro-brasileiros. Desses escritos ecoam vozes irmanadas que conseguem transcender o tempo e o espaço ao qual foram aprisionadas. Por ocasião da primeira edição dos *Cadernos em 1978*, vários países africanos deixaram de ser colônias dos países europeus. Ainda no contexto de 1978, a ONU elegeu esse ano como “Ano Internacional Anti-apartheid”. Nos EUA ainda ressoavam as vozes do “Black Panthers” e o “Black Arts Movement” que preconizavam uma estética negra na arte. No Brasil, o CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra) ganhava força.

O nome *Cadernos Negros* foi escolhido porque a maioria dos escritores que participavam do projeto, não possuía máquina e escrevia seus poemas em cadernos. Os autores que participavam dessa publicação se reuniam para discutir os próprios textos, que seriam publicados em forma de antologia, e textos de outros autores, como Solano Trindade, Lima Barreto, dentre outros. Segundo Maria de Nazareth Soares Fonseca (2006), a proposta inicial dos *Cadernos Negros*, na década de 70, era fortalecer a literatura negra e que a partir dessa publicação se debatessem assuntos pertinentes à etnia negra, trabalhando a partir do texto a relação entre literatura e as motivações sócio-políticas. Os primeiros textos da coletânea buscavam, como afirma Miriam Alves (2002), “desconstruir uma tradição literária que exclui a produção literária marcadamente política”. Nesse sentido, a publicação da série *Cadernos Negros* emerge como a legitimação de uma literatura na qual escrita pelo próprio negro demonstra que a chamada “democracia racial” é inexistente no Brasil.

O fato é que por assumir um teor político muito forte os textos dos autores publicados nos *Cadernos Negros* sofreram sérias críticas no meio acadêmico. Segundo Miriam Alves (2002). As mais severas acusavam os textos de serem puramente políticos e desprovidos de literariedade. Desde as primeiras edições dos *Cadernos Negros* são publicados com subtítulos distintos, sendo um deles voltados para os contos e o outro para poemas, ou seja: poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiros. Essas publicações dão uma significação mais ampla, a questão étnica, permitindo principalmente nos poemas, que a voz e a cor de homens e mulheres negras transbordem dentro dos textos, sem abandonar a perspectiva ideológica própria da Literatura Afro-Brasileira. Como se percebe no poema abaixo escrito por Cuti:

## TORPEDO

irmão, quantos minutos por dia  
a tua identidade negra toma so  
nesta prisão de segurança máxima?

e o racismo em lata  
quantas vezes por dia é servido a ela  
como hóstia?

irmão, tua identidade negra tem direito  
na solitária  
a alguma assistência médica?

ouvi rumores de que ela teve febre alta  
na última semana  
e espasmos  
– uma quase overdose de brancura –  
e fiquei preocupado.

irmão, diz à tua identidade negra  
que eu lhe mando um celular  
para comunicar seus gemidos  
e seguem também  
os melhores votos de pleno restabelecimento  
e de muita paciência  
para suportar tão prolongada pena  
de reclusão.  
diz ainda que continuamos lutando  
contra os projetos de lei  
que instauram a pena de morte racial  
e que ela não tema  
ser a primeira no corredor  
da injeção letal.

irmão, sem querer te forçar a nada  
quando poderes  
permite à tua identidade negra  
respirar, por entre as mínimas grades  
dessa porta de aço  
um pouco de ar fresco.

sei que a cela é monitorada  
24 horas por dia  
contudo, diz a ela  
que alguns exercícios devem ser feitos  
para que não perca completamente  
a ginga  
depois de cada nova sessão de tortura.

irmão, espero que esta mensagem  
alcance as tuas mãos.  
o carcereiro que eu subornei para te levar o presente  
me pareceu honesto  
e com algumas sardas de solidariedade.  
irmão, sei que é difícil sobreviver

neste silencioso inferno  
 por isso toma cuidado  
 com a técnica de se fingir de morto  
 porque muitos abusaram  
 e entraram em coma.

fica esperto!  
 e não esquece o dia da rebelião  
 quando a ilusão deve ir pelos ares.

um grande abraço  
 deste teu irmão de presídio  
 assinado:  
**zumbi dos palmares.**  
 (CUTI. 2007. p. 136)

Cuti usa o verso para conclamar seus irmãos afro-brasileiros a libertarem sua consciência negra da prisão física e ideológica a qual se encontram cativos. O “torpedo” usado pelo poeta, mais que uma forma de linguagem é uma ferramenta de luta contra a alienação. Em várias passagens do poema Cuti se solidariza com seu interlocutor e o trata como “irmão”, substantivo este que dá aos versos uma forte carga emocional e a partir desse sentimento de irmandade autor e leitor podem juntos lutar contra o silêncio imposto pelo discurso hegemônico. Pode-se dizer que a publicação dos *Cadernos Negros* foi a que alcançou maior visibilidade, entretanto não devemos deixar de lado várias outras iniciativas voltadas para a produção afrodescendente. Em muitos casos essas publicações menores são lançadas em edições reduzidas e na maioria dos casos são bancadas pelos próprios autores, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Acerca disso Duarte diz:

De fato a situação atual dos estudos literários nesse campo aponta para a necessidade de adensamento da recepção crítica dessa produção, em especial no momento presente, que demanda a inclusão dos estudos afro-brasileiros nos currículos escolares de todo país por exigência da lei nº 10.639/2003. (DUARTE, 2006. p. 32)

A fala de Duarte (2006) nos lembra a existência da lei 10.639/2003. Ocorre que o fato da lei existir não é garantia de que a mesma será cumprida e esse não cumprimento da referida lei tem sido um problema sério enfrentado no círculo escolar. Ultrapassando a barreira escolar a internet tem ajudado de maneira significativa na divulgação das produções afrodescendentes. Na contemporaneidade já é possível encontrarmos produções da literatura

afrodescendente através de: blogs, sites e revistas em formato eletrônico. Esses canais eletrônicos tem sido usados para falar das lutas sociais travadas pelo povo negro e uma preocupação em afirmar a cultura afrodescendente. Blogs como “*Pele Negra*”, “*Poesias de raízes negras*” e sites como “*Palmares*” e “*Mulher Negra e Cia*” têm contribuído na batalha pela melhoria das condições de vida da população brasileira, sobretudo, do povo negro.

## 2.2 Conceição Evaristo: Tecendo a Teia com Palavras

Pode parecer recorrente começar a análise literária contando um pouco sobre a vida e obra do autor pesquisado, alguns poderão supor que o senso crítico deve priorizar o textual, e não onde o autor nasceu, onde estudou, como foi sua infância. Entretanto é preciso por em evidencia a memória autobiográfica, que no caso da romancista Conceição Evaristo a memória pessoal é parte do substrato que compõe a composição da autora. Os romances de Evaristo são compostos a partir de suas experiências, fato que segundo a própria autora, transformaram ao longo dos anos o seu processo criativo em escrevivências. Cabe salientar que o fato de Evaristo revelar suas próprias experiências dentro da narrativa de seus romances não diminui em nada o valor literário de sua obra, na verdade ousamos dizer exatamente o contrário, ou seja, as memórias pessoais que em muitos momentos dos dois romances estudados conduzem o fio narrativo, acabam enriquecido o texto da autora. Comparemos o fragmento de o trecho de um texto de Evaristo publicado em *Mulheres no Mundo* e um fragmento do romance *Becos da memória*.

Tinha para contar sobre uma senzala que hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (...) Maria-Nova fitou a professora, fitou seus colegas, havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascida de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço. (EVARISTO, 2006, p. 138)

As memórias de Maria Nova se confundem com as lembranças da autora, pois personagem e autora são fruto de uma realidade conflituosa, fruto de várias histórias vividas e não-vividas por elas.

Ler foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meu também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho. (EVARISTO, 2005, p. 201)

Os dois fragmentos acima demonstram as semelhanças entre a história pessoal de Conceição Evaristo e a história ficcional de seus personagens. Maria-Nova consegue comparar a favela com a senzala e ao fazer isso percebe que há vários tipos de escravidão. A menina, assim como Evaristo, sente-se lesada em seus direitos fundamentais, e apesar de saber que os cativos da favela estavam distantes no tempo e no espaço dos cativos da senzala, a ideia de cativo ainda os irmanava. As mulheres da ficção de Evaristo de certa forma são a representação de uma condição social e existencial vivida pela própria autora. É como se a romancista se desnudasse em palavras e se revestisse de um lirismo para apresentar um sujeito feminino que se reconhece como tal, um sujeito que é construtor de sua própria história e por isso se destaca ao tecer as relações que movem o mundo. A mulher negra dos romances Evaristo é o abrigo da ancestralidade a geradora de uma etnia que precisa se firmar como sujeito social e político. É a partir dessa visão do feminino como sexo forte que começamos a historiar a vida e a escrita da autora em questão.

Maria da Conceição Evaristo nasceu no dia 29 de novembro de 1946, mineira de Belo Horizonte, filha de Dona Joana e de José. Entretanto a autora sabe muito pouco sobre seu pai biológico, fato que talvez esteja relacionado à construção da protagonista do romance *Ponciá Vicêncio*, em que as memórias sobre o pai são fragmentadas ou raramente lembradas.

Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roca, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era tempo de colheita e ele passava o tempo todo lá na fazenda. (EVARISTO, 2003. p. 17)

Por não ter tido contato com seu pai de sangue, a autora considerava seu padrasto, o senhor Aníbal Vitorino, como sendo seu verdadeiro pai. Ao completar sete anos, a menina Conceição foi morar com sua tia Maria Filomena que era casada com Antônio João da Silva, (também conhecido como Tio Totó), esse tio fora viúvo de outros dois casamentos dos quais não tivera filhos. Foi João da Silva que deu origem ao Tio Totó ficcional recriado literariamente no romance *Becos da Memória*. Tio Totó era pedreiro e a Tia Lia, lavadeira, como sua mãe. Aos oito anos surgiu seu primeiro emprego doméstico. A própria Conceição comenta sua infância em uma entrevista concedida a Eduardo Assis Duarte.

Tive uma infância de desejos frustrados e de muitas e muitas indagações. Foi nesse tempo, talvez, que apurei minha sensibilidade para o enfrentamento com o mundo. Muitas vezes assisti minha mãe chorar porque não tinha o que nos dar de comer. Faltavam roupas, sapatos, água, mas não faltava a esperança. E não faltava a presença de minha tia, irmã mais velha de minha mãe. Ela também pobre, mas casada com um servente de pedreiro e sem filhos, podia dividir o pouco que tinha conosco. (EVARISTO . 2011. p. 103)

No artigo “*Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*” (2007, p. 18), pudemos entender como se deu o processo de aquisição da escrita e da leitura por Conceição Evaristo. Em tal artigo a autora de *Becos da memória* rememora o papel fundamental que as mãos de lavadeira de sua mãe tiveram no exercício de copiar. Nesse artigo, Evaristo conta que Maria Filomena da Silva, “tinha por hábito anotar resumidamente, em folhas de papéis, datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica a acontecimentos sociais ou religiosos” (2007, p. 18). Conceição Evaristo já deixou claro em várias entrevistas que concedeu ao longo de sua vida, que o início e a forma de sua escrita está intimamente ligada ao acúmulo de lembranças de sua meninice.

No ato criativo de “imitação da vida”, no movimento de discordância e/ou de concordância com a existência que lhe é consentida, ou com aquela que a sua percepção lhe permite alcançar, o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico. Sinais esses que, como marcas textuais, podem ser capturados nas linhas e muito também nas entrelinhas dos textos. (EVARISTO, 2012. p. 19)

Ao terminar o primário, em 1958, Conceição Evaristo ganhou o seu primeiro prêmio de literatura, vencendo um concurso de redação que tinha o seguinte título: *Por que me orgulho de ser brasileira?*. A beleza da redação era indiscutível entre os professores, entretanto houve “uma certa” discordância dos professores em relação ao prêmio, pois alguns mestres diziam que Conceição não merecia a premiação uma vez que seu comportamento em sala de aula não era dos melhores, mas ao final do impasse a menina Evaristo conseguiu o merecido reconhecimento. Apesar da pobreza o contato com a leitura sempre foi uma marca na família da autora, como declara a própria Evaristo em entrevista concedida a Eduardo Assis Duarte:

Cresci escutando histórias narradas por minha mãe, tias e tios. Histórias da escravidão, de princesas, de assombrações e outras. Os causos sobravam pelos cantos de minha casa. Durante muito tempo nem rádio tínhamos, televisão assistíamos vez ou outra na casa de uma vizinha. E já que a imagem televisiva não invadia a nossa casa, o nosso imaginário foi se apurando no exercício de uma invenção própria, a partir daquilo que nos cercava. (EVARISTO, 2011. p. 104)

O curso Ginásial de Conceição Evaristo teve várias interrupções e foi a partir dos seus dezessete anos que a autora começou a viver intensamente discussões relativas à realidade social. Foi nesse mesmo período que a autora de *Ponciá Vicêncio* participou do JOC (Juventude Operária Católica) que, como outros grupos católicos, promoviam reflexões que visavam comprometer a Igreja com a realidade brasileira dos menos favorecidos. As questões étnicas só entrariam objetivamente nas discussões da escritora na década de 70, quando parte de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro.

No Rio, como uma cidade grande, tudo explode com maior rapidez, tanto os problemas como as tentativas de possível solução. É ainda um espaço em que as notícias correm rapidamente, em que os movimentos sociais experimentam suas forças, fomentam suas reivindicações e muitas vezes obtêm suas respostas. Nesse sentido, as demandas da população afrodescendente aparecem vinculadas pelos vários espaços do Movimento Negro, partidos políticos, ONGs, instituições acadêmicas. (EVARISTO, 2011. p. 107)

Em 1975, já no Rio de Janeiro, Conceição Evaristo prestou concurso para o quadro de magistério na Cidade de Niterói, local em que trabalhou quase dez anos, como professora do Supletivo. Em 1976, ela fez o vestibular para o curso

de Letras na UFRJ. Nesse mesmo ano também conheceu seu futuro marido, o senhor Oswaldo Santos de Brito, e com ele teve a sua única filha, Ainá Evaristo de Brito, portadora de uma síndrome genética que comprometeu o seu desenvolvimento psicomotor. O marido de Conceição Evaristo faleceu em 1989.

Em 1993, Conceição Evaristo é aprovada para o curso de Mestrado em Literatura Brasileira na PUC/RJ, onde defendeu a dissertação *Literatura Negra: uma poética da nossa afrobrasilidade*, em 1996. Atualmente, mesmo aposentada, Conceição Evaristo vem trabalhando como professora convidada em cursos de especialização de professores, ministrando cursos relacionados à literatura, à educação, ao gênero e à etnia. A autora concluiu recentemente seu Doutorado em Literatura Comparada, na Universidade Federal Fluminense, UFF, cujo objeto de tese é a Literatura Afro-Brasileira em confronto com a Literatura Africana de Língua Portuguesa. Ainda segundo Evaristo suas pesquisas dedicam-se ao estudo da literatura afro-brasileira porque ainda hoje há “uma forte tendência em invisibilizar o negro” (EVARISTO in, 2012. p.20).

A condição dos africanos e seus descendentes como “corpos escravos”, “objetos a serem usados” no período escravocrata deixou as suas conseqüências no pensamento e na organização social até os dias de hoje. Experimentando outras formas de exclusão, os afro-brasileiros ocupam um lugar incomodo na sociedade brasileira. A visão do corpo negro como “coisa” desprovida de qualquer subjetividade deixou as suas reminiscências na literatura brasileira. Encontramos ainda textos em que metaforicamente o negro surge aprisionado por um olhar que insiste em considerá-lo como o estranho, o diferente, o Outro. O corpo negro aparece como um simples *objeto* a ser descrito. (EVARISTO, 2012. p. 23)

Após esse breve histórico acerca da vida da autora percebemos como suas memórias emanam de sua escrita, em várias passagens o texto cativa o leitor ao revelarem que sua lembranças estão, de certa forma, irmanadas com as dores dos invisibilizados socialmente, como é o caso das ausências de Ponciá na obra homônima que significam ora a afirmação e ora a negação da identidade de Ponciá. Ao ausentar-se do presente a protagonista reativa memórias e lembranças do passado, de lugares e pessoas.

Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela?

Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência. Antes gostava de ler. (EVARISTO, 2003. p. 90)

Ponciá não reconhece o tempo e o lugar presentes como território de pertencimento e autorreconhecimento. Na condição de mulher e negra, ela se sente cada vez mais invisível no presente e essa invisibilidade a distancia de toda e qualquer relação afetiva. Além dos dois romances em análise, Conceição Evaristo também é autora de vários contos e poemas. Esses outros escritos revelam uma escritora capaz de ressignificar a figura da mulher, descrevendo com delicadeza acerca da pele, dos cabelos e do corpo feminino, elementos normalmente atacados pelo preconceito racial. O fragmento do poema Eu-Mulher é também uma forma de demonstrar a experiência vivenciada pelo sujeito feminino:

Eu-Mulher  
 Uma gota de leite  
 me escorre entre os seios.  
 Uma mancha de sangue  
 me enfeita entre as pernas  
 Meia palavra mordida  
 me foge da boca.  
 Vagos desejos insinuam esperanças.  
 Eu-mulher em rios vermelhos  
 inauguro a vida.  
 Em baixa voz  
 violento os tímpanos do mundo.  
 Antevejo.  
 Antecipo.  
 Antes-vivo  
 Antes - agora - o que há de vir.  
 Eu fêmea-matriz.  
 Eu força-motriz.  
 Eu-mulher  
 abrigo da semente  
 moto-contínuo  
 do mundo.  
 (EVARISTO. 1990. p. 30)

O poema acima é uma maneira de escrevivenciar o eu feminino onde o corpo da mulher é talhado e descrito por significantes responsáveis pela função geratriz sem esquecer ou banalizar o erotismo feminino. Percebe-se também uma ruptura com a visão preconceituosa onde a mulher é retratada como mero objeto sexual. Nos poemas de Evaristo a mulher negra é livre para exercer sua sexualidade sem se preocupar com o moralismo imposto pela colonização, quando os senhores saciavam seus desejos sexuais com as escravas, mas

escondiam o fato a sete chaves. Para Cuti (2004), a poesia erótica negra atua como elemento libertador da repressão física a que os negros foram continuamente submetidos.

A história e a dominação cotidiana marcaram o corpo como objeto de uso do branco. A via erótica da poesia negra atua no sentido da ruptura com essa continuidade e de outras formas de repressão física e psicológica. Na volúpia revela o seu poder de seduzir. Reconhecer nos órgãos genitais esta capacidade é redirecionar e reavaliar hábitos e costumes (CUTI, 2004. p. 13).

Outro elemento constante na poesia afro-brasileira de Conceição Evaristo são as alusões ao passado, parece que ao reconhecer a ancestralidade negra a autora conta a sua própria história e nesse sentido, as alusões ao passado emergem do texto como um eco de resistência à imposição da cultura hegemônica européia aos africanos durante a escravidão. Ao recuperar elementos culturais Evaristo restabelece também a sua dignidade e de sua gente ao afirmar a sua identidade negra. A sonoridade, a polifonia, o ritmo diferenciado são também características associadas à poesia negra escrita por Evaristo como é observado no poema abaixo:

#### VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
 recorre todas as nossas vozes  
 recolhe em si  
 as vozes mudas caladas  
 engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
 recolhe em si  
 a fala e o ato.  
 O ontem - o hoje - o agora.  
 Na voz de minha filha  
 se fará ouvir a ressonância  
 o eco da vida-liberdade.  
 (EVARISTO , 1990. p. 32)

O poema acima revela uma história na qual estão envolvidas várias gerações distintas, tais como: a bisavó, a avó, a mãe, a filha, além da personificação do eu-lírico e da subjetividade da escrita poética. As vozes femininas ecoam como uma oração, uma espécie de prece pela liberdade. Essa alusão ao elemento religioso revela a fé que se manifesta no eu-lírico feminino em relação ao futuro ao futuro da filha. Essa fé cultivada pelas mulheres do poema é também a demarcação da identidade negra, uma identidade pautada na religiosidade.

### **2.3 Ecos da Ancestralidade na Obra de Conceição Evaristo**

As questões memoriais, culturais e identitárias têm sido trabalhadas de maneira diversa nas obras literárias afro-brasileiras. Ao escrever acerca dessas temáticas Evaristo faz ecoar o discurso de grupos sócias considerados subalternos trazendo a tona as memórias ancestrais da diáspora negra. Nesse sentido, o conceito de ancestralidade assume na presente pesquisa um papel preponderante. É através dele que conseguimos entender o modo pelo qual diferentes legados da tradição cultural africana se faz presente em nossos dias.

Segundo Oliveira (2007), a ancestralidade não funciona como uma máquina mental do sujeito, que possa ser ligada e desligada a qualquer momento. Ela é um elemento que se expressa nas pessoas, na comunidade, que se faz visível em seus corpos, portanto é uma construção coletiva. Para esta pesquisa o conceito de ancestralidade ajuda a pensar as experiências de africanos, africanas e seus descendentes em terras brasileiras, mostrando a importância de

ressignificar as histórias dos negros e negras que ao perceberem os elos ancestrais conseguem se sentir pertencente ao grupo. Conceição Evaristo no poema “Recordar é preciso” liga o elemento água à ideia de ancestralidade. O mar carrega a memória ancestral de todos os diaspóricos que pereceram no atlântico.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento de vaivém nas águas-lembranças  
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente naufraga.

Mas os fundos oceanos não me amedrontam  
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas.

(EVARISTO,1992. p. 17)

No poema acima, Evaristo apresenta uma memória que apesar de adormecida não abandona o laço ancestral. Trata-se de uma memória que apresenta ao leitor uma identidade fragmentada pela experiência de ser um diaspórico. O mar do atlântico representa a separação e a tentativa de apagamento da origem africana daqueles que foram trazidos para o “novo mundo” e que foram submetidos a novos costumes. Nesse contexto, o mar e as lágrimas que salgam o rosto dos diaspóricos se confundem por isso “recordar é preciso”. Quando o eu-lírico se diz “eternamente naufraga” é como se estivesse falando da impossibilidade de regresso ao antigo lar e lembrar do mar onduloso seria também pensar na violência da escravidão, pensar nos mortos que durante a travessia se transformaram em um mistério ancestral que subsiste além das águas. Apesar da fragmentação identitária, da impossibilidade de retorno e das experiências traumáticas vividas além-mar os negros descritos por Evaristo não se sentem imobilizados, pois são as memórias sofridas que nunca poderão ser falseadas que os lança para construção de um futuro melhor e perpetua a ancestralidade.

Em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* notamos a presença da ancestralidade através das descrições do culto aos antepassados e das representações religiosas. O elemento ancestral é perpetuado através das

memórias contadas pelos mais velhos e ajudam a consolidar e a dar visibilidade a matriz identitária de um povo que foi retirado de sua pátria mãe de maneira arbitrária e que ao chegar a uma nova terra precisa estabelecer novos laços culturais sem esquecer os laços originários. Como comenta Dejour Dionísio ao dissertar sobre as questões da ancestralidade presentes na obra de Evaristo.

Assim como a protagonista Ponciá Vicêncio se revela como uma herdeira de uma herança ancestral, Conceição Evaristo dá prosseguimento a uma linhagem de escritores (as) que escrevem a partir de uma visão interna da história literária de produção que foram mantidas na invisibilidade canônica oficial, mas que demonstra ter uma ligação com os escritores que, como já destacamos, remontam ao encontro dos escritos de Maria Firmina dos Reis, com Carolina Maria de Jesus, com Geni Guimarães e, recentemente, com Ana Maria Gonçalves. (DIONÍSIO, 2010. p. 90)

Essa herança ancestral, presente na obra de Evaristo, de que fala Dionísio (2010), revela novos valores culturais, uma realidade concreta vivida pela maioria dos países colonizados. Nesse sentido, a citação acima salienta que a literatura produzida no Brasil por autores afrodescendentes pode ser entendida como uma nova seara onde figuram o encontro de culturas diversas, onde a cultura de matriz africana interage com a cultura local, essa interação não deixa que o elemento ancestral seja apagado da memória dos seus descendentes e permite a reinvenção da África na América. A ancestralidade é parte da própria identidade negra, é uma essência que não pode ser roubada deles na travessia do Atlântico e a partir de tal essência o negro conseguiu preservar sua cultura para resistir ao cativeiro das senzalas que mais que o corpo aprisionava as almas.

Outro traço da ancestralidade presente nos dois romances de Conceição Evaristo é revelado através da figura dos velhos. A esse respeito Oliveira (2007, p. 50), comenta que nas sociedades africanas, os velhos sempre tiveram um importante papel dentro das decisões tomadas pela comunidade. Nesse sentido, os mais velhos figuram como eixo central da organização do grupo familiar tornado-se o elo entre o passado e o presente, contribuindo para resguardar os valores comuns aos grupos étnicos africanos.

Nas obras em estudo, a ancestralidade não é apresentada como categoria passiva, mas sim uma forma ativa de reconstrução identitária e talvez por isso o apelo memorial assumiu uma simbologia tão grande. Em Ponciá

Vicêncio e Becos da memória as lembranças e o esquecimento estão intimamente ligados à tradição resguardada por aqueles que são detentores de uma experiência de vida maior, assim fica a cargo dos mais velhos lembrar o que os antepassados fizeram para que assim seja preservada a memória dos acontecimentos do grupo, como fica claro no trecho abaixo de Becos da memória.

Havia muito que bondade não contava história nenhuma para Maria-Nova. Tio Totó contava sempre alguma, Maria-Velha também. A tia contava as dela e as da irmã Joana; contudo, à medida que Maria-Nova crescia, ela ia intuindo; ia lendo as histórias nos olhos, na expressão linda e triste da mãe. A menina andava ansiosa para que Bondade lhe contasse alguma. Fatos estavam acontecendo, muitas coisas ela percebia, mas só conseguia um melhor entendimento, por meio das narrações que ouvia. Ela precisava ouvir o outro para entender. (EVARISTO, 2006. p. 53)

A citação acima deixa claro que a memória dos mais novos é construída a partir nas narrativas ancestrais dos mais velhos. Evaristo usa a figura do velho para promover a questão ancestral com isso consegue reproduzir cenários onde a miséria emerge como personagem capaz de ligar de forma visceral os afro-brasileiros com o povo africano, é como se a autora em questão estabelecesse um diálogo onde a pobreza material dá espaço à riqueza cultural. É evidente nos dois romances que a ancestralidade está ligada ao mundo dos antepassados, dos seres sobrenaturais, sendo está também uma forma de ligar o homem à natureza. Oliveira (2007), comenta a ancestralidade da seguinte maneira:

A ancestralidade é o princípio mítico que permite a 'logia', ou seja, a compreensão e a estruturação de seus mundos que se reflete na concepção de universo, de tempo, na noção africana de pessoa, na fundamental importância da palavra e na oralidade como modo de transmissão de conhecimento, na categoria primordial da Força Vital, na concepção de poder e de produção, na estruturação da família, nos ritos de iniciação e socialização dos africanos. (OLIVEIRA, 2007, p. 19).

Como ressalta Oliveira (2007), a ideia de ancestralidade liga-se diretamente com a formação cultural do sujeito. Assim podemos entender que a vida cultural, principalmente no ocidente, tem sido transformada pelas vozes que estão à margens, dentre elas as dos negros. Conceição Evaristo usa a memória ancestral como matéria prima de sua construção literária. A autora permeia sua narrativa de um discurso contra-hegemônico que desautoriza a ideia de

democracia racial, permitindo que vozes subalternas sejam ouvidas e subvertendo o lugar social reservado aos afro-brasileiros. Os escritos de Evaristo torna os negros e negras agentes de sua própria história e construtores de seus próprios discursos.

### 3 PONCIÁ VICÊNCIO: UMA ESCRITA DE MEMÓRIAS

*“Eram os trabalhos que contavam parte da história. A história dos negros talvez. A irmã tinha os traços e os modos do Vô Vicêncio. Não estranhou a semelhança que se fazia cada vez maior. Bom que ela se fizesse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque enquanto o sofrimento estivesse vivo na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino.”  
(Conceição Evaristo)*

*Ponciá Vicêncio* foi escrito em 1988 e é a obra de Conceição Evaristo mais aclamada pelos críticos literários. Nesse livro tem-se uma escrita permeada de uma linguagem poética, onde é apresentada a história de Ponciá. Trata-se, portanto, de um romance afro-brasileiro, cuja narrativa vai tecendo ao longo dos episódios a identidade do povo negro. O texto traça um forte diálogo entre o presente e o passado, sendo este o fio condutor do romance, revelando a memória individual da protagonista e a memória coletiva de outras personagens. Em uma das várias entrevistas concedidas, Evaristo traça o seguinte comentário acerca da obra em questão.

Não sei precisar exatamente o que me levou a escrever *Ponciá Vicêncio*. Talvez um acúmulo de memórias e situações dentro e fora de mim. Comecei a escrevê-lo em janeiro de 1988 e terminei no mesmo ano. (...) No romance, construo situações para os personagens a partir de narrativas que trago comigo. Por exemplo, cresci ouvindo dizer que menina que se passasse por debaixo de arco-íris virava menino. Lembro-me de que eu e minhas irmãs tínhamos um certo temor e descobri agora que os meninos igualmente. Meus irmãos mais novos viveram esse imaginário, julgavam que virariam meninas, mas gostavam de desafiar o arco. Viviam entre a dúvida e o temor. (EVARISTO 2011. p. 110)

A obra *Ponciá Vicêncio* está organizada em 46 pseudo-capítulos<sup>5</sup>, geralmente curtos. Nenhum capítulo possui título ou numeração que os identifique. A marca da divisão de um capítulo ao outro é o uso de uma letra

---

<sup>5</sup> Os capítulos da obra *Ponciá Vicêncio* não são nomeados, entretanto o leitor consegue percebê-los uma vez que a autora utiliza de um artifício gráfico para iniciá-los, ou seja, a cada início de capítulo é usada uma letra maiúscula.

maiúscula de fonte e tamanho diferenciados, adotando ainda o negrito. Tal atitude poderia ser analisada como parte do substrato que compõe a narrativa da romancista, às vezes os capítulos encerram-se de maneira tão curta que mais parecem um texto escrito em versos. Em relação à temática, a protagonista Ponciá Vicêncio vai fragmentando sua identidade e simultaneamente se despersonalizando, entendendo sua condição de excluída e mergulhando cada vez mais em suas ausências.

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo tinha ficado naquele estado? tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda, dentro e fora dela, um vácuo com o qual ela se confundia. (EVARISTO, 2003. p. 45)

A não nomeação dos capítulos pode ser uma referência à condição de invisibilidade da protagonista diante da sociedade. Ponciá se refugia em suas memórias na tentativa de não mais se sentir só, através de suas ausências o leitor é levado a fazer uma viagem entre o campo e a cidade e entre o passado e o presente, como se vê no fragmento do romance: “No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se, alheia de seu próprio eu. (EVARISTO, 2003. p. 45)

É importante perceber que os fatos narrados não seguem uma ordem linear, eles vêm intercalados criando uma trajetória interrompida e recuperada num forte e belo diálogo entre as memórias de sofrimento dos descendentes da escravidão e a esperança de um futuro melhor. A narrativa é construída a partir de uma cartografia da memória que revela o êxodo rural pelo qual passa a família de Ponciá. À medida que a narrativa avança, os Vicêncio, um por um, vão trocando o povoado negro, no campo, pelo ambiente urbano da cidade. Desde jovem, a protagonista do romance enraivecia-se com o fato de morar em terras cedidas pelos antigos senhores. A menina, mesmo sem muito estudo, “tinha a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga”(EVARISTO, 2003. p. 49). Na tentativa de fugir dessa antiga condição de escrava, Ponciá migra para a cidade, mas lá tem a triste constatação de que continuava a exploração dos negros.

Os personagens de *Ponciá Vicêncio* não apresentam uma condição moral fixa, não sendo exclusivamente bons ou exclusivamente maus, como é o caso do personagem Soldado Nestor que, ao conseguir ascender socialmente como policial, esquece sua etnia e passa a acreditar que “quase todo negro é vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime” (EVARISTO, 2003 p. 118); o Vô Vicêncio, num acesso de loucura por não mais suportar sua condição escrava, mata a mulher e tenta suicidar, decepando uma de suas próprias mãos, mas lhe é frustrado a consumação do ato suicida; o pai de Ponciá nutria pelo pai sentimentos de “pavor, ódio, e vergonha, muita vergonha” (EVARISTO, 2003. p. 22); a prostituta Bilisa que cansada de trabalhar na casa dos brancos suportando as humilhações, e tendo todas as economias roubadas pelo filho da patroa, decide ganhar dinheiro de uma maneira mais rápida e ilusoriamente mais fácil. .

Moça Bilisa se sabia ardente, deitara algumas vezes com os companheiros de roça e alguns saíram mais e mais desejosos dos encontros com ela. Um dia, um homem enciumado chamou Bilisa de puta. A moça nem ligou. Puta é gostar do prazer. Eu sou. Puta é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou. Puta é não abrir as pernas pra quem eu não quero? Eu sou. E, agora, novamente era chamada de puta pela patroa, só porque contou de repente que o rapaz dormia com ela. Tinha a impressão de que a patroa sabia. Não, ela não devia ter gostado era da história do dinheiro. Bilisa estava cansada. Tinha de começar tudo de novo. Não, não começaria mesmo! A cozinha, a arrumação da casa, o tanque, o ferro de passar roupa... Haveria de ganhar dinheiro mais rapidamente. (EVARISTO, 2003, p. 99)

O romance narra pequenos acontecimentos do cotidiano, entretanto também consegue transcender as banalidades do dia-a-dia e vislumbrar a essência poética da vida, como mostra a cena final do romance, na qual Evaristo recorre aos elementos da natureza para transbordar em lirismo a descrição da doença que fora deixada como herança para Ponciá: “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô<sup>6</sup> multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio,

---

<sup>6</sup> É a cobra sagrada presente em todas as civilizações antigas. O princípio da sabedoria: a cobra que morde o próprio rabo, fazendo um ciclo, simbolizando o infinito. Significa arco íris, ou réptil, é Angorô, nome pelo qual esta divindade é conhecida nos candomblés de Angola/Congo. Surge da água em evaporação. O arco íris é o esplendor pelos raios do sol quando está no alto. Também é a cobra na terra e conhece as profundezas do planeta conseguindo fazer as transformações. Embora sua natureza seja masculina, apresenta uma androgenia nata e tem-se como fêmea quando a conhecemos como Angorô.

elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio”. (EVARISTO, 2003. p. 128)

*Ponciá Vicêncio* leva o leitor a conhecer a história dos encontros e desencontros dos Vicêncio, descrevendo os caminhos, as andanças, as marcas, os sonhos e os desencantos não só da protagonista Ponciá, mas de todos os seus. A autora traça a trajetória dessa personagem da infância à idade adulta, relatando seus afetos e desafetos e seu envolvimento com a família e os amigos. Discute a questão da identidade de Ponciá, centrada na herança identitária do avô e estabelece um diálogo entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado, como se vê na seguinte passagem: “Depois então, ela sozinha, relembra com o pensamento e com as mãos o prazer que tinha tido um dia, quando cheia de medo e de desespero se tocou para se certificar que, após a passagem do angorô, ainda continuava menina”. (EVARISTO, 2003. p. 44)

Descendente de escravos africanos, Ponciá surge já de início despojada do nome de família, pois o "Vicêncio", que todos os seus usam como sobrenome, provém do antigo dono da terra. A protagonista sai do ambiente rural em busca de dias melhores na cidade, mas acaba desterritorializada numa favela, vegetando ao lado de um marido que não a compreende. Um marido que não consegue perceber a situação de vulnerabilidade em que Ponciá está imersa, um marido tão brutalizado que não merece nem ser nomeado dentro do romance.

Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou-se, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar o jantar. (EVARISTO, 2003. p. 20)

O fragmento acima alerta para os maus tratos a que são submetidas várias mulheres que em sua condição feminina é transformada pelo outro em mero objeto simbólico como salienta Bourdieu (2009. p. 82) “A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, (...) tem por efeito colocá-las em permanentes estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: (...) elas existem enquanto objetos”. No romance em questão, Ponciá se vê obrigada a conviver com um companheiro que apesar de amá-la não consegue entender seu apego ao passado. Tendo se casado com a esperança de construir um lar semelhante ao seu lar originários, a jovem Vicêncio

vê seus sonhos se desmancharem ao vivenciar as amarguras sofridas, os vários abortos espontâneos e a incompreensão do marido a levam a construir um reduto onde só as lembranças de seus antepassados tem vez, como confirmamos na seguinte passagem: “ Ponciá se adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta”. (EVARISTO, 2003. p. 109)

A vida difícil que Ponciá leva, parece a confirmação de descendência escrava, a ideia do negro alforriado que ao chegar à cidade tem seus sonhos apagados pela discriminação e pela marginalização. Sua trajetória do espaço rural para o urbano representa sua condição diaspórica. Na trama o irmão de Ponciá, Luandi, também decide migrar para a cidade em busca de seus sonhos e com a esperança de reencontrar a irmã que há muito havia partido. A viagem de Luandi também marca a diáspora daqueles que, desterritorializados, perpetuam as histórias do navio negreiro. Luandi chega à cidade sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também. É importante perceber que na obra o “navio negreiro” é substituído pelo “trem negreiro”, sendo que a última a embarcar no trem é Maria Vicêncio, a mãe de Ponciá e de Luandi, que sai em busca dos filhos.

    Maria Vicêncio, agora de olhos abertos, contemplava a filha. A menina continuava bela; no rosto sofrente, feições de mulher. Por alguns momentos, outras faces, não só a de Vô Vicêncio, visitaram o rosto de Ponciá. A mãe reconheceu todas, mesmo aquelas que chegavam de um outro tempo-espço. Lá estava a sua menina única e múltipla. Maria Vicêncio se alegrou, o tempo de reconduzir a filha à casa, à beira do rio estava acontecendo. Ponciá voltaria ao lugar das águas e lá encontraria a sustância, o húmus para o seu viver. (EVARISTO, 2003, p. 125)

O romance *Ponciá Vicêncio* está centrado nas memórias dolorosas vividas pela diáspora negra e na fragmentação identitária da protagonista, evidenciada pela nítida diferença entre a infância e a maturidade de Ponciá, que a priori lembra principalmente o barro, a matéria que une mãe e filha. Os lugares da memória em *Ponciá Vicêncio* estão intimamente ligados à ancestralidade. Os personagens que representam essa ligação são principalmente Vô Vicêncio e Nêngua Kainda.

Vô Vicêncio é a representação da dor e do sofrimento intenso, experienciados por aqueles que tornaram vítimas da escravidão. Na narrativa, por

e sofrimento não cessam com a morte do velho, elas permanecem nas recordações e no corpo de seus descendentes como era o caso do braço cotó imaginado por Ponciá, herança histórica e psíquica deixadas pelo avô à neta.

Ela era a pura presença com Vô Vicêncio. Tanto o modo de andar, como o braço pra trás e a mão fechada como se fosse cotó, com ainda as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante jovem da moça. A neta desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo. (EVARISTO, 2003. p. 63)

A ancestralidade também é representada pela personagem Nêgua Kainda. Dentro da narrativa a velha descendente de escravos é a ligação entre os Vicêncio, uma vez que todos eles em seus desencontros de viagens entre o campo e a cidade, em suas buscas uns pelos outros, acabam, cada um deles, encontrando-se com Nêgua Kainda que os aconselha e os adverte acerca do futuro.

### **3.1 Escrevivência e Autobiografia: Uma Estratégia de Narrar em Ponciá Vicêncio**

Esta pesquisa trabalha com a ideia de que a Literatura Afro-Brasileira é construída a partir do elemento memorial, sendo capaz de (re)construir o real. Essa reconstrução se dá por meio da evocação das memórias individuais de quem os escreve e ou coletivas. No romance *Ponciá Vicêncio*, percebemos indícios de uma produção eminentemente autobiográfica. Através do seu romance, Evaristo fala o que é ser mulher e negra enquanto experiência subjetiva. As andanças de Ponciá, a busca de um futuro melhor lembra a história de vida da própria autora do romance, que saiu de Minas Gerais em busca de um futuro melhor no Rio de Janeiro. De maneira consciente ou não, Evaristo parece criar em seu texto uma espécie de espelho onde são projetadas imagens não só de seu passado, mas também de várias “Evaristos” anônimas que se encontram personificadas no sofrimento vivido por Ponciá e nas experiências de todos os Vicêncio. Sobre essa ideia de construir seus romances a partir da escrita de si, a autora revelou certa vez em entrevista concedida a Eduardo Assis Duarte que:

Gosto de contar e ouvir casos. Muito de minha escrita nasce das histórias ouvidas, das imagens assistidas no cotidiano e de minha condição de mulher e negra na sociedade brasileira, aspectos esses que se somam ao encantamento que tenho pela palavra. (EVARITO, 2011. p. 108)

*Ponciá Vicêncio* carrega uma abordagem que é ao mesmo tempo biográfica e memorialística. As memórias tecidas pelo fio narrativo estão ligadas à tradição oral familiar com a qual a autora teve contato. O que a autora chama de *escrevivência*, seria a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. É importante perceber que a luta contra as adversidades, contra a existência de condições desfavoráveis são marcas que permeiam tanto a vida da autora quanto as linhas de seus romances na composição de suas personagens. É uma maneira própria de narrar que institui uma escrita de reconhecimento de si. Nesse sentido literatura e vida se tangenciam de tal maneira que a favela vira senzala, que a loucura vira prazer. O vivido e o narrado ultrapassam as barreiras do imaginário, tornando-se um discurso autorizado, uma espécie de estratégia enunciativa da autora.

Não se pode dizer ao certo se o conceito de *escrevivências*, inaugura uma *epistemologia literária*<sup>7</sup> propriamente dita, mas o fato é que essa escrita de si<sup>8</sup> alcançou grande repercussão a partir do pensamento pós-colonial e foi exatamente nesse mesmo período que a literatura feita por e para minorias começou a divulgar suas experiências, suas histórias, suas lutas através do texto literário. O cânone literário calcado em um monopólio epistêmico eurocêntrico sempre deixou de lado toda e qualquer forma de escrever que não fossem as ditadas pelo modelo europeu, é como se a partir do modelo canônico se estabelecesse um racismo literário e epistêmico legitimado principalmente pelo meio acadêmico. Entretanto, contrariando as imposições do modelo europeu Evaristo escreve seus dois romances deixando claro que mais do que uma grande autora, ela é uma contadora de histórias. Demonstra em suas narrativas uma consciência metaficcional que evidencia o elemento identitário.

---

<sup>7</sup> Trabalhamos aqui com a ideia de uma episteme literária, ou seja, com uma teoria do conhecimento literário que não é necessariamente uma das correntes críticas estabelecidas pela crítica literária canônica.

<sup>8</sup> Michel Foucault (1992), afirma que nesse tipo de escrita é possível perceber que o ato de escrever é também o ato de mostrar-se ao outro.

Considero como elementos constitutivos de um discurso literário afro-brasileiro: a afirmação de um pertencimento étnico; a busca e a valorização de uma ancestralidade africana, que pode ser revelada na própria linguagem do texto, na estética do texto; a intenção de construir um contradiscurso literário a uma literatura que estereotipiza o negro; a cobrança da reescrita da História brasileira no que tange a saga dos africanos e seus descendentes no Brasil; a enfática denúncia contra o racismo e as injustiças sociais que pesam sobre o negro na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2011. p. 114)

Diante disto, esta pesquisa entende que a escrevivência de Evaristo é mais do que uma mera estratégia de escrita, é um campo frutífero de estudo capaz de estabelecer uma interlocução necessária e coerente entre narrativa ficcional e narrativa real, pois através de tal interlocução é possível dar visibilidade e credibilidade às vozes e discursos ausentes ou sub-representados nas narrativas ocidentais que se consagraram como memória hegemônica. Ao tratar da relação de convivência humana a partir dos eixos de valorização e reconhecimento da diferença, Glissant (2003) afirma que:

Isso vai levar muito tempo, mas dentro da relação mundial, nos dias de hoje, essa é uma das tarefas mais evidentes da literatura, da poesia, da arte, ou seja, a de contribuir, pouco a pouco, para levar as humanidades a admitirem “inconscientemente” que o outro não é o inimigo, que o diferente não me corrói, que se eu me transformo em contato com ele, isso não significa que me diluo nele, etc. no meu entendimento, trata-se de uma outra forma de combate. Porque o artista é aquele que aproxima o imaginário do mundo; ora, as ideologias do mundo, as visões do mundo, as previsões, os castelos de areia começam a entrar em falência; e é preciso, portanto começar a fazer emergir esse imaginário. E ai não se trata mais de sonhar o mundo, mas sim de penetrar nele. (GLISSANT, 2003. p. 69)

No romance *Ponciá Vicêncio* a narrativa é conduzida por um narrador que se utiliza do discurso indireto livre para dar vazão às vozes esquecidas no interior de um Brasil de renegados. Essas vozes emanam como um grito de socorro, e levam o leitor a perceber que em vários momentos o musical, o literário, o memorial, o cultural e o real se confundem.

E numa tarde clara, em que o sol cozinhava a terra e os homens trabalhavam na colheita, enquanto entoavam cantigas ritmadas com o movimento do corpo na função do trabalho, naquela tarde, o pai de Ponciá Vicêncio foi se curvando, se curvando ao ritmo da música, mas não colheu o fruto da terra, apenas à terra se deu. (EVARISTO, 2003, p. 30)

As vozes se constituem de forma ideológica, demarcando os espaços das diferenças tanto no ambiente rural como no urbano. É através dessas diversidade de vozes que o leitor percebe que apesar de ter havido um processo de transculturação, tal processo não se deu de maneira completa, uma vez que a demarcação da escala social se mantém, no campo e nas ruas da cidade onde os personagens de *Ponciá Vicêncio* transitam.

### **3.2 *Ponciá Vicêncio e as Memórias da Diáspora Negra: Um Construto de Não-Lugares***

O uso do termo diáspora tem sido usado para descrever os povos dispersos que mantêm um laço comunitário através das memórias da terra de origem. Falar em diáspora é também falar de uma experiência migratória, voluntária ou não, uma espécie de migração coletiva caracterizada pela idéia de conservação e continuidade. Tal termo revela-se como um conceito que foi ideologicamente construído pelos teóricos dos estudos culturais e que desde sua origem permite repensar as relações dos indivíduos, comunidades e grupos sociais com suas memórias e com seus sentimentos de pertencimento identitário no interior dos estados-nações. Homi K. Bhabha ao analisar o pensamento de Fanon faz a seguinte consideração:

A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traiçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produzirá uma história de progresso civil, um espaço para o Socius; seu presente, deslumbrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado. ( BHABHA. 2013, p. 80)

A consideração de Bhabha mostra que essa revisão acerca da formação identitária dos negros, em situação de diáspora, envolve mais que uma simples questão epistemológica, pois a visão que o mundo não-negro propaga foi paulatinamente disseminada ao longo dos séculos até permear plenamente o imaginário coletivo, imaginário este onde a figura do negro, em geral, subjugada,

portanto, em seu presente, o negro não consegue se reconhecer como tal, precisa ser autorizado pelo outro para então conseguir estabelecer uma relação ontológica com seu passado. Como percebemos em *Ponciá Vicêncio*.

À medida que o velho piorava, começou a desejar ardentemente que ele morresse. Chegou um dia até a pensar em matá-lo. Sabia que a vida dele estava por um triz, bastava um empurrão, seria só recordar o fato. Várias vezes tentou fazer isso. (...) O pai de Ponciá sabia, porém, como abreviar a vida do velho. Era só trazer a atenção dele para o fato. Iniciou as perguntas, desistiu. Sabia que se fizesse o pai relembrar de tudo, se ferisse a memória dele, o homem morreria de vez. Morreria de todas as mortes, da mais profunda das mortes. Abriu a boca, novamente ensaiou as palavras. Parou. Relembrar o fato era como sorver a própria morte. Era matar a si próprio também. (EVARISTO, 2003. p. 22, 23)

A citação acima remete às memórias dolorosas da tentativa de suicídio de Vô Vicêncio, toda vez que o velho lembrava-se de tal fato era como morrer um pouco. O filho de Vô Vicêncio, por sua vez, sentia-se profundamente incomodado por saber que o pai matara a mãe e depois tentara tirar a própria vida. Incomodava-lhe ter que presenciar o enlouquecimento do pai e por isso desejava libertar-se de tal sofrimento, ferindo a memória do pai. Entretanto, o pai de Ponciá Vicêncio sabia que livrar-se de tal sofrimento era de certa maneira matar parte de si.

O tema da diáspora negra conseguiu, contemporaneamente, ocupar certo destaque na produção acadêmica, tais produções normalmente tratam sobre o modelo de organização sócio-cultural dos negros e sobre como eles conseguiam transplantar culturalmente e reinventar a África em diáspora. Embora se possa afirmar a presença de inúmeros autores da literatura afro-brasileira nos séculos XVIII, XIX e primeira metade do século XX, consagrados pela crítica canônica como escritores da literatura nacional, a exemplo de Carlos Barbosa, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Cruz e Sousa, Lima Barreto, dentre outros, seria, sobretudo a partir dos anos de 1970, e, provisoriamente em 1978, com a criação dos *Cadernos Negros* e do *Quilombhoje*(1980), já lembrados em páginas anteriores, que a literatura afro-brasileira daria início a um projeto literário que reuniria centenas de autores em torno desse citado periódico, os *Cadernos Negros*. A partir de então a literatura escrita pelos autores negros do Brasil tem se preocupado mais sistematicamente das questões e temas relacionados ao negro

brasileiro. Nessa perspectiva *Ponciá Vicêncio* é um romance capaz de revelar processo migratório dos negros e com isso pode constituir os chamados não-lugares. A narrativa se dá a partir dos itinerários percorridos pelos personagens em várias viagens do campo à cidade. Marc Augé (1995) que em seu livro *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade* lança a teoria de que a humanidade vive em tempos de produção de não-lugares, ou seja, locais que não podem ser definidos como relacionais, históricos ou identitários.

Para Augé os não-lugares existem, pois o homem se relaciona com o espaço que habita e uma vez estabelecida esta relação questões como identidade e coletividade assumem outras significações. a identidade está ligada ao sentimento de pertença, ao passo que a ideia de mobilidade faz nascer uma sensação de estranhamento, que não permite que um ser diaspórico, se sinta pertencente a uma coletividade. Ainda para Augé, um indivíduo em situação de diáspora, “além da dor dos deslocamentos geográficos, linguísticos, culturais e psíquicos que os acompanha”, pode desenvolver em tais pessoas a sensação de que habitam um não-lugar ou de que vivem em um entre-lugar que não é e nunca será o seu lugar de origem e, nesse sentido, eles não pertencem mais à sua terra mãe e apesar de habitarem um novo lugar não se sentem pertencentes a esse lugar. Ainda para Augé, a noção de pertencimento ultrapassa a esfera física, portanto o lugar originário (tratado por Augé como antropológico) é também o lugar concreto onde o indivíduo se sente pertencente, pois para ele, é lá que sua identidade é forjada, é de lá que vem sua herança cultural, histórica e identitária.

O termo “diáspora negra” remete à ideia de seres humanos tirados a força de sua terra natal. Portanto, diáspora negra e não-lugar se relacionam, pois o escravo imigrante é agora um sujeito que busca o seu espaço e uma identificação com seu novo lar. Assim, o migrante negro vê-se diante de um novo dilema que é a busca pelo pertencimento ao novo lugar e a tentativa de recuperar o que Marc Augé chama de lugar antropológico. Em *Ponciá Vicêncio* temos a descrição de personagens conflituosos como Vô Vicêncio, o pai de Ponciá e Luandi que enfrentam o dilema de viver em um não-lugar, até mesmo este último que não vivera as da escravidão, sente que a terra dos negros não é de fato o seu lugar e mesmo depois de ter mudado para cidade em busca de uma vida melhor, ele sente uma profunda saudade das terras dos negros que habitara.

E quando Luandi ouviu sobre a exposição de trabalhos de barro que iria ver, a saudade da mãe e da irmã que estava guardada em seu peito pulou inesperada e tão violenta, que os olhos dele se molharam, fazendo com que os limpasse desajeitado, com medo de que o amigo percebesse. (EVARISTO, 2003, p. 103)

Os descendentes da diáspora negra carregam um profundo sentimento de desenraizamento. Um sentimento que perpassa a noção de uma transferência geográfica, física e corpórea do indivíduo, que parte do seu local de origem em direção a um novo destino. Esse processo migratório é normalmente visto como uma experiência traumática, um processo que em muitos casos não é escolha do indivíduo, pois nele estão envoltas imposições de circunstâncias extremas, como nos mostra a citação abaixo:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus... Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada “código restrito” pelos linguistas, seu jeito de viver, “carência cultural”, sua religião, credence ou folclore. Seria justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento (BOSI, 1983, p. 405).

O termo desenraizamento vem sendo constantemente empregado em uma acepção não geográfica, sobretudo depois da divulgação dos Estudos Culturais. Contudo, para compreender essa forma de uso, é necessário que perceber que em muitos casos deixar as raízes não significa necessariamente percorrer terras estranhas, mas deixar o que é conhecido, sólido, familiar e, principalmente, confortável, para trás.

As temáticas abordadas por Conceição Evaristo em seus romances são construídas a partir de um deslocamento geográfico e é importante perceber que esse descolamento não acontece com um indivíduo qualquer, mas com um sujeito de cor negra, fato que instaura, dentro da narrativa, os conflitos desses sujeitos em movimento, por estarem fora de seu lugar de origem. O termo diáspora foi amplamente comentado por Stuart Hall em seu livro *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais* (2003). Para esse autor o termo em questão simboliza os deslocamentos ocorridos desde os tempos mais remotos (dispersão dos judeus), até os atuais. Na contemporaneidade, diáspora se refere não apenas aos deslocamentos físicos, mas também aos psicológicos, pois um sujeito pode estar fisicamente em um lugar e psicologicamente em outro.

Ponciá Vicêncio não queria mais nada com a vida que lhe era apresentada. Ficava olhando sempre um outro lugar de outras vivências. Pouco se dava se fazia sol ou se chovia. Quem era ela? Não sabia dizer. Ficava feliz e ansiosa pelos momentos de sua auto-ausência. (EVARISTO, 2003. p. 90)

A narrativa de Evaristo é composta por um vai e vem constante, motivados por forças motrizes diversas, tais como: como a fome, as guerras, a pobreza, o subdesenvolvimento e a exploração, tem como ponto crítico perene o que Hall chama de binarismo<sup>9</sup>. Assim, um migrante que parte de sua terra natal, tende a viver comparando sua antiga morada com a que o abriga. O diaspórico se coloca ao mesmo tempo próximo e distante do mundo que o cerca. O antigo e novo são impossíveis de serem conciliados adequadamente. Acerca disso temos a seguinte consideração de Hall:

Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertencço completamente a nenhum deles. E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma “chegada” sempre adiada (HALL, 2003, p. 415).

Em muitos casos o diaspórico sente-se exilado em si mesmo, como se não pertencesse mais a lugar algum. Esse sentimento de pertença pressupõe a existência de um ser composto de uma identidade, sendo que esta é gerada por vários elementos, dentre eles a cultura, a etnia, a linguagem, o lugar que se habita, dentre outros. Segundo Edward Said o exílio é:

Uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história ofereçam episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. (SAID, 2006. p. 46.)

Entretanto, é importante lembrar que nem todo exílio da terra natal é um ato de desespero, existe até alguns pesquisadores recentes que defendem a idéia de que o trânsito humano pode não ser compulsório, mas opcional. No romance *Ponciá Vicêncio*, tem-se a ideia de um espaço urbano que representa a utopia do progresso, a perspectiva de mudança, o crescimento econômico e a chance de um possível desenvolvimento pessoal e coletivo. Nesse sentido, na referida obra

---

<sup>9</sup> Conceito trabalhado por Hall em sua obra *Da diáspora*.

os personagens/migrantes não tentam desenraizar-se da terra, mas sim da pobreza extrema.

Luandi já estava na cidade há anos. Chegara sozinho. Quando veio, pensava que seria só bater em algum lugar e se oferecer para trabalhar. Na roça trabalhava sempre. Se não estava semeando, estava colhendo ou arando a terra, ou ainda estocando alimentos nos armazéns da fazenda. (...) Era pau-de-toda-obra. Sabia fazer de tudo também. Na cidade estava aprendendo a fazer de tudo também. Chegou ali sem eira nem beira. (EVARISTO, 2003. p.68)

Em *Ponciá Vicêncio* a jovem Ponciá desde muito jovem vê-se como uma criatura destituída tanto de bens materiais como de esperança. A pobreza extrema leva não só Ponciá, mas também sua mãe e seu irmão a estabelecerem uma forma de existência nômade. As andanças dos Vicêncio condizem o leitor a uma viagem entre o urbano e o rural, sendo que o rural funciona como a terra natal, para eles esse é o espaço repleto de memórias, portanto repleto de significação. Já o espaço urbano para os Vicêncios são destituídos de significados.

Não sentia desejo algum pela aventura da viagem. Se a vida era a da terra, em que ela vivia, o que faria agora longe de lá? Entretanto, preparava-se para se afastar do lugar onde havia nascido. Da terra que guardava o seu umbigo, que ali fora enterrado, selando, pois, a filiação dela com o solo do povoado. Os filhos tinham ido, mas voltariam um dia, seriam chamados. No ventre da terra, pedaços do ventre deles também haviam sido enterrados. (EVARISTO, 2003. p. 106)

Para Said (2006), o exilado é aquele que vive fora do grupo, que sente a privação de não estar com os outros na habitação comunal. Ou seja: “O exílio é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado”. Em síntese, o autor concebe a existência de um indivíduo uno que se liga a uma dada coletividade, com relação à qual ele se relaciona do lado de dentro, incluso, ou fora dela, para sempre apartado.

No romance *Ponciá Vicêncio*, Conceição Evaristo usa o exílio como uma alegoria metafórica. Parece que os Vicêncios, durante toda narrativa, estão destinados a vagar pelo território do não pertencer. Ponciá e sua família representam os indivíduos que experimentaram alguma forma de dor no contato com o outro, ou por ter partido sem possibilidades de retorno, ou por nutrir as esperanças e desesperanças da volta, ou por efetivamente voltar e não

reconhecer-se mais naquele espaço. O exílio de Ponciá é o mais metafórico de todos os Vicêncio, suas ausências são na verdade uma maneira que seu corpo físico encontrou para se proteger das agruras da vida. Nesse sentido o esquecimento de Ponciá é também o seu exílio, é o lugar onde passado e devir se tocam, é o lugar onde as memórias dolorosas silenciam, onde a identidade não é mais necessária.

O homem de Ponciá Vicêncio, se não alcançava a vida outra da mulher, aceitava o que não entendia. E quando, ainda, tinha ânsia de prazer e sexo erguido, afastava-se dela, pois há muito a mulher se havia abdicado de tudo. Pouco a Pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num mundo só dela, onde o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta. (EVARISTO, 2003. p. 109)

Em *Ponciá Vicêncio* a protagonista desde muito nova mostra-se insatisfeita com sua vida, o questionamento acerca de seu nome, a insatisfação com sua condição de mulher, a migração para cidade são alguns dos exemplos que encontramos durante a leitura da obra. No decorrer da narrativa Ponciá torna-se uma criatura resignada que ao esquecer de si mesma, passa a aceitar seu destino sem questionar. O esquecimento vai aos poucos silenciando seus desejos, sonhos e impulsos e aprisionando ainda mais sua identidade aos lugares da memória evocada, que nesse caso é a casa de sua mãe lá nas terras dos negros. A passagem seguinte mostra a visão de Ponciá sobre o lugar o qual ela pertence.

Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo. Trabalhara, conseguira juntar algum dinheiro com o qual pudera comprar uma casinha, mas faltava-lhe os seus. Voltara à terra na esperança de encontrar qualquer vestígio da mãe e do irmão e apenas confirmara o sumiço dos dois. O que fazer agora? Perdera o elo com os vivos e com os mortos seus. O que valia agora o barraco? Quem ela levaria ali prara dentro? Que pessoas vivas ou mortas? (EVARISTO, 2003. p. 74)

É como se a perda da memória presente reafirmasse que sua identidade não está na cidade e assim, Ponciá vai renegando o seu presente e fincando os pés no passado. Pois as memórias que a cidade lhe proporcionou não merecem ser guardadas. A distinção entre a região rural onde Ponciá nascera e o ambiente urbano onde vive é exposta à medida que suas memórias vão aparecendo dentro da narrativa. Ponciá que sempre gostara do contato com a natureza, não

consegue sentir alegria no lugar onde, segundo Evaristo, não tinha “um cheiro bom de mato” (EVARISTO, 2003. p. 49) terra.

No romance *Ponciá Vicêncio*, Luandi trabalha com seu pai nas terras de negro e depois muda para o ambiente urbano da cidade. Torna-se a pedra de toque entre a cultura de matriz africana e os novos modos dos moradores da cidade. Ao mesmo tempo que Luandi deseja pertencer ao ambiente urbano, ele demonstra uma imensa saudade do seio familiar, das terras dos seus.

O romance *Ponciá Vicêncio* tem uma narrativa fortemente marcada por um discurso que consegue ser ao mesmo tempo contestatório e intimista. Em vários momentos da narração demonstra um comprometimento com a história paralela de cada personagem, esse comprometimento faz com que uma constante tensão entre o individual e coletivo. Em *Ponciá Vicêncio* as narrativas em flashback, dos episódios da infância e adolescência de Ponciá, conduzem o leitor a uma reparação da memória, na constante busca de resistência por um eu que se encontra destituído de significação, como percebemos no trecho da obra de Evaristo: “Fazia silêncio para escutar lá do fundo de sua memória a voz-menina que, mesmo tendo crescido, mesmo estando distante, se presentificava cantando em suas lembranças.” (EVARISTO, 2003. p. 84).

Ponciá e seus familiares levam o leitor a uma viagem por um Brasil de excluídos, povoado por personagens conflituosas, fragmentadas pelo deslocamento constante, pela perda de contato com as tradições dos familiares ou mesmo pelo distanciamento de entes queridos. Nesse sentido são memórias dolorosa que de certa maneira fazem com que as personagens possam reintegrar suas identidades outrora perdida durante o processo de aculturação escravista. Ao compartilhar as memórias guardadas, selecionadas e ressignificadas são construídas identidades afrodescendentes, que se constituem e se recolocam a partir das experiências pessoais e coletivas da diáspora negra no Brasil. Segundo Ricoeur (2007), são as memórias significativas que sedimentam sua identidade e partindo do pré-suposto de que memória é um conceito construído individual e coletivamente, pode-se dizer que a identidade coletiva é constituída a partir de lembranças. É a lembrança que organiza e dá sentido ao presente, e também é a partir dela que projetamos nosso futuro, visualizando possibilidades a partir de nossas experiências pregressas.

### 3.3 Lugar e memória em Ponciá Vicêncio

O romance *Ponciá Vicêncio* é mais do que um livro de memória, ele é um livro sobre identidades, sobre lugares e fundamentalmente sobre experiência. Os relatos dos Vicêncios e de suas viagens entre o campo e a cidade assemelham-se às narrativas autobiográficas dos cativos vítimas da diáspora negra. As histórias são compartilhadas a partir das lembranças e da percepção que cada um dos Vicêncios tem sobre os lugares percorridos por eles. A percepção do lugar também está ligada à constituição identitária. Nesse sentido, os lugares informam quem são e como são. Como se lê na narrativa do romance *Ponciá Vicêncio*.

Ponciá correu e abriu a janela de madeira. Um cheiro bom de mato, terra e chuva invadiu a casa. Com o coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. Continuou remexendo nos objetos tão conhecidos. Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu, então, lá no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava pra ela como se estivesse perguntando tudo. (EVARITO, 2006. p.50)

As sensações sentidas por Ponciá são a prova de que a experiência com o lugar é uma maneira de se reconhecer pertencente a algo. A constituição identitária através da percepção dos lugares começa lá na infância através da percepção que temos de nossos lares. Na infância a ideia que temos de nossas casas nos fornece a noção abrigo e segurança, com o passar do tempo os lugares se ampliam à cidade, ao campo, à região, ao país, ou seja, em diferentes unidades escalares que podem ser definidas geograficamente. Essa ideia de lugar enquanto elemento exterior contrapõe-se a ideia de lugar enquanto condição individual e subjetiva, aquele espaço imaginário que habita cada ser. É através dessas duas noções espaciais (interna e externa) que realizamos viagem da leitura literária. Uma viagem que é ao mesmo tempo uma trajetória física e moral, externa e interior, real e simbólica, que pode conduzir tanto à noção do cheio quanto à do vazio.

Os lugares geográficos são, eles próprios, produtos narrativos que se constituem tanto daquilo que se manifesta física e socialmente neles quando dos discursos e falas que se dobram sobre eles, seja em palavras ou em imagens. (...) Isso porque não nos relacionamos e agimos em relação a um lugar, somente com o que existe lá, mas sim, e principalmente, pelo que sabemos de lá,

esse saber não é apenas informativo, mas também e fortemente afetivo [ medos, atrações, simpatias, amores etc.]. O afetivo é aquilo que nos afeta, seja se uma forma ou de outra, aquilo que nos marca e se mantém em nossa memória, de modo a tornar-se mediação em nossa maneira de nos relacionarmos como esse lugar. (OLIVEIRA Jr, 2012. p. 122 e 123)

A concepção de lugar enquanto categoria imaginária e de criação literária não deve ser confundida com aquela advinda das ciências que se preocupa exclusivamente com o registro sistemático dos fatos. O lugar literário carrega uma verdade que, na maioria das vezes, está além da decodificação física do mundo, está sim, ligado ao reconhecimento da essência e da verdade do mundo. Uma verdade que transcende por meio do valor estético da literatura. É importante ressaltar que não propomos a substituição da análise científica pela criação artística, trabalhamos sim com a ideia de uma epistemologia literária, ou seja, novas maneiras de conhecer e interpretar o mundo a partir do texto literário.

A relação entre o lugar e a imaginação do escritor, se emocionalmente conseguida, conduzirá os leitores a tomarem consciência das imensas possibilidades da literatura e do seu papel no mundo, pois na sua infinita capacidade de desdobrar esse mesmo mundo, ela afirma-se capaz de o reinventar, criando novas e diversas mundividências. Compreender o sentido de um lugar significa entender e aceitar os sentidos de outros lugares e dos homens que os habitam, pois a relação entre o homem e o lugar não é um fechamento; pelo contrário, é um convite a olhar para o horizonte da existência humana, para os seus mistérios e sentidos. (ALVES, 2010. p.10)

Como vimos no capítulo anterior o elemento memorial é muito usado por Evaristo e tal como a memória a percepção do lugar também constitui uma parte fundamental da escrita da autora. O romance *Ponciá Vicêncio* nos revela uma relação de interdependência entre a memória e a percepção dos lugares, ou seja, as memórias individuais e coletivas influenciam na percepção que as personagens têm dos lugares, assim como a percepção do lugar ressignifica as memórias desses. Como se pode comprovar através do fragmento abaixo:

No tempo em que Ponciá Vicêncio ficava na beira do rio, se olhando nas águas, como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava ainda muitas tristezas no peito. Fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas, as visitas deles rareavam ainda mais. A menina buscava argila nas margens do rio. Depois

de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam então duras, fortes, custosas de quebrar. (EVARISTO, 2003. p. 21)

O romance em questão funciona como testemunho que ganha vida através da ficção. A obra romanesca de Evaristo nos dá pistas referentes aos lugares matéris e ficcionais, permitindo ao leitor perceber que as personagens possuem uma dimensão concreta dada a partir da percepção do lugar material e uma dimensão simbólica construída a partir das representações ficcionais, essas duas dimensões permitem a interação entre autor e obra e entre obra e leitor.

Tuan em seu livro *Espaço e lugar* (1983), diz que lugar é quando atribuímos valor a algo, embora esse algo não seja necessariamente valioso, ou seja o conceito de lugar está voltado para uma infinidade de significações organizadas. Nesse sentido, lugar e identidade se relacionam, uma vez que é através desse centro de significações que se dá a construção da nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade.

são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As idéias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6)

É importante ressaltar que na leitura de *Ponciá Vicêncio* fica evidente o conceito discutido por Tuan (1983), ou seja, a autora de *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* consegue em suas descrições narrativas, atribuir valor e sentimento aos espaços<sup>10</sup>, transformando-os assim em lugar. As paisagens do campo, as estradas que ligam as terras dos negros, as casinhas de taipa descritas por Evaristo, são espaços que se transformam em lugares. Conceição Evaristo representa características importantes dos espaços urbanos e rurais que compõem sua experiência de vida. Em sua narrativa as praças, ruas, becos,

---

<sup>10</sup> É importante diferenciarmos espaço de lugar, para isso usaremos os conceitos adotados por Tuan (1983) onde lugar seria o espaço habitado, ou seja, o lugar é animado por sentimentos, emoções enquanto o espaço é estático.

morros assumem, em alguns casos as características de lugares, que mantêm relações com a trama, não se constituindo em meros palcos.

A Literatura Afro-Brasileira se configura como escrita literária marcada pela resistência, por experiências, por afetos e desafetos, sonhos, angústias e histórias de homens e mulheres negras. Nesse sentido, tais escritos tornam-se capazes de deslocar a hegemonia imposta pelo modelo literário eurocêntrico dialogando com a cultura e com a identidade. Para Roland Walter (2009), a memória emerge como um espaço onde culturas são negociadas através de histórias distintas, revelando assim necessidades, discursos, ideologias e desejos individuais e coletivos dentro das relações sociais de poder. É importante dizer que o fato dos escritos literários de autoria e conteúdo afrodescendente, na maioria dos casos, levarem em consideração as memórias de suas lutas, as tradições de seu povo, isso não os transforma necessariamente em textos autobiográficos. Entretanto, não podemos deixar de perceber que em tais textos o ficcional se mistura de tal maneira com as memórias reais que nos parece que o autor está sempre a contar as suas próprias experiências. Como ilustra Walter (2009) em seu livro *Afro-américa*:

Devido ao fato de que não existem culturas puras, que cada cultura é uma transcultura, a memória é um lugar de transferência intercultural. A análise da memória enquanto prática na encruzilhada diaspórica ajuda a revelar, problematizar e entender os processos ligados à memória hegemônica e contra-hegemônica e seu efeito sobre a subjetividade do indivíduos no entre-lugar de culturas. (WALTER, 2009. p. 69)

A partir da relação entre memória e cultura estabelecida por Roland Walter entendemos que os discursos e os sistemas de representação sobre a memória constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos (negros) se posicionam e falam. Como diz Le Goff (1992) “a memória como uma forma de preservação dos fatos através da escrita, inclusive da escrita literária”. Essa ideia de preservação de um passado é possível se perceber no romance *Ponciá Vicêncio*, a ação das personagens nos induz a repensar as memórias que dizem respeito às lutas que os negros travaram e travam para alcançar reconhecimento, para assumir sua condição de sujeito pensante, de homem digno. E essa busca por reconhecimento se dá também no plano da escrita, uma vez que ao negro foi negado por séculos o valor e o reconhecimento da história e da memória de

homens e mulheres negras, contadas por eles mesmos através da escrita. Como ressalta Evaristo.

A meu ver, em se tratando de pensar o sujeito autoral marcado por experiências de exclusão, não creio ser possível a negativa de que existe uma articulação entre o fazer literário e o contexto social em que esse sujeito autoral está inserido. Acredito que determinadas experiências forjam escritas ora mais, ora menos contaminadas pela condição biográfica do autor e do drama existencial enfrentado por ele. (EVARISTO, 2006. p. 25)

O texto acima nos parece uma espécie de desabafo, e é uma fala da própria Conceição Evaristo acerca de sua escrita, pois segundo a autora as experiências do sujeito autoral são projetadas em seus textos. Ocorre que é exatamente nesse ponto que a crítica literária canônica se apóia para descredenciar os textos que evidenciam as questões étnicas, acusando-os de essencialista. Tais acusações são preocupantes uma vez que retiram a legitimidade do negro como escritor e transforma o escritor negro em mero objeto de estudos no discurso dos pesquisadores. É como se a literatura produzida pelo autor negro estivesse contaminada por suas memórias, como se o fato do negro escrever sobre suas lutas diminuísse o valor de sua obra. Ao passo que, se o Outro, escreve sobre o negro a literariedade estaria presente, portanto, literatura, mas quando o negro escreve sobre si é ideologia, militância, qualquer outra coisa menos literatura. A partir dessa postura percebemos que durante muito tempo, dentro e fora da literatura, o negro teve que ter sua figura autorizada para existir. É como afirma Miriam Alves: “alguém que só tem existência através do agenciamento do outro”. (ALVES, 2002, p. 235).

É preciso salientar que os textos afro-brasileiros foram por anos silenciados, invisibilizados e menosprezados no processo de publicação e mesmo assim, apesar de todos esses reveses tais escritos têm cumprido com o seu papel de restabelecer a tradição e a memória afrodescendente no processo de construção de identidades negras. Essa memória e essa tradição presentes na literatura afrodescendente são hoje importantes fontes de conhecimento, estudo e pesquisa dentro e fora da academia. Entendemos tal fato como um significativo reconhecimento da literatura e da cultura afro-brasileira nas instituições de ensino superior. Nessa pesquisa, consideramos que na escrita de Conceição Evaristo emerge no cenário literário como uma contribuição para

o (re) conhecimento e a valoração das expressões culturais e das memórias do povo negro, uma vez que a autora assume um compromisso com experiências das pessoas negras e as estratégias de contar ou narrar uma história, que tem atraído a atenção de leitores nos círculos acadêmicos e as pessoas comuns: “os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira, trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo aos modos de utilização da língua. (EVARISTO, 2010. p. 143)

É possível que estudos dos romances de Conceição Evaristo tenham sido motivados pela sua condição de mulher negra, contudo o valor literário de sua obra é incontestável. Em Evaristo, o discurso de “autoria negra”, nos revelam uma percepção dos negros como agentes, sujeitos de sua história, discurso este que vai na contramão das representações negativas ou aos estereótipos do negro na literatura brasileira.

Uma leitura mais detalhada acerca da produção romanesca de Conceição Evaristo nos revela uma autora capaz de entrelaçar prosa e poesia de maneira sensível, isso dá a seu texto uma densidade impressionante, pois ao mesmo tempo em que emociona o leitor através das descrições permeadas de lirismos nas falas sobre as memórias das personagens, também se preocupa em representar o modo de ser de sua gente, de sua raça, trazendo em suas linhas ficcionais memórias da escravidão, das dores, das lutas. Como percebemos em *Ponciá Vicêncio*.

Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, e impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independentemente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não estava assistido por nenhum dos seus. (EVARISTO, 2003. p. 51)

O desespero de Vô Vicêncio se dá quando ele se lembra dos horrores vividos durante a escravidão, em constatar que mesmo tendo sua descendência nascido a partir da lei do “ventre-livre” eles seriam vencidos pelas marcas do

çoite deixados na pele, vencidos pelo preconceito e principalmente pela certeza de que apesar de livres estariam sempre aprisionados às memórias dolorosas dos tempos de escravidão. O lirismo presente na prosa de Evaristo é um elemento quase que catártico dentro do texto. Na citação acima, por exemplo, mais do que as descrições em si, a forma lírica como a autora descreve as dores de Vô Vicêncio evoca ao leitor um pacto com o sofrimento da personagem e também um diálogo com as dores descrita por Castro Alves: “Presas nos elos de uma só cadeia/ A multidão faminta cambaleia/ E chora e dança ali.../ Um de raiva delira, outro enlouquece.../ Outro de martírios embrutece, Cantando geme e ri...”(CASTRO ALVES, 2008. p. 21).

Em *Ponciá Vicêncio*, percebemos que a escrita memorial de Evaristo corrobora no processo de autorreconhecimento afrodescendente, é o negro escrevendo de si para si, e nesse desdobramento entre o lembrar o que era para afirmar o que será, emergem as lembranças de Ponciá como representação da luta contra o apagamento das memórias individuais para que assim a memória coletiva permaneça. Dessa maneira, é interessante perceber o diálogo entre as memórias/lembranças das personagens e as questões referentes à formação da identidade afrodescendente, ou seja, como essa identidade é construída individual e coletivamente. Acerca disso é válida a citação de Maurice Halbwachs em *Memória coletiva*:

Toda memória por mais particular que seja sempre nos remete a um grupo social, pois o indivíduo está em interação permanente com a sociedade. Assim constituída, a memória assume um importante papel social ao contribuir para o sentimento de pertinência do indivíduo a um grupo de experiências comuns. (HALBWACHS, 2004. P. 78)

As instâncias narrativas de Conceição Evaristo operam acompanhando o pensamento de Halbwachs, sobre esse passado que é ao mesmo tempo real, leal e doloroso, que não cessa de se apresentar nos dias presentes, um passado que apesar de doloroso não pode cair no esquecimento, pois uma vez apagado da memória pode retornar como presente real. Assim, nos romances objetos de nossa análise, o passado é sempre evocado, às vezes de maneira agradável, como nas lembranças afetivas que Ponciá tem do seu antigo lar, do seu Vô Vicêncio, das vezes que tinha de apanhar barro no rio para fazer os trabalhos de

barro, (*Ponciá Vicêncio* 2003). O fato é que as lembranças individuais se sedimentam em um tecido memorial coletivo e fortalece a identidade coletiva dos afrodescendentes descritos na obra. Nesse sentido, as memórias de Ponciá pertencem não só aos Vicêncio, mas a todos que figuram a obra.

#### 4 A MEMÓRIA COLETIVA EM *BECOS DA MEMÓRIA*

*“Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia.”  
(Conceição Evaristo)*

O romance *Becos da memória* conta o drama vivido pelos moradores de uma favela sob a ameaça de despejo. A trama se desenvolve sob o olhar Maria-Nova, uma menina de 13 anos, que ao percorrer as ruas da favela busca ouvir as histórias, as memórias com o intuito de armazená-las. Maria-Nova ao percorrer os becos, torna-se uma espécie de porta-voz das alegrias e sofrimentos dos favelados, ou melhor dizendo, dos “desfavelados”. A menina assume então o papel de porta voz da memória coletiva, é uma espécie de narradora Benjaminiana<sup>11</sup> capaz de captar as experiências e comunicá-las de forma exemplar. Como descreve Maria Nazareth Soares Fonseca ao prefaciá-la obra *Becos da memória*: “Evaristo procura restaurar esses lugares em que a palavra circula, mesclada a outras linguagens que, ao mesmo tempo em que desvelam as memórias subterrâneas, expõem-nas em suportes acessíveis somente aos que podem ler.” (FONSECA, 2006. p. 17).

O romance *Becos da memória* revela uma teia de memórias tecida por Evaristo, em que se cruzam histórias de personagens distintos que habitam uma favela em processo de desocupação, dentre eles estão: a família de Maria-Nova, um viajante misterioso que cativou a amizade de todos, uma prostituta que enlouquecera. A narrativa não deixa claro se todos os personagens são negros, mas a maior parte deles, sim.

A trama se desencadeia sob a ausência de uma linearidade, ou seja, a teia narrativa segue a partir de um universo fraturado onde várias histórias se confundem até chegarmos ao final da narrativa. Assim como em *Ponciá Vicêncio*, no romance *Becos da memória* as personagens também não carregam um ideal de moral único, a ideia de moralidade de cada personagem varia de acordo com

---

<sup>11</sup> Referência ao autor Walter Benjamin que escreveu o artigo intitulado O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Walter Benjamin: obras escolhidas-magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221

suas experiências de vida. Parece haver uma preocupação em focalizar esses valores multifacetados dos becos.

A mulher silenciou de vez. Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é pra isto mesmo. Mulher é pra tudo. Mulher é pra gente bater, mulher é pra apanhar, mulher é pra gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2006. p. 76)

Essa aproximação das experiências reais nos faz perceber, que em vários momentos a narrativa dos becos assume um tom denunciador, contando a vida a vida de mulheres que são maltratadas pelos maridos, mas não denunciam os seus algozes. Na obra, fatos dessa natureza representam a dominação masculina, cujos valores são impostos por uma cultura machista. É no espaço dos becos que as memórias coletivas vão sedimentando a memória individual de Maria-Nova. Nesses espaços da memória, a menina se depara com o cotidiano de exclusão e miséria. As memórias impregnadas nos becos dão voz a um discurso carregado de experiências por vezes oriundas dos traumas da escravidão. *Becos da memória* é, portanto, uma narrativa permeada de vozes afrodescendentes de diversas gerações, em cenários que oscilam entre o rural e o urbano das grandes cidades. Nesse sentido a narrativa se apresenta como uma teia que é tecida através do olhar crítico tanto das personagens como da própria autora.

Um romance que escrevi em 1988, *Becos da memória*, surge a partir de conversas com minha família. Estávamos relembando certos fatos e minha mãe disse uma frase. Uma determinada palavra usada por ela, e que conferia sentido e força à cena que recuperávamos do passado, caiu dentro de mim desencadeando um estado de emoção e acordando outras lembranças. Daí para a escrita só precisou do papel e do lápis, mais nada. A frase inicial do romance repete a fala que minha mãe pronunciou naquele dia. (EVARISTO, 2011. p. 109)

A partir da trama ecoam várias vozes como a de Vó Rita, uma velha parteira que “dorme embolada com a Outra” e “era boa, muito boa. Hoje, quando penso em Vó Rita, é como se pensasse no mistério e na plenitude da vida” (EVARISTO. 2006. p. 99). De certo modo, a voz de Cida- Cidoca, a prostituta “do rabo de ouro” representa a alienação do corpo da mulher. Romance de

coletividade, *Becos da memória* traz ainda as narrativas sofridas de Tio Totó que de tanto perder os seus almejava a terra; as de D. Santinha que espanca a própria nora no oitavo mês de gravidez para abortar a criança. Abre espaço também para a tristeza de Mãe Joana, que nunca sorria, “nem por dentro nem por fora” (EVARISTO, 2006. p. 60); para a fala de Negro Alírio, sindicalista idealista que reivindicava os direitos dos trabalhadores; e, ainda, para os elogios de Ditinha, a empregada doméstica alienada e deslumbrada com a patroa: “Como D. Laura era bonita! “Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias”.

Tio Totó nasceu durante o período de vigência da Lei do Ventre Livre e mesmo não sendo escravo, carrega consigo os dramas de seus antepassados. Tal personagem representa o elo entre a matriz africana que cada brasileiro carrega. Tio Totó vive a recontar sua labuta na roça, como teve que se mudar muitas vezes na vida. Numa dessas ocasiões, foi obrigado a deixar a fazenda em que trabalhava, pois as terras haviam sido vendidas. Reuniu mulher e filha e decidiu partir: “havia o rio para atravessar, uma canoa improvisada de tronco de árvore. Não dava para esperar mais do lado de cá. [...] Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá.” (p. 35).

*Becos da memória* apresenta em sua narrativa uma forte crítica à violência doméstica a qual várias mulheres são submetidas. Evaristo nos apresenta o personagem Fuinha, tal personagem é a representação de um marido abusivo: “vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas”. (EVARISTO, 2006. p. 75). Michelle Perrot (2012) faz a seguinte observação sobre esse comportamento abusivo de muitos companheiros para com suas esposas:

A quantidade de mulheres que apanhavam do marido era imensa. Bater na mulher e nos filhos era considerado um meio normal, para o chefe de família, de ser o senhor de sua casa – desde que o fizesse com moderação. Tal comportamento era tolerado pela vizinhança, principalmente nos casos em que as esposas tinham reputação de serem donas de casas “relaxadas”. (PERROT, 2012. p. 77)

É importante dizer que as memórias dos becos não estavam impregnadas somente de tristezas, havia também espaço para a descontração, lugares onde as alegrias eram exaltadas. Nos festivais de bola, “em volta do campo fincavam-se bandeirinhas armadas em um varal de estacas de bambu”. A alegria figura como

contraponto das brigas, das decepções. Em algumas passagens a morte é encarada como uma consequência ora natural, ora traiçoeira da vida: “a morte havia sido tão sem graça [...] Os corpos dos homens-vadios-meninos estavam despedaçados pelo chão e os dois tratores também.” (p. 109).

Durante a leitura *Becos da memória* é fácil estabelecer um diálogo entre a obra em questão e a realidade presente na vida de muitos sujeitos invisíveis que habitam as periferias do país que prende o leitor da primeira à última página do romance. Ao colocar em primeiro plano o sentimento do favelado que perde seu espaço, a narrativa de Conceição Evaristo se projeta nos dias de hoje como reflexão sobre a presença do negro na construção do país e da própria formação da identidade brasileira.

Maria-Nova estava com o coração cheio de esperanças, apesar de tudo. Apesar das dores, dos sofrimentos, da fome, da miséria, apesar dos preconceitos dos quais eles eram vítimas e que eles, muitas vezes, infligiam a si próprios e aos outros. Apesar do Mal de Hansen que existia no corpo da Outra e que mais existia no coração de muitos homens, havia o amor de Vó Rita, que era o maior e que era para todos. (EVARISTO, 2006. p. 166)

O romance dramatiza a atualidade da diáspora negra, trazendo para a trama a memória como exercício de restabelecer ou reterritorializar a história do negro, chamando nossa atenção para antigos e novos problemas, velhos e atuais clamores. Sem perder a ternura da narrativa a escritora revolve a trajetória dos que saíram da senzala para habitar os becos de nossa modernidade.

#### **4.1 A Escrita de Si em *Becos da Memória***

Durante muito tempo a Literatura produzida no Brasil limitou-se a difundir uma versão da história do negro concebida pelos brancos e para os brancos, onde o protagonismo do negro se resumia às áreas do futebol, da gafieira, do carnaval e da macumba, vistos de forma estereotipada e negativa. No caso específico de Conceição Evaristo, essa “autoria negra” é auto-professada, na afirmação de um sujeito que fala a partir de uma experiência específica: a experiência de ser negro numa sociedade racista e de ter orientado todo o seu

trabalho político e sua produção intelectual no combate e na formulação de alternativas antirracistas e de autodeterminação de todos os povos.

Em seus romances, Evaristo consegue ficcionalizar, de maneira harmônica, as tensões presentes na sociedade com questão do autorreconhecimento afrodescendente. A partir de nossas leituras, percebemos que na contemporaneidade, quando o negro escreve sobre si, ele transforma essa escrita num instrumento de autorreconhecimento, singulariza sua narrativa de maneira ficcional transpondo para o texto suas experiências, transformando assim o texto em escrevivências. Neste capítulo, procuraremos, entender como funciona o processo de escrevivenciar um texto e como tal processo se assemelha à escrita de si. Mais uma vez navegaremos pelo rio da memória para construção desta secção, pois entendemos que a escrita literária afrodescendente carrega, talvez mais do que as outras, o elemento memorial em sua composição e que essas memórias normalmente estão atreladas à ancestralidade, à cultura dos negros.

Na contemporaneidade, dentro dos textos afrodescendentes a escrita de si tem funcionado como uma maneira de revelar traços da ancestralidade negra e fixar experiências de um eu-negro que fora perdido, fragmentado, silenciado a partir da travessia do atlântico, ou seja, essa escrita de si pode ser entendida como tentativa de apresentar um eu possuidor de uma identidade coesa e constante atrelada à matriz cultural africana. Portanto a experiência negra de escrever sobre si dentro do caos das sociedades contemporâneas, onde o sujeito pós-moderno foi paulatinamente descentrado, fragmentado e tem se mostrado uma forma de registrar e solidificar a identidade negra no cotidiano.

A distinção entre as narrativas de ficção pura e as que contem ecos da escrita de si reside no fato de que esta se sustenta a partir de descrições pautadas em uma existência real, tanto no que diz respeito à pessoa que fala quanto ao conteúdo, factual e verdadeiro. Como nos coloca Sibilía (2008, p. 37) ao comentar que a escrita de si como sendo “uma referência a alguma verdade, um vínculo com uma vida real e com um eu que assina, narra e vive o que se conta”. Apesar do que diz Sibilía, percebemos hoje que várias produções literárias mesmo sendo relatos fictícios incorporam fatos reais vividos por seus autores. Não podemos esquecer caso de algumas pseudobiografias, que falseiam o estilo autobiográfico, deixando o leitor na dúvida do que seria verdadeiro ou falso,

inventado. No romance *Becos da memória*, temos uma narradora que apesar de não possuir as memórias da senzala, como o Vô Vicêncio do romance *Ponciá Vicêncio*, consegue estabelecer uma estreita relação entre a senzala e a favela. Nesse caso a experiência não é falseada. Apenas não fora vivenciada por todos, mas é compartilhada por meio da memória.

Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio a tantos acontecimentos. A conduta de Vô Rita, de Bondade e de Negro Alírio sinalizava para ela que era preciso insistir. Ela queria seguir a caminhada, inventar alguma saída, mas ainda não atinava como. Sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que era um sentimento dirigido à pessoa errada. (EVARISTO, 2006. p. 126)

O romance *Becos da memória* é uma narrativa encadeada entre as memórias dos pobres que migraram por um Brasil de gente esquecida e marginalizada. Nas obras em análise, os migrantes buscam a melhoria de suas vidas, principalmente sob o ponto de vista financeiro. As personagens se vêem enredados pelo choque cultural, pela saudade de sua terra que transforma alguns deles, como o é o caso de Tio Totó, personagem do romance *Becos da memória* que, em todas as suas falas, apresenta uma grande saudade de seus antepassados, saudade de ouvir as histórias da África mãe: “Tio Totó andava inconsolável, já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada”. (EVARISTO, 2006, p. 23)

Escrevivenciar um romance é de certa maneira arquivar a si, pois quando a autora coloca no papel suas memórias, suas vivências, Conceição começa um processo de seleção dos momentos passados, assim a narrativa se compõe de cenas vividas, escritas e recriadas através de muitos de suas personagens. Ler o universo por meio das palavras foi uma maneira que Maria-Nova, em *Becos da memória*, encontrou de suportar as agruras impostas pela vida, sendo que essa leitura do mundo por meio das palavras orais e escritas permite que a personagem se perceba como ser no mundo e sujeito da sua própria história. A

escrevivência está, portanto calcada em três elementos, como diz Luís Henrique de Oliveira ao comentar o referido romance:

A obra se constrói, então, a partir de "rastros" fornecidos por aqueles três elementos formadores da *escrevivência*: corpo, condição e experiência. O primeiro elemento reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e poder de persuasão à narrativa. No livro em questão, a voz enunciativa, num tom de oralidade e reminiscência, desfia situações, senão verdadeiras, verossimilhantes, ocorridas no "morro do Pindura Saia", espaço que bem se assemelha ao da infância da autora. Arriscamos dizer que há "jogo especular", portanto, entre a experiência do sujeito empírico e de Maria-Nova, para além da simetria do espaço da narrativa (favela) e do espaço da infância e da juventude da autora.<sup>12</sup>

Ao dialogar com a história da descendência negra no Brasil, a obra de Evaristo assume um caráter inspiratório e dialoga com o engajamento da autora. A citação acima demonstra que no romance em questão há uma oposição ao discurso canônico e hegemônico, uma vez que nas falas das personagens são narradas histórias possíveis, histórias repletas de significação e de verdades até então silenciadas. A estrutura polifônica dos romances proporciona a exposição da pluralidade de vozes dos indivíduos afrodescendentes que ora aparecem alienados de seus direitos e submersos em sua ignorância e ora aparecem envolvidos nas lutas por seus direitos, como percebemos no fragmento abaixo retirado de *Becos da Memória*.

A partir daquele dia, muita coisa mudou no povoado. O barulho seco da bala, o corpo de Pedro da Zica no chão, a caminhada até à casa do Coronel, a covardia, o medo, a traição, a mentira do Zé Moleca, tudo isso caiu no fundo do coração de todos. Crianças, mulheres, homens, todos, cada qual à sua maneira, cada qual com seu poder de alcance, de entendimento diante da vida,

<sup>12</sup> Extraído da revista eletrônica:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2009000200019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2009000200019&script=sci_arttext)) Publication of Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina *Print version* ISSN 0104-026X. *Revista Estudos Feministas* Rev. Estud. Fem.vol.17 no.2 Florianópolis May/Aug.

percebeu que, se ficassem cada um para o seu lado, eles não seriam ninguém. A ideia da cooperativa, que há muito o homem discutia com os irmão, começou a tomar corpo. Era cada um cuidando de sua vida, mas cuidando também da vida dos outros. (EVARISTO, 2006. p. 65)

Ainda sobre o romance *Becos da memória*, percebemos que este é marcado por uma diversidade de ideologias articuladas a partir de estratégias narrativas que resultam na produção daquilo que Bakhtin definiu como polifonia. Nesse sentido, a enunciação no romance em análise solidariza-se com os menos favorecidos, dentre estes, com as mulheres negras. Os becos da narrativa revelam um universo onde o sujeito autoral parece ser recriado através das caracterizações físicas, psicológicas, sociais e econômicas de suas personagens do gênero feminino. Notamos que Maria-Nova, mais do que qualquer outro personagem, carrega consigo elementos de um sujeito autoral, ou seja, é menina, negra, que durante sua meninice foi moradora de uma favela e que vê na escrita uma possibilidade de se expressar e resistir.

Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma, e a professora . Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porem ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu um certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela. (EVARISTO, 2006. p. 70)

A narrativa de Evaristo apresenta ao leitor a representação de personagens com características distintas, uma vez que em tais representações essas personagens demonstram uma consciência própria acerca de sua condição e da realidade que as circundam. Isso estabelece certa independência e liberdade em relação às concepções do autor. Entretanto, essa liberdade não desvincula totalmente o autor de suas personagens, pois a construção dos discursos múltiplos e em certos casos, divergentes, perpassa a formação do sujeito que os produz. É nesse sentido que percebemos nos romances de Conceição Evaristo a existência de muitas de suas experiências pessoais, em especial, na personagem Maria-Nova. Evaristo, também constrói as concepções individuais das

personagens, fazendo com que reflitam sobre sua condição enquanto seres humanos, como é o caso de Negro Alírio (*Becos da memória*) com seu ativismo político. As personagens tornam-se veículos de seus próprios discursos que, assim como no plano do real, não deixa de apresentar contradições e entrecruzamentos.

As histórias, as lembranças, as memórias e as esperanças dos personagens de Evaristo se tornam uma metáfora de uma maneira particular de se contar histórias. Assim as escrevivências da autora dão espaço a uma narrativa lenta, cheia de idas e vindas, que criam caminhos a serem percorridos pelo leitor. Esses caminhos são marcados por uma narrativa e eventos permeados de memórias vivas, dando um detalhamento especial e simbólico a ações consideradas banais pela maioria.

#### **4.2 O Legado da Tradição Griot em *Becos da Memória***

Em seus escritos, nos lembra que todas as sociedades, sobretudo as consideradas ágrafas, “atribuem tarefas à memória”. Nas sociedades africanas tradicionais onde a cultura oral é mais evidente e onde a memória é coletivizada, emerge a figura do griot<sup>13</sup> que é um contador de histórias. Essas poetas contam histórias que têm funções como: educar, entreter e encorajar o seu povo. Portanto, o griot é responsável pelo arquivo oral da memória, a consciência e a formação da cultura dos mais novos. O griot é o sábio guardião do conhecimento ancestral acumulado ao longo de sua vida, transmitindo experiências, mitos e lendas às gerações presentes e futuras.

Cabe ressaltar o valor que a palavra assume dentro dessas sociedades, tendo um elo com o sagrado a palavra tem o poder de curar, de proteger, mas também de perturbar ou arruinar. É por reconhecer o significado e o valor das

---

<sup>13</sup> Terno do vocábulo franco-africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes às quais, em geral, está a serviço. Presente sobretudo na África ocidental, notadamente onde se desenvolveram os faustosos impérios medievais africanos (Gana, Mali, Songai etc.), recebe denominações variadas: *dyéli* ou *diali*, entre os Bambaras e Mandingas; *guésséré*, entre os Saracolês; *wambabé*, entre os Peúles; *aouloubé*, entre os Tucoles; e *guéwel* (do árabe qawwal), entre os Uolofes” (Nei Lopes. *Diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004, p.310).

narrativas que esses povos africanos preservam ou preservaram os griots. Esses narradores são preparados desde a infância, para que possam desde cedo usar e executar o poder que lhes é concedido. O romance *Becos da memória* revela a figura do griot e o processo de aprendizagem do sábio contador de histórias, responsável pelo armazenamento das memórias da comunidade. Essa revelação nos é feita pela personagem, Maria-Nova que, desde muito jovem, sente-se responsável por traduzir as dores e alegrias de todos que habitam os becos da favela:

Maria-Nova tinha em bondade outro contador de histórias. Coisas que ele não contava para gente grande, Maria-Nova sabia. As histórias tristes Bondade contava com lágrimas nos olhos; as alegres ele tinha no rosto e, nas mãos, a alegria de uma criança. Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, vinha-lhe. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda que não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito. (EVARISTO, 2006. p. 39)

Maria-Nova assume o papel de griot, o interesse pelas histórias do seu povo é insaciável, pois é atreves desses relatos de experiências que a menina fortalece sua identidade, sente-se compelida a reestabelecer a memória e a cultura de sua gente. Enquanto griot a menina não exclui o novo, pelo contrário, Maria-Nova reterritorializa a cultura dos seus antepassados negros no sentido de afirmar identidades e dar visibilidade a historia desse povo na tentativa de reivindicar seus direitos enquanto cidadãos e cidadãs brasileiras, tornadas invisíveis por uma elite dominante, excludente e racista. No fragmento acima também podemos notar que a figura do griot carregaria algo de divino, não sendo esta uma escolha, pois Maria-Nova mesmo sem saber como, já lhe habitava o peito o sentimento de que um dia contaria todas as histórias que ouvira.

É importante salientar que a memória coletiva das populações negras ou miscigenadas é uma categoria que funciona dentro e fora das narrativas da história dita oficial. As memórias das comunidades oriundas do Atlântico Negro são entrelaçadas de forma étnica, oral, gráfica e figurativa. Segundo Gilroy (2010) tais memórias se constituem de vestígios das culturas oral, musical, das práticas linguísticas e religiosas de tais povos. Como percebemos na passagem abaixo retirada do romance *Becos da memória*.

Cada área da favela tinha seus tiradores oficiais de terço. Poucos sabiam ler. A maioria sabia de cor as rezas e muitas vezes em

latim. Como Maria-Nova lia muito bem e os santos sempre visitavam a casa dela, ela foi se tornando uma tiradeira oficial de rezas. Começou em sua casa e já era solicitada para puxar o terço nas moradias mais próximas. Todos achavam bonito aquela menina esguia, bem magra, de olhos sempre indagadores, de expressão entre séria e triste, ajoelhando no meio dos grandes a ler tão bem as orações dos livros. (EVARISTO, 2006. p. 46)

Maria-Nova apesar de ainda jovem é a responsável por romper com o silenciamento imposto àqueles que foram marginalizados, que tiveram suas experiências destituídas de significados. Ela é a garota magricela que transmutada em uma espécie de griot, dará visibilidade as memórias da comunidade, pois segundo Fonseca (2006. p. 11): “Ao se permitir que os silenciados ocupem lugares delineados pela escrita, dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena, dos grandes feitos para comporem outras histórias”. Paul Gilroy (2010), que é considerado por muitos, um dos principais estudiosos do tema diáspora, lembra que tal conceito nos obriga a “rever a nossa concepção reducionista e minimalista em relação à cultura”, uma vez que a realidade diaspórica investiga ou reinvestiga a própria definição de identidade.

As investigações contemporâneas acerca da categoria memória têm se ocupado cada vez mais sobre as memórias diaspóricas, pois enquanto conceito ideologicamente forjado o que muda são as causas do movimento de dispersão e as representações de suas consequências no presente. A partir do que foi dito podemos inferir que comunidades diaspóricas mantêm uma relação ontológica e quase visceral com o seu passado, isso porque em tais comunidades as tentativas de apagamento, esquecimento ou sepultamento das memórias é fortemente combatida pelo sentimento identitário, como nos mostra a seguinte cena em *Becos da memória*.

Maria-Nova ficou com o gosto insosso na vida. Tio Totó era para ela o grande elo com todos e com tudo o que ficara para trás. Os cabelos brancos do velho, o olhar perdido, a desesperança dele, tudo isso empurrava Maria-Nova para o passo seguinte. A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. (...) Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmão, e sentou que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida. (EVARISTO, 2006. p. 161)

A partir dos sofrimentos e alegrias vividos na favela, Maria-Nova vai tecendo uma história maior. A pobreza a que a comunidade é submetida é

também o elo que os lança para frente e essa sede que a menina tem pelas histórias da comunidade é também uma demonstração de sua imensa vontade de ler e contar a vida. A problemática da diáspora remete também às formas como as populações negras do novo mundo se relacionam com a memória da terra da escravidão e da terra de origem. As experiências diaspóricas, segundo Glissant, começam no navio negreiro e se prosseguem com diversas práticas de organização cultural, artística e religiosa. Entretanto Glissant ressalta que a escrita negra não almeja se sobrepôr às demais, sua intenção é e sempre será a de alcançar um lugar que é seu por direito.

No encontro das culturas do mundo, precisamos ter a força imaginária de conceber todas as culturas como agentes de unidade e diversidade libertadoras, ao mesmo tempo. É por isso que reclamo para todos o direito à opacidade. Não necessito mais “compreender” o outro, ou seja, reduzi-lo ao modelo de minha própria transparência, para viver com esse outro ou construir com ele. (GLISSANT, 2005. p. 86)

. Uma bela ilustração que Evaristo faz disso é a composição da personagem Negro Alírio, que representa dentro da narrativa a ideia de que o valor e a moral não devem ser avaliados ou preconcebidos a partir do seu fenótipo ou cor da pele.

Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso de que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele sempre ganhava novos amigos. (EVARISTO, 2006. p. 90)

A personagem Negro Alírio pode então ser percebido como uma forma de Evaristo revelar nas entrelinhas de sua narrativa as concepções políticas que cercam o negro na contemporaneidade, uma forma de desconstruir a ideia de pseudoigualdade vinculada pela mídia. Alírio é a representação dos combates culturais ou políticos que todos já travamos e continuamos fazê-los. Nesse sentido, a escrita dos temas afrodescendente, na sua obra, contribui em estratégias para a mudança de mentalidade que a humanidade carrega desde a expansão marítima quando começaram os sistemas de colonização, que no dizer de Glissant (2005. p. 69) “se você não é como eu, você é meu inimigo; se você não é como eu, eu estou autorizado a combatê-lo”: Dito isso, parece-nos

que tanto para Evaristo como para Glissant uma das funções do artista, isso inclui o poeta, é contribuir para transformar esse estado de coisas, onde os diferentes são vistos como inimigos.

Ao nos depararmos com vários textos de autoria e teor afrodescendente publicados na atualidade, percebemos que as narrativas de vozes até então silenciadas, consideradas minorias<sup>14</sup>, dentre elas o negro, assumem consciência de seu papel social. Julgamos que, a medida que o negro consegue mudar seu próprio destino, muitas ideias ligadas ao seu passado de dor também assumem um novo significado. A exemplo disso a ideia de diáspora que a partir desse novo contexto transforma-se em local de esperança e de novos recomeços. As diásporas narradas nos textos literários atuais podem deixar de ser um lugar unicamente antropológico, que deve ser resgatado, significando um terreno de contestação política e cultural onde memórias individuais, e coletivas colidem, se reagrupam e se reconfiguram, perceptíveis em obras romanescas como *Becos da memória*.

Tio Totó estava se sentindo feliz. Gostava da cidade, daquele burburinho todo diferente das fazendas. Já pelo interior havia carros, os fazendeiros quase sempre possuíam um, mas na cidade parecia haver um para cada pessoa, tantos eram eles. Sonhos novos brotavam na cabeça de Tio Totó. (...) Quando cheguei à favela, ainda existia muito lugar vazio. Esta minha casa era só um quartinho, fui aumentando aos poucos. Hoje você vê, menina, são quatro cômodos. (EVARISTO, 2006. p. 84)

A felicidade que Tio Totó sentia ao pensar na favela é uma espécie de metaforização de uma comunidade em situação de diáspora. Nas lembranças de Tio Totó, percebemos um desejo necessário de retorno a um lugar primeiro, mas também percebemos o afeto desenvolvido pela morada atual. É importante salientar que para esses personagens que habitam os becos da favela a diáspora não é temporária, diferentemente da viagem feita por tio Totó. Os personagens aprendem a construir nos becos da favela os lares longe do lar. Segundo Bhabha (2013) esse outro olhar acerca da ideia de diáspora, também ajuda a repensar o discurso onde tanto o negro como a África eram apresentados de maneira estereotipada, para tal teórico a principal estratégia discursiva acerca do negro

---

<sup>14</sup> Nesse caso o termo minoria foi utilizado para enfatizar a ideia de que por muito tempo o negro foi marginalizado em nosso país, entretanto entendemos que no Brasil, enquanto país miscigenado, demograficamente o negro jamais poderá ser estudado como minoria.

era o estereótipo, sendo que tais descrições seriam: “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. (BHABHA, 2013. p. 117)

Em seus romances, Conceição Evaristo preocupa-se em narrar a história das lutas do negro brasileiro. Por vezes a autora toma como base de sua narrativa sua própria experiência familiar, recordando aprendizados de dor e lições de solidariedade entre os negros, tornando a sua trajetória de vida como um eco da negação do racismo. Essa experiência, todavia extrapola o caráter pessoal, individual ou mesmo de pequenos núcleos no que diz respeito à referida autora e aos sujeitos de descendência africana de uma forma geral. Como comenta Aline Alves Arruda sobre a obra de Evaristo.

A literatura negra é um lugar de memória. Essa literatura, que traz para o leitor as marcas desse passado não tão distante, precisa dessa memória para reafirmar sua identidade e sua cultura. A memória diaspórica, coletiva ou individual, é a marca do escritor afro-brasileiro, suas motivações e maneiras de resgatar o passado, de livrá-lo do esquecimento em que a sociedade brasileira teima em permanecer. (ALMEIDA, 2011. p. 48)

Tanto em *Ponciá Vicêncio* como em *Becos da memória* percebemos que a memória está intimamente ligada à ideia de diáspora, uma vez que as narrativas conduzem a um entrelaçamento de vivências individuais, tradições ancestrais e coletivização cultural. Assim, podemos dizer que é através das memórias orais e escritas, individuais e coletivas que a narrativa se constrói. É possível que para um leitor desatento os dois enredos pareçam, a princípio, fragmentados, fragmentação essa que, diga-se de passagem, própria do conceito de memória, mas à medida que a narrativa se desenvolve, percebemos que as memórias das personagens são de fato a própria história dos romances.

#### **4.3 Memória e Lugar em *Becos da Memória***

A categoria conceitual conhecida como lugar tem sido utilizada por várias áreas do conhecimento científico e artístico. Para Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, autor do livro *O mapa e a trama* (2002), descrever os lugares, conhecê-los, amá-lo ou mesmos temê-los são além de características, uma necessidade

do intelecto humano. As descrições dos lugares são “atributos básicos que emergem simultânea e concomitantemente na Geografia e na Crítica Literária” (MONTEIRO, 2002. p. 14). Entretanto, cabe-nos investigar que tipo de aproximações podem ser encontradas em coisas tão aparentemente díspares quanto a Crítica Literária e a Geografia, uma vez que a Literatura é "criação artística" e a Geografia é, ou pelo menos pretende ser, "construção científica". A noção de localização espacial configurada no "lugar" aparece como o denominador comum no princípio dessa possível aliança. Para fundamentar tal visão, observam-se as palavras de Eric Dardel:

...a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. É naturalmente que falamos de rios *majestosos* ou *caprichosos*, de torrentes *fogosas*, de planícies *risonhas*, de relevo *tormentoso*. Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio é *qualificadora*, que a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção. Medo, admiração, simpatia, participamos ainda, por mais modernos que sejamos, por um acordo ou desacordo fundamental, do ritmo do mundo circundante. Entre o homem e a terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser. (DARDEL, 2011. p. 6)

A construção do "lugar" ou do conjunto de lugares que um romance contém, sustenta essa condição de possibilidade para a produção e a recepção da obra literária. A concretude do lugar, enquanto espaço exterior, geográfico, seria uma necessidade corpórea que a percepção do leitor tende a identificar na ficcionalidade literária. Cada tradição cultural fornece uma visão particular de mundo que o reveste de uma estrutura espaço temporal.

A partir do conceito de lugar podemos inferir que ficção e lugar vivem uma íntima relação, pois uma vez que os sentimentos crescem e se desenvolvem a partir de um lugar é também através deste que melhor se compreende a composição das personagens. O lugar enquanto entidade com um sentido concreto, com texturas topográficas, passa a designar também subjetividades, outros sentidos, outras leituras. Acerca disso Oliveira Jr., diz:

Busco dizer que tanto os locais narrativos ganham existência a partir de memórias e materialidades que não se deslocam dos lugares geográficos quanto os lugares geográficos ganham existência no interior mesmo de narrativas, sejam elas amparadas

em imagens e sons ficcionais, sejam em palavras e mapas científicos. (OLIVEIRA Jr, 2012. p. 123)

Nesse sentido, a relação entre o lugar e a imaginação do escritor, passa a recriar emoções, produzindo lugares ficcionais capazes de conduzir os leitores a perceber as imensas possibilidades da literatura e do seu papel no mundo. Evaristo ao produzir em seus textos lugares ficcionais dá ao seu leitor a oportunidade de desdobrar não somente a trama, mas de redescobrir o mundo que é habitado pelo leitor, a teia narrativa ao recriar os lugares reais mostra-se capaz de o reinventar a realidade, criando novas e diversas mundividências.

A representação dos lugares no texto literário estabelece entre texto e leitor uma instância extratextual. Esta pesquisa além de investigar a validade dos lugares no texto literário, também questiona em que medida a literatura é capaz de fazer uso daquilo que, em certo contexto cultural, é identificado como lugar. Ou seja, a pergunta que lançamos aqui é, em que medida, na operação representativa de narrar, os lugares extratextuais podem ser transfigurados, reordenados, transgredidos? Parece que Evaristo ao escrever seus romances dá pistas de como ou quanto esses lugares ficcionais alcançam uma operacionalidade extratextual.

Evaristo enfoca as experiências do passado, de maneira que seus personagens estão na maioria das vezes plenos de lembranças. Em *Becos da memória* mesmo quem não as tem quer reconhecê-las como suas. Lembrar dá a ideia de pertencimento ao grupo. Como é o caso de Maria-Nova que percorre os becos ouvindo as memórias dos outros na tentativa de sedimentar as suas. Em algumas passagens do romance *Becos da memória* percebemos que o passado que emana da narrativa afeta também o leitor que se vê compelido a partilhar de todas as memórias descritas por cada personagem, pois a luta de Negro Alírio é semelhante às lutas por igualdade que a maioria dos brasileiros trava todos os dias, a tristeza que Maria-Nova sente ao ver a desocupação da favela lembra a dor de muitos que perderam o lar. A citação abaixo revela um pouco das dores pelas quais muitos passam diariamente:

Maria-Nova andava pelos terrenos recentemente desocupados com poeira-tristeza-lágrimas nos olhos. No local onde estavam os barracos dos que haviam ido pela manhã, agora só restava um vazio. Era como um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores. Pensou em Vó Rita. Teve vontade de ir ter

com ela, mas não podia. Voltou para casa, cabisbaixa fundando o pé na terra solta, na poeira. Cada pé que afundava no macio da terra sentia no peito o peso de nada. Não posso chorar. Quero guardar esta dor. (EVARISTO, 2006. p.82)

Essa dor guardada e de que fala Maria-Nova, é a dor das memórias individuais que ao serem compartilhadas assumem gradativamente o papel de memória coletiva. Essas memórias estão normalmente ligadas a marcos temporais e espaciais consagrados pela tradição. No caso de *Becos da memória* as lembranças são evocadas à medida que as casas da favela são desocupadas e Maria-Nova percebe a expulsão significa em parte, o fim das lembranças da comunidade e, por conseguinte, parte de suas próprias lembranças.

Ao longo do romance *Becos da memória*, observamos como as memórias norteiam a construção das suas histórias pessoais e comunitárias. Essa revisão do passado através das lembranças dos personagens propicia ao leitor uma tomada de postura em relação às questões identitárias afrodescendentes e demonstra uma preocupação da autora dos romances em não perder o olhar clínico e crítico do presente em que transcorrem os episódios dos seus romances.

Ao trabalhar a palavra escrita como evocação do passado, Evaristo nos dá a ideia de “escrita como abrigo da memória” (Ferreira, 2004), como espaço de conservação das lembranças que facilmente se esvaem no esquecimento, num contexto de deslocamentos e fragmentações e também como demarcação de território, como forma de se fazer pertencer a um lugar. O sentimento de pertença, de poder reconhecer-se pela identificação com o lugar será uma das marcas de nosso trabalho e por isso está pesquisa terá uma secção específica para a relação estabelecida entre o lugar e a memória. Ainda no tocante aos conceitos relativos à memória, temos como embasamento outro autor que opera nesse âmbito, o francês Joel Candau, que, em seu *Memória e identidade* nos relata sobre a importância da(s) memória(s) – seja individual ou coletiva – e em que ponto elas se encontram para se complementarem:

O jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos: no domínio da “identidade étnica”, a completa assimilação dos indivíduos pode ser contestada pela sociedade que os acolhe, desde que o trabalho de esquecimento de suas origens não tenha se completado. (...) De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária

sem memória, e inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2011, p.18-19).

Evaristo evidencia em seu texto elementos que suscitam os pressupostos de Candau acerca de: “não há busca identitária sem memória”. Nos dois romances da autora por mais que a experiência se processe individualmente através de cada um de seus personagens, essa memória individual se coletiviza e dá suporte à identidade individual e coletiva dos personagens. É como se a memória individual só alcançasse o *status* de verdadeira quando se transforma em coletiva. Tanto Maria-Nova como Ponciá, cada uma a sua maneira, são responsáveis pela coletivização das memórias, a primeira toma para si a responsabilidade de guardar as memórias de todos que habitam a favela, já a segunda carrega a herança de seu avô e não consegue se fixar no presente transformando-se em uma espécie de simulacro das memórias dos Vicêncio.

#### 4.3.1 Os Becos como Entre-lugar

É importante perceber que no romance *Becos da memória* a trama é constituída, inicialmente, por um deslocamento temporal e espacial. Suas ações se desenvolvem, principalmente, por meio das andanças geográficas feitas pelos personagens até suas respectivas chegadas à favela. A narrativa está recheada de lembranças que têm como intenção um afastamento dos problemas vividos tanto no passado como no presente. Essas viagens geográficas revelam o lado subjetivo das personagens de Evaristo, como é o caso de Tio Totó que acredita que esse afastamento do mundo é uma maneira de esquecer as dores passadas e a morte eminente.

- Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisa, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso, pra quê? Fiz isso a vida inteira...labutei, casei três vezes, viuei duas, a terceira mulher é você. Tive filho das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança. (EVARISTO, 2006. p.11)

Na concepção de Tio Totó, a morte depois de tanto sofrimento era o caminho correto a ser feito, o caminho da distância. Era ao mesmo tempo um sonho e uma desilusão, a vontade de que tempo e espaço, no caso do contexto da obra, representado pela desocupação da favela, não o alcançasse, não o afligisse. As andanças de tio Totó estão intimamente relacionadas às viagens de fuga propriamente dita. Podemos entender que o sentimento que permeia a mente de tal personagem é o de desenraizamento. Esse conceito traz em si a ideia de que fomos tirados de um lugar amado que possuía um significado para nós, e lançados no mundo de forma brusca, no caso de tal personagem trata-se das memórias de sua mãe África, o processo de desenraizamento é doloroso e pode trazer danos irreparáveis para nossa psique.

Segundo Paulo Daniel Farah, em sua tese de doutorado denominada Geografia da ausência: o espaço na literatura Palestina (2004, p.53), o sentimento de desenraizamento, pode ser tão forte quanto o sentimento de pertencimento, de acordo com tal autor: “O espaço é uma força estruturante fundamental para o sentido de identidade e para a relação com o mundo material. Conseqüentemente, uma ruptura do liame com o espaço leva a várias fragmentações sociais e psicológicas”. Para as personagens do romance, especialmente Tio Totó, essa assertiva traduz o sentimento de ser deslocado bruscamente de sua vida, da sua casa, do lar habitual e lançado em um lugar totalmente novo e que, por esse e outros fatores, não lhe diz nada de especial. O nosso ponto de vista corrobora com a afirmação de Gaston Bachelard:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas (...) Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade. (BACHELARD, 2008, p. 29)

A partir das percepções de Tio Totó, podemos perceber os significados de ausência que a favela representa para essa personagem, Totó não consegue ou não quer criar um laço maior com a favela porque esta simplesmente não lhe diz nada. Não faz parte de seu passado, não lembra boas experiências, não remete à infância. É apenas um lugar onde ele se abrigou em um período difícil da vida. Isso difere da concepção de Bachelard, já que não representa intimidade, nem

lembrança e muito menos permanência, a favela pode ser considerada como algo simplesmente destituído de significado, um espaço que do ponto de vista afetivo, não atribui sentimentos de conforto espiritual ou material ao velho morador da favela.

Tio totó, cada vez mais, tornava-se íntimo da morte, despojava-se da esperança. Revivia o que passara, coisas tristes, tristes mesmo! Algumas alegres num tempo de esperança. Foi justamente a esperança que ele procurou. Procurou a esperança bem lá no fundo do coração e só escutou a batida seca do órgão. ETA coração velho! Quando iria terminar tudo aquilo? Seria agora? Quem sabe uma bomba estava sendo jogada na favela? (EVARISTO, 2006. p. 71)

A citação mostra claramente como o conceito de desenraizamento pode ser percebido. A desterritorialização de Tio Totó do lugar de origem traduz a sua condição de desenraizamento. A personagem vive de suas lembranças, lembranças estas que só ganham significado longe dali, em um contexto mais abrangente que o transporte às primeiras vivências, aquelas que constituíram os primeiros significados em sua vida. A lembrança de seus antepassados, de seus filhos e de suas esposas mortas era algo muito forte, contra o qual ele não poderia lutar.

Na análise do romance de Conceição Evaristo, investigamos aspectos concernentes às relações naturais e simbólicas que o homem cria com seu entorno geográfico e o papel significantemente que os elementos da natureza exercem de maneira simbólica nos escritos da referida autora. Nosso olhar sobre os lugares descritos por Evaristo, especificamente a favela habitada pelos personagens de *Becos da memória*, pois tais lugares proporcionam uma análise identitária nos âmbitos objetivo e subjetivo. O romance em questão é capaz de nos proporcionar um mundo inteiro repleto de imagens e nuances psicológicas. Dentro da referida obra, entretanto, buscamos investigar camadas mais densas relacionadas aos lugares, e é por essa procura que continuamos a aprofundar o presente estudo, que não se encerra nessa investigação, já que ela não está de forma alguma fechada em si mesma, sempre buscando diálogos com outras áreas de conhecimento e outros estudiosos dos romances de Conceição Evaristo.

Para nós, a favela de *Becos da memória* é um lugar onde culturas se relacionam e se chocam de forma geográfica e temporal. Talvez por isso nos becos da favela há uma relativização de valores e verdades. Na obra em questão

a narrativa transcorre em meio ao processo de desocupação da favela por uma grande construtora. Tal desocupação é o pano de fundo para revelar os sentimentos conflituosos dos personagens em relação à favela, pois a construtora dissemina ante a comunidade um sentimento de superioridade, buscando invalidar e enfraquecer o sentimento de pertencimento para que assim todos aceitem a proposta da construtora e vendam seus barracos. Contudo, alguns personagens resistem à ideia de saírem da favela, pois para essas pessoas a favela já é parte de suas identidades. Os sujeitos que habitam os becos da favela são também os sujeitos do “entre-lugar”, pois a partir do choque cultural do qual falamos, permitem que nasça algo novo que apesar de ter um elo com a cultura de origem, também carrega elementos da cultura local, esse processo de hibridação dialoga com o passado e o presentifica.

Já em *Becos da memória*, Maria-Nova percorre os becos da favela a observar e escutar tudo e todos, como se fosse a guardiã das memórias da favela. Ela procura conforto nas memórias, pois a partir da história de cada um a menina solidifica a sua própria identidade. Com o passar do tempo, os caminhos percorridos pela garota se misturam com as histórias de vida de cada personagem da obra em análise. Apesar de Maria-Nova ter nascido na favela, ela parece viver o conflito de se sentir em um não-lugar, pois ao mesmo tempo que a menina se sente pertencente à favela e por isso não quer abandoná-la, a protagonista também projeta um lugar melhor e essa projeção está ligada às memórias de Tio Totó, memórias de liberdade, do sentimento de igualdade da África narrada pelos seus pais.

## 5 INVESTIGANDO A IDENTIDADE EM PONCIÁ VICÊNCIO E BECOS DA MEMÓRIA

*“Minha condição afromestiça inspira-me a combater o embate da mestiçagem que se reproduz na ponta da língua dos enganadores. Entre nós, séculos de desigualdades e blábláblá. Os hipócrita só admitem uma afro-brasilidade precária, folclórica, submissa. Por isso, sobrevivência, identidade e cidadania são temas das escrituras de nossas vidas. (Jamu Minka)*

Para Candau (2011), a identidade representa um fenômeno que se desenvolve a partir de particularidades específicas da memória, da história, e da cultura produzida pelos sujeitos. Atualmente o conceito de identidade tem sido estudado como transitório, plural, mutável. De acordo com Hall (2001) o sujeito pode assumir diferentes identidades em momentos distintos, sendo que estas não são unificadas em um “eu” coerente, mas contraditórias e talvez por isso proporcionem um deslocamento nos processos de identificação. A esse respeito cabe salientar a seguinte consideração feita por Bhabha (2013. p. 84) quando diz que “a identificação é sempre o retorno de uma imagem de identidade que traz a marca da fissura no lugar do Outro de onde ela vem”. Parece-nos que Bhabha aprofunda o olhar sobre a identidade ao pensá-la a partir da diferença, ou seja, do Outro que habita cada sujeito.

Na contemporaneidade, a identidade é pensada como inacabada, um conceito em construção, não biológico, algo mutável que sofre interferências provenientes de inúmeras experiências humanas. Hall (2005, p.12-3) ressalta que a “identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Entretanto, não podemos esquecer que a constituição identitária navega pelos rios da memória e da ancestralidade e a partir deles estabelece uma constante interação com a sociedade e cultura em que está integrada.

Os romances *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* apresentam personagens que convivem num espaço de culturas híbridas mantendo suas raízes culturais e tentam se identificar com a cultura identitária da nova morada, embora mantenha culturas e memórias de tradição ancestral, como é o caso de

Tio Totó (Becos da memória) e Luandi (Ponciá Vicêncio). Esse tipo de estratégia é utilizada pelos negros, com o intuito de serem aceitos pela elite branca, e, assim usufruir de alguns privilégios concedidos apenas aos brancos. A partir deste ponto, observamos que a estrutura social brasileira do século XIX, os preconceitos, mitos e estereótipos engendrados na figura do negro escravo, nos leva a refletir e a compreender o caminho percorrido pelo negro para sua “libertação”.

A história nos mostra que a identidade do indivíduo negro é ameaçada a partir do contato com o homem europeu. “Antes de ter contato com o branco, o colonizado/negro não se sentia inferior a nenhuma outra raça<sup>15</sup>. Toda crise identitária surge da negação dos valores humanos e culturais impostos pela colonização” (FIGUEIREDO 1998, p.64). Essa premissa fica clara nos dois romances de Evaristo, visto que em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* nos apresenta contextos onde o contato com culturas diferentes interfere diretamente na identidade dos personagens. Os relatos das memórias de Ponciá sobre seus antepassados introduzem à narrativa uma sensação de estranhamento, não-pertencimento e silenciamento do negro, fato que de certa forma fragiliza o sentimento identitário dos negros dentro da obra.

O romance *Becos da memória* também carrega cenas marcantes da tentativa de dominação cultural e identitária e outras formas de coações, como é o caso das agressões contra os filhos de Ana Jacinto: “Eles andavam sempre acompanhados de ‘filhinhos de papai’. Rapazes de lambretas subiam e desciam o morro. (...) Numa noite, a polícia arrombou a porta do barraco de Ana Jacinto. Levaram os filhos dela. (EVARISTO, 2006. p. 143). São representações de resistência cultural, da memória, da identidade afrodescendente. Nesse sentido, a cultura dominante da administração colonial, apesar da crueldade desses mecanismos de dominação, as narrativas negras têm sido recriadas ao longo dos séculos do Atlântico negro em diáspora.

Embora um discurso hegemônico embasado em uma justificativa ideológica seja empenhado no processo de colonização e escravidão, observamos uma forte luta do negro para preservação da tradição cultural

---

<sup>15</sup> O conceito de Raça é usado pelo autor citado, entretanto nossa pesquisa entende que o termo raça está obsoleto e não dá conta da dimensão étnica abordada na presente pesquisa.

africana. Em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, as personagens Maria-Nova e Ponciá, cada uma a sua maneira, são a representação dessa resistência por manter as tradições, a religião, a cultura. A memória afrodescendente, entretanto é inevitavelmente hibridizada pelo processo de aculturação e em certos casos pela imposição de uma nova ideologia.

A questão do nome é outro fator relevante na narrativa romanesca de Evaristo, pois, é ele o responsável por registrar a existência e a identidade de um indivíduo dentro de uma sociedade. O nome designa um papel fundamental na identidade de dos personagens dos dois romances estudados. No romance *Ponciá Vicêncio* logo nas primeiras páginas, a menina Ponciá diz nunca ter se acostumado com o nome que lhe fora dado.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o habito de ir a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia sentia-se sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO. 2003. p. 19)

Na citação acima a personagem central da obra se desvincula de seu nome, pois o “Vicêncio” pertencia ao dono das terras onde os negros viviam, sendo então herança do tempo da escravidão fato que evidencia a força e a identificação com a cultura dominante, a cultura do homem branco.

O romance *Um defeito de cor* (2011), de Ana Maria Gonçalves, nos direciona a uma reflexão em relação à questão da (re)construção e manutenção do âmbito identitário. Bauman (2005) defende a ideia de que as “identidades flutuam pelo ar”, sendo que algumas são de nossa escolha, enquanto outras não. A partir deste ponto, confirmamos a concepção de uma certa fluidez em relação à formação de nossa identidade, que se mantém em dialogo constante com novas identidades.

## **5.1 A Percepção do Lugar como Evocação da Identidade em Ponciá Vicêncio e Becos da Memória**

Em nossa pesquisa a categoria lugar não só um elemento da narrativa, mas um fenômeno perceptível que como tal não deve ser definido através de uma imagem precisa e limitada. Para Tuan (1983, p. 40) “os lugares, assim como os objetos, são núcleos de valor, e só podem ser totalmente apreendidos através de uma experiência total englobando relações íntimas, próprias do residente, e relações externas próprias do turista”. A partir da fala de Tuan podemos dizer que a experiência como o lugar é de certa forma uma experiência identitária, pois perceber e relacionar-se com o lugar é de certa maneira evocar identidades.

Os romances *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* são obras fictícias, entretanto eles não deixam de relatar experiências humanas que dizem respeito à percepção e representação do meio ambiente do mundo real, retratando a vida e o imaginário de personagens fictícios que se movimentam dentro de um lugar geográfico real. Assim, a produção literária pode se tornar um instrumento revelador da experiência entre o lugar e os seres que o habitam, ou seja, um ponto de partida para uma cartografia da própria vida, onde se pode encontrar episódios do passado, lugares de memória, pontos de referência associados à alegria ou tristeza. Ao experienciar o lugar, o homem passa a perceber a si próprio, passa a estabelecer laços com o passado e através das memórias armazenada nos lugares consegue se sentir pertencente a esse lugar representado.

Essa percepção do lugar permite ao homem desenvolver dois tipos de sentimentos conhecidos por: topofilia e topofobia. Yi-Fu Tuan, em seus estudos, propõe que topofilia seria um sentimento de afeição, simpatia e admiração estética que o ser humano desenvolve por lugares, ou seja, à medida que o ser humano habita um determinado lugar, ele estabelece também laços afetivos com o mesmo. Tal autor também nos alerta para a topofobia que, segundo ele, seria um sentimento de desprezo, repulsão ou aversão por lugares que são considerados feios ou desagradáveis por provocarem “sentimentos de repulsa, desconforto ou medo” (TUAN, 1996. p.145).

Em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, fica evidente o sentimento de topofobia que os lugares habitados provocam nos personagens dos romances. No caso do romance *Becos da memória* (2006), tem-se um ambiente sempre assolado pela desocupação de uma favela e essa incerteza em relação à moradia nos permite perceber que vários personagens de tal romance estão permeados de medo, já que a qualquer momento tais personagens podem perder seus lares. Os becos da favela descritos por Evaristo são visitados pela morte de tempos em tempos. A espera pela desocupação que inevitavelmente aconteceria, brutaliza a cada dia os moradores. Como se vê nas descrições do trecho abaixo:

Para muitos, para todos, talvez, o inimigo era aquele que estivesse mais próximo. O ódio, a amargura, e o desamparo que existia em todos tinha como válvula de escape o próprio irmão. Não reconhecíamos que estávamos no mesmo barco, o barco e todos nós estávamos à deriva. (EVARISTO, 2006. p. 139)

O sentimento de topofobia desencadeado por causa da desocupação contamina a favela, devastando a mente e o coração dos moradores que não conseguem se irmana com a dor do outro. A partir dessa e de outras citações entendemos que o conceito de topofobia é desvelado a medida que os lugares habitados pelos favelados vão indicando insegurança, conflito. A desocupação promove o medo e a instabilidade nos moradores. Essa mesma desocupação também dá ao romance o sentido de deslocamento, uma vez que alguns personagens, como Tio Totó e Negro Alírio são obrigados a se mudar, seja por conta dos conflitos que não permitem a ninguém se assentar por muito tempo (Negro Alírio), seja por desejo próprio, desejo de mudança, de dias melhores (Tio Totó): a ideia de locomoção está presente ao longo de todo o romance, mesmo quando se está parado como é o caso de Bondade que dentre as personagens, é o que mais se desloca, não tendo moradia fixa. Tio Totó percorre toda favela e mesmo os moradores com o coração mais amargo permitem que Bondade adentre as suas casas. Em todo caso, podemos notar que a mobilidade a que alguns personagens se submetem diz respeito também à busca de uma unidade para sua identidade constantemente deslocada. Nesse caso, tais personagens descobrem a si próprios enquanto migram de um lugar para outro.

No romance *Ponciá Vicêncio* o sentimento de topofobia é desencadeado a partir da percepção do ambiente urbano, pois à medida que os Vicêncio

começam a migrar para cidade, eles começam a diferenciar o urbano do rural, começam a perceber porque todos que retornaram para a terra dos negros só lembravam das histórias tristes e com isso se dão conta do quanto eram felizes no ambiente rural. Como vemos na passagem que narra a saída de Ponciá das terras dos negros e a chegada à cidade.

Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava-se se valera a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de que uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003. p. 34)

Para Ponciá a cidade com a qual sonhara era na verdade destituída de significados, pois na cidade ela não sente a presença e a força dos Vicêncios. O último momento de pertencimento ao presente vivido por Ponciá é também o momento do encontro com o seu passado familiar, quando ela afinal toma para si a herança deixada por seu Vô Vicêncio e reencontra consigo e com sua terra. Para Eric Dardel (2011, p.51): “A terra não é somente origem, ela é presença. [Ela] se manifesta como atualização que não cessa de se renovar em virtude da função eternizante do mundo”.

Nos dois romances de Evaristo as ações se processam a partir das mudanças na paisagem dos lugares habitados pelos personagens. Ambos trabalham a ideia de deslocamento sendo que tal ideia releva, dentro da narrativa, a importância dos caminhos percorridos por gerações distintas, esse relato dos caminhos percorridos pelo velho e pelo jovem levam a percepção de uma identidade coesa. Em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* a percepção dos lugares induz os personagens a uma percepção identitária, isso revela uma aprendizagem não só por meio dos cadernos e das palavras escritas por Maria-Nova, mas também pela decodificação dos caminhos da terra traçados pelos Vicêncio.

Para Yi-Fu Tuan, em *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (1980, p.18): “(...) o homem tem a tendência de diferenciar seu espaço etnograficamente, distinguindo entre o sagrado e o

profano, centro e periferia, a propriedade individual e a pastagem comum”. No caso das personagens de Evaristo, apesar de habitarem lugares que por vezes se apresentam como hostis, esses locais diferenciam e valorizam experiências consideradas sagradas. Talvez essa valorização dada ao sagrado seja fruto das dificuldades experienciadas por quase todos. Como é o caso do respeito que todos têm pelas premonições de Nêngua Kainda no romance Ponciá Vicêncio ou as descrições das ladainhas em *Becos da memória*.

As mudanças dos lugares no romance Ponciá Vicêncio são descritas pela autora de maneira lírica. Assim os lugares são apresentados ao leitor a partir da própria visão dos personagens, ou seja, os cenários são praticamente os mesmos, o que muda é o olhar que cada personagem lança sobre o lugar. Ponciá, Luandi (irmão de Ponciá) e Maria Vicêncio (mãe de Ponciá) percorrem os mesmos caminhos dentro da narrativa, e apesar de terem experiências distintas os Vicêncios nutrem um sentimento comum pelo seu lugar de origem, que é o sentimento de topofilia, ou seja, o amor pela sua terra.

Em *Becos da memória*, percebemos que as personagens buscam, cada um a sua maneira, o seu lugar no mundo, buscam por uma identidade mais definida, e essa busca identitária perpassa o conhecimento dos lugares habitados. No referido romance a percepção dos lugares pelos personagens são essenciais para as mudanças psicológicas dos mesmos, seja em prol de uma construção moral como é o caso do personagem chamado Bondade, ou mesmo de uma dissolução moral como é o caso da personagem nominada como Ditinha.

O coração, a face, as mãos de Ditinha ardiam. Num segundo eterno, Ditinha pegou todas as jóias e guardou na caixinha. Colocou a pedra verde suave, que até parecia macia por cima de tudo. Fechou a caixinha. Ia guardá-la no armário. O quarto estava lindo novamente. Obrigação cumprida. Colocou a caixinha de jóias na terceira prateleira; mas, antes, porém, apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave, que até parecia macia. Era um broche. Ditinha colocou o broche no peito, só que ao lado de dentro do peito, junto dos seios, sob o sutiã encardido. A pedra não era tão macia assim, estava machucando-lhe o peito. (EVARISTO, 2006. p. 99)

Dentro dos dois romances a percepção do lugar também é feita a partir da ideia de lar, mas precisamente a partir da imagem que a casa enquanto lugar de morada e lugar de identidade ocupa no imaginário dos personagens de Evaristo. Para Bachelard (2008. p. 22) “a casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz

frequentemente, nosso primeiro universo”. A partir da premissa proposta por Bachelard, podemos inferir que a casa é um lugar que carrega consigo um pouco da vida e da identidade de seu proprietário e de seus familiares, isso porque a mesma contém, para seus ocupantes, significados próprios, seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religioso e de lazer formando um conjunto de relações que orientam a identidade individual e coletiva de uma sociedade. Assim podemos dizer que a casa articula o individual e o coletivo, de acordo com o tempo ou interesse de seu proprietário.

A relação do homem com sua morada não se dá somente no plano físico. A casa enquanto edificação, mas envolve o espaço e sentimentos que tais construções despertam no homem. Nesse sentido, o modo como as personagens de Evaristo moram, revela um pouco do espírito, da cultura, da história e da identidade de seu povo. Ao adentrarmos as casas das favelas, ou as casas dos Vicêncio, podemos conhecer mais profundamente as personagens por meio das descrições construídas pela autora. Nesse sentido é pertinente lembrar que em nossa pesquisa a casa é entendida como parte da memória individual de todos os indivíduos, inserida na memória de um grupo, é, portanto, um espaço de memória coletiva, capaz de articular a memória individual, cenário cotidiano, presente na lembrança de todos os indivíduos. Segundo Ecléa Bosi:

A casa, como objeto cultural, coloca-se como um dos recursos possíveis no universo individual e coletivo, por estar presente no universo individual e coletivo e por se mostrar como um fragmento dentro do cabedal infinito que é a memória (BOSI, 1987, p. 39).

A partir da citação de Ecléa Bosi, podemos afirmar que a casa faz parte da memória de todas as pessoas, está presente em todos os lugares e nos mais diversos meios sociais. Ela guarda em si um pouco de nossa privacidade. Nos romances de Evaristo a casa representa um lugar de memória, uma fronteira entre o indivíduo e a coletividade e a partir de tal representação nos é possível traçar os perfis dos personagens, por exemplo: a memória de Ponciá é marcada pelo tempo passado na casa de sua mãe, as lembranças de meninice, a limpeza da casa de chão batido de sua mãe. Ainda no romance *Ponciá Vicêncio* percebemos durante a leitura que à medida que Ponciá vai se desapegando do presente, sua memória começa um processo de revisitação de seus espaços e, nessa perspectiva, a personagem mostra-se capaz de estabilizar o tempo,

despertar emoções, relembrar situações escondidas no fundo da memória individual ou coletiva de sua família.

As lembranças dos Vicêncio são ativadas não somente através de pensamentos, mas também de uma paisagem, de um objeto, todos esses elementos servirão como ativadores dessas memórias passadas. Como é o caso de Luandi (Ponciá Vicêncio) que, ao visitar uma exposição de objetos de argila reconhece as obras confeccionadas por sua mãe e por sua irmã e, a partir de então os objetos que antes eram meros utensílios domésticos são ressignificados, representando objetos de evocação da memória familiar e ancestral, nesse sentido, a personagem estabelece uma relação com o ausente, como diz Ecléa Bosi “faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1987, p. 21)

## **5.2 Traçando Mapas Identitários nos Romances de Evaristo: Por uma Cartografia da Memória**

O mapa identitário aqui traçado é fruto da análise dos percursos vividos pelos personagens negros presentes nos romances *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. A presentificação desses mapas dentro dos romances demonstram as vivências do negro contadas a partir de uma trajetória não linear, onde os acontecimentos nem sempre seguem uma sequência. Assim o mapa e as experiências vividas pelos negros se misturam de tal maneira que os itinerários percorridos pelos negros dentro das duas obras estudadas assumem um papel tão significativo que por vezes parece transformar-se em personagem.

Levando-se em conta os conceitos estudados pela geografia, podemos dizer que o ato de cartografar se dá a partir de informações que o olho humano consegue captar e registrar. Portanto, uma cartografia da memória seria uma ação mais aprofundada, uma vez que esta levaria em consideração elementos que nem sempre são captados pelos olhos, ou seja, a cartografia feita a partir das memórias carrega em si uma condição que antecede o olhar humano. É como se a memória desse ao ato de cartografar uma condição a priori, uma condição que está ligada à afetividade, à subjetividade que cada indivíduo traz dentro de si.

Segundo os estudiosos da geografia, o mapa seria o produto, a representação final da cartografia, sendo que tal representação pode vir

acompanhada de diversas informações, como símbolos, cores, temas, entre outros elementos. É a partir desses “outros elementos” que, em nossa pesquisa, o texto literário dialoga com o ato de cartografar, pois, ao analisarmos os personagens dos dois romances, nos deparamos com suas memórias, com as necessidades do seu cotidiano, com o ambiente em que vivem e com os elementos que compõem sua identidade. Nossa pesquisa entende que o elemento memorial dá ao ato de cartografar uma percepção diferenciada do contexto, permitindo que os mapas contidos na trama sejam revelados.

Ao traçarmos os caminhos percorridos pelos personagens dos dois romances, notamos que eles são, de fato, parte da identidade negra, através deles é possível construir mapas temáticos que revelam quem são, como vivem, o que sentem e, principalmente, nos mostram como sujeitos historicamente excluídos dos contextos sociais conseguem guardar traços identitários de sua matriz cultural, ora resistindo e, ora cedendo, ao processo de aculturação. Ao percebermos esses mapas, damos o primeiro passo para compreender como se configura a identidade coletiva e os espaços sociais ocupados pelos negros, sendo que esses caminhos e lugares (e por vezes descaminhos) de identidades negras nos permite traçar uma cartografia da memória.

Nesse sentido, é fundamental frisar que, os mapas identitários encontrados a partir da escrita de Evaristo não são representados somente por meio dos caminhos percorridos pelos negros. Esses homens e mulheres são a representação de posições sociais, de espaços de identificação, de sínteses de culturas, são fontes capazes de revelar diferentes elementos que definem a identidade das personagens que compõem o romance. Ocorre que, apesar dessa identidade mapeada contribuir para um sentimento de unidade, essa identidade também apresenta uma mutabilidade, uma vez que pode de ser alterada com o tempo, em função dos acontecimentos experienciados pelos personagens.

Esse mapa identitário também é construído através das posições sociais ocupadas pelas figuras femininas presente nos dois romances. Evaristo constrói a figura feminina de maneira diferenciada, atribuindo à mulher uma importância significativa dentro da construção familiar. As mulheres criadas por Evaristo nem sempre estão de acordo com os papéis socialmente definidos e, nessa resignificação dos papéis, as personagens femininas representam a responsabilidade de compor e recompor a identidade negra. Outro elemento que

compõem nossa cartografia é a questão da escolaridade e, talvez por isso, as mulheres se ocupem das atividades domésticas ou trabalham em subempregos.

Começamos o mapeamento pelo romance *Ponciá Vicêncio*, onde as figuras femininas ocupam um papel marcante, uma vez que para demonstrar essa cartografia usaremos algumas personagens femininas dentre elas: Ponciá, Maria, Nêgua Kainda e Bilisa. No romance em questão é o elo entre temas como o passado e as errâncias vividas pelos personagens. Os itinerários dos Vicêncio participam de forma determinante da elaboração do discurso sobre o passado e o presente, recolhendo e repassando ao leitor fragmentos das paisagens que compõem os lugares narrados. Maria Vicêncio persegue os vestígios deixados pelos filhos e nutre a certeza do reencontro.

A mulher sofrera muito com a ida da filha, depois com a do filho. Antes, havia vivido o pesar da passagem de seu homem, naquela tarde clara e ensolarada. E foi acumulando idas, partidas, ausências. (...) Ela acreditava que a vida tem o tempo certo, assim como o fruto tem o momento exato para ser colhido. Sabia que a sua vida não era um fruto amadurecido. Seus dias não estavam prontos, não era tempo de colher. E, então, se tivesse de padecer, que experimentasse as dores. Se tivesse de ser só, que sozinha fosse. Se tivesse de se abraçar com os seus próprios braços, ela mesma criaria o seu próprio anelo, e se auto-abraçaria, até que reencontrasse os filhos e os abraços deles abraçassem os abraços dela. (EVARISTO. 2003 p. 76)

Percebemos que os sucessivos deslocamentos de Maria Vicêncio e de seus filhos Luandi e Ponciá são por vezes ocasionados por um desesperado desejo de fuga, que ora aparecem na narrativa como temporais e ora como espaciais. Os personagens de Evaristo desenvolvem uma relação complexa com esses deslocamentos espaciais. Eles são a representação simbólica de regiões fronteiriças que demonstram o não-lugar dos negros no mundo.

Dentro do presente romance, a protagonista Ponciá, desde muito jovem, questiona quem ela seria de fato. Esses questionamentos são evocados a partir da descrição de cenas que singularizam a personagem. Dentre essas cenas, podemos citar o medo que Ponciá tem de passar por debaixo do arco-íris e de ter o sexo-gênero mudado: “passara rápido num só pulo. Conseguiria enganar o arco e não virara menino” (EVARISTO, 2003. p. 13). A insatisfação com seu nome e sobrenome é um outro exemplo. O acento agudo de seu primeiro nome “era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo”

(EVARISTO, 2003. p. 29). Já seu sobrenome era a eterna herança da escravidão, de seus antepassados: “Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio (...). Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2003. p. 29). Desses incessantes descontentamentos de Ponciá surge uma esperança a ser alcançada, um sonho de uma vida melhor que faz a jovem protagonista deixar seu povoado e procurar uma vida mais digna, uma vida em que ela consiga finalmente se reconhecer, como vemos no fragmento da obra:

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte da colheita ser entregue aos coronéis. (EVARISTO. 2006. p. 33)

Mais do que a insatisfação, o fragmento acima nos mostra a determinação de uma jovem que, aos dezenove anos, mesmo com todas as adversidades ainda acredita que pode “traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (p. 33). Ponciá é o retrato de milhares de jovens que, assim como ela, sonham com uma vida melhor. Ao longo do romance, os sonhos e a certeza de um futuro diferente vão sendo esvaziados a medida que Ponciá vai perdendo contato com seus parentes, é como se, ao se afastar dos seus, parte de sua identidade ficasse perdida.

As decepções vão tomando corpo através de um companheiro abusivo, da perda de seus sete filhos, de ter que morar em um pequeno barraco que não lembrava em nada a casa que vivera quando criança e que sonhara ter uma igual quando adulta. Portanto para Ponciá a casa possui uma significação diferente da sua morada de infância que está sempre presente em suas recordações. Nas citações abaixo percebemos a diferença entre a casa da infância de Ponciá e a sua morada do presente.

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau-a-pique e cobertura de capim. As camas das crianças e dos adultos eram jiraus que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão

de capim era, às vezes, cheiroso, dado ao alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. (EVARITO, 2003. p. 59)

A casa das memórias da infância apesar de toda pobreza é uma representação dos laços familiares, das memórias alegres. Já a casa adulta é a representação de todas as frustrações, todas as tristezas vivenciadas.

Ponciá Vicêncio correu vagorosamente os olhos pelo cômodo onde moravam. O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulava-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de anseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. (EVARITO, 2003. p. 25)

Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, também é a representação da força do matriarcado, pois, com a morte do marido, tivera que criar os dois filhos sozinhos. Maria ensina a filha a trabalhar o barro. Ao falarmos da identidade, da memória, da percepção dos lugares, estabelecemos os eixos básicos a serem cartografados, tais como a relação que o negro estabelece com o passado, com os outros e consigo mesmo ou a importância atribuída pela mulher a um determinado espaço, como por exemplo o doméstico.

No romance *Becos da memória* há uma prevalência dos mapas que valorizam a relação com os outros. Parece que o contexto da desocupação da favela consegue, ao mesmo tempo, irmanar alguns e separar a outros. Já em Ponciá Vicêncio há uma centralidade dos espaços doméstico e familiar, pois toda vez que Ponciá é invadida pelo vazio ela se fixa ainda mais às memórias de seus familiares, de seus parentes mortos. Analisando as figuras femininas dos dois romances, podemos notar que as mulheres de idade mais avançada (as chamadas matriarcas) atribuem uma maior importância à ideia de casa enquanto lar, ou seja, essas mulheres têm pela casa uma afetividade que por vezes é desencadeada até pelas tarefas domésticas. Por sua vez, as mulheres mais novas não apresentam o mesmo apego pelo lar que encontramos nas mais velhas, e talvez isso se dê pelo fato de que nos romances essas personagens femininas jovens, às vezes, trabalham como empregadas na casa de outras mulheres que, além de mais velhas, têm uma condição social mais elevada.

A construção da geografia identitária dos homens negros descritos por Evaristo em seus dois romances, nos revela que a maioria deles possui baixa escolaridade, isso porque precisam sustentar suas famílias desde muito jovem, mesmo os que ainda não são casados anseiam em contribuir no orçamento doméstico.

Os mapas identitários aqui traçados devem ser entendidos como uma (re)construção da imagem de homens e mulheres negras que por muito tempo foram socialmente invisibilizados nos textos literários. Ao construir esses mapas dentro de seus romances, Evaristo dá visibilidade não só a figura do negro, mas aos principais domínios e espaços de identificação que definem o negro como um ser social que participou e participa da construção da identidade do nosso país. Seja por meio de constantes movimentos, seja através do enraizamento que alguns personagens desenvolvem pela terra, seja através das descrições da figura feminina, Conceição Evaristo consegue, de forma intencional ou não, compor mapas identitários que irmanam o leitor e a leitura, mapas que revelam sujeitos que resistem ao seu modo para conquistar seu lugar no mundo, pertencer de fato e ocupar os lugares de visibilidade da nação e da diferença étnica, enquanto negro brasileiro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho dissertativo, revisitamos os conceitos de memória, identidade e percepção dos lugares, presentes na produção literária de Conceição Evaristo e na produção teórica de estudiosos dos estudos culturais, pós-coloniais e da geografia humanista cultural. Ao tratarmos de tais conceitos, a partir da leitura do texto literário, evidenciamos a importância da escrita afrodescendente na desconstrução de estereótipos, discursos e narrativas que legitimavam o modelo literário eurocêntrico, onde a identidade dos negros era praticamente invisibilizada.

Os capítulos que trataram dos precursores da Literatura afrobrasileira bem como a breve historiografia da literatura produzida pelos negros foi parte muito importante para a conclusão da presente pesquisa, pois através de tais capítulos conseguimos dar voz a sujeitos histórica e socialmente silenciados.

Durante a leitura e análise dos romances *Becos da Memória* e *Ponciá Vicêncio*, destacamos alguns aspectos espaciais e culturais revelados nas memórias dos personagens. Ao adotar essas memórias como referências conseguimos cartografar a identidade do sujeito negro, demonstrando que essa identidade é sedimentada à medida que o sujeito percebe o lugar que habita. Assim sendo, conhecer a categoria lugar numa perspectiva humanista foi determinante para a construção de nosso texto.

A presente cartografia identificou que a identidade dos negros está intimamente ligada com os lugares que os mesmos habitam, principalmente quando tais lugares assemelham-se com a matriz africana originária. É importante dizer que as imagens do continente africano são constantemente evocadas dentro da narrativa dos dois romances e é através de tais evocações que são construídas as identidades dos negros-personagens.

Utilizando autores como Homi Bhabha, Stuart Hall, Elódia Xavier, Yi-Fu Tuan, Roland Walter, a própria Conceição Evaristo, dentre outros, procuramos constatar como o sujeito negro recebe e repassa suas experiências fora de seu lugar original, e de que maneira essas experiências são válidas para modificar a percepção de si e do outro. Ao falarmos das identidades negras presentes na obra, demos um enfoque especial à relação do sujeito num mundo que não é o

seu e onde por vezes não há possibilidade de retorno. Os caminhos memoriais percorridos por Ponciá e Maria Nova são caminhos sem volta, caminhos onde por vezes só permitem a recordação como companhia.

Os teóricos da Geografia Humanista além de ajudarem a traçar os mapas temáticos da pesquisa, também nos ajudaram a estabelecer uma relação entre a identidade dos negros e a composição da casa como espaço os mesmos se reconhecem como gente, como família, como iguais.

É importante ressaltar que em nossa análise, tentamos não perder de vista os elementos que dizem respeito às narrativas da cultura negra e da identidade na ficção de Evaristo, em vários momentos nas narrativas dos dois romances nos apresenta a figura de sujeitos negros que apesar de ficcionais são produto de uma realidade vivida pela própria autora.

Tratamos também o conceito de *escrivivência* como uma estratégia utilizada por Evaristo para a elaboração dos dois romances. A autora articula, através da escrita de si, os valores ideológicos e estéticos que dão voz ao sujeito negro, essa articulação enriquece literariamente as obras. As memórias dos negros em situações de diáspora são desveladas a partir das memórias dos próprias personagens, sendo que as lembranças da escravidão são transfiguradas para a contemporaneidade, ou seja, a autora apresenta aos leitores cenários que de certa maneira coloca socialmente o negro na condição de escravo, embora sem as algemas. Noutras palavras, diríamos que Conceição Evaristo nos reapresenta as novas formas de escravidão, que são, por vezes, legitimadas pelo Estado e pelas mídias.

A análise de *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio* nos mostraram como a crítica literária se apropriou, por séculos, de um discurso ideológico centrado no cânone, onde se perpetuou a figura do branco europeu. Em vários momentos da análise, percebemos uma estratégia da autora em desconstruir a imagem do negro como um indivíduo ou pessoa que precisa ser autorizada pelo outro para garantir sua existência. Desse modo, os romances de Evaristo nos apresentam o homem negro e a mulher negra como sujeitos que se autoreconhecem eticamente, moral, social e politicamente. Esse sujeito negro de identidades hibridizadas, transculturadas ou diaspóricas tem um “pé” no passado e outro no presente. Dessa relação dialética entre o passado e o presente, esse sujeito tenta

reterritorializar os lugares de pertencimento nos espaços sociais e políticos da nação e da diáspora negra.

Nossa análise também investigou a figura da mulher, pois várias das personagens femininas apresentadas por Evaristo são, na verdade, a representação de mulheres reais que, por meio dos seus ideais e conquistas tentam construir um mundo mais justo e igualitário. Os dois romances estudados se destacam por apresentar figuras femininas e negras de maneira empoderada. A figura da mulher na obra de Conceição Evaristo ocupa um papel de destaque.

As personagens femininas dos dois romances conseguem de maneira significativa estabelecer uma relação de sororidade, ou seja, mesmo sendo tão diferentes entre si, as mulheres de Evaristo se apoiam numa dimensão que por vezes extrapolam o ficcional.

Ao traçarmos os mapas identitários, das obras, percebemos como “as mulheres de Evaristo” reapresentam o cotidiano feminino, ora representadas como donas de casa, ora como trabalhadoras, ora como mães. Mulheres que independentemente de suas posições sociais representam a força da figura feminina dentro do ambiente familiar e social. Os mapas identitários traçados a partir das obras também nos revelam que a flexibilidade das estruturas identitárias pode ser ocasionada pela percepção dos lugares habitados pelos negros. Ou seja, as narrativas de Evaristo nos mostram que para o sujeito negro lar é aquilo que tem alguma representação afetiva para ele. Com a ajuda dos estudos culturais, percebemos que quanto mais plural for um mapa identitário, maior será a possibilidade do sujeito negro se identificar, se reconhecer e ser reconhecido positivamente na sua diferença. A pluralidade do mapa identitário possibilita ao sujeito negro se reconhecer como cidadão brasileiro ou como cidadão não-africano, mas que carrega um forte laço com a matriz africana. Ou seja, como sujeito não-diaspórico, mas em eterna situação de diáspora.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO. Rosângela de Oliveira Silva. **A “escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio**: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês. Dissertação de mestrado. João Pessoa. 2012.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura; trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994. (Coleção Travessia do Século).
- ALVES, Mirian. In FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: como responder à polemica?. Consultado em: [http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira\\_cl.pdf](http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira_cl.pdf). Acesso dia 27/08/2013 às 14:35.
- ALVES, Castro. O navio negreiro. Consultado em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=1786](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1786). Acessado dia 02/09/2013 às 18:45.
- BACHELARD. Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. A estética da criação verbal. Trad. Maria Ermentina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes 1997.
- BENJAMIN. Walter: obras escolhidas- magia e técnica, arte e política. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221
- BHABHA, Homi k., 1999- **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2. ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 20013.
- BONICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista**: conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo, T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. – 6ªed. – Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2006.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CADERNOS NEGROS: **os melhores poemas**. Organizador Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje. 2008.

\_\_\_\_\_ : **os melhores contos**. Organizador Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje. 1998.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CUTI (Luiz Silva). **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.136 p.

\_\_\_\_\_. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica; tradução Werlther Holzer. São Paulo: perspectiva, 2011.

DIONISÍO. Djanir. **Literatura Afro em Construção**: A perspectiva da ancestralidade Bantu em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, Londrina. 2010. Dissertação de Mestrado.

DIOP, Birago. In **Cadernos Negros**. Vol 13, São Paulo. 1990. p. 31

DUARTE, constância Lima et al. **Arquivos femininos**: literatura, valores, sentidos. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Na cartografia do romance afro-brasileiro**: Um defeito de cor de Ana Maria Gonçalves. Disponível em : [www.letras.ufmg.br/literafr0](http://www.letras.ufmg.br/literafr0). Acesso em 20/06/2012.

DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência** no Brasil: antologia critica, volume I precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia critica, volume II Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia critica, volume III Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência** no Brasil: antologia critica, volume IV precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DU BOIS, W.E.B.(Willian Eduard Burghardt). **As almas da Gente Negra**; tradução, introdução e notas, Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda ED., 1999.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

\_\_\_\_\_ **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

\_\_\_\_\_. In DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência** no Brasil: antologia crítica, volume IV precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011

\_\_\_\_\_. In Cadernos Negros. Vol 13, São Paulo. 1990. p. 30

\_\_\_\_\_ In Cadernos Negros, vol. 15, São Paulo, 1992. p. 17.

\_\_\_\_\_ In **Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

\_\_\_\_\_ In **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**, volume III Contemporaneidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_ **“Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face”**.

**Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. (ed.) Nadilza Martins de Barros Moreira and Diane Schneider. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Editora Fator, 1983.

FARAH, Paulo Daniel. **Geografia da ausência: o espaço na literatura palestina** (da terra natal ao Brasil). 2004. Tese (Doutorado). Universidade São Paulo. SP, 2004.

FERREIRA, Elio; FILHO, Feliciano José Bezerra (Orgs). **Literatura, história e cultura afro-brasileira e africana: memória, identidade, ensino e construções literárias**. Teresina: Editora da UFPI; Fundação Universidade Estadual do Piauí, 2013.

FONSECA, Maria Nazareth Soares: **Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder essa polêmica**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Centro de Estudos afro-orientais. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth soares. **Poesia afro-brasileira: vertentes e feições**.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega. 1992. p. 129-160.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; CARDOSO, Jucelén Moraes; REZENDE, Rosana Gondim (Orgs). **O espaço (en)cena**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução Cid K. Moreira. São Paulo: ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução: Enilce do Carmo Albergaria Rocha – Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora**. In: Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós modernidade**; trad. Tomaz Tadeu da Silva – 7. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. SP, Vértice, 2004.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000.

IANNI, Otávio. Literatura e Consciência. In Revista Instit. Est. Bras. São Paulo, 1988.

JAHN, Janheinz. **Muntu: Iãs culturas neoafricanas**. Trad. Jasmin Reuter. México: Portada. 1963.

LAHNI, Cláudia Regina (Org.) .[et al.]. **Culturas e diásporas africanas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

LE GOFF, Jacques. “**Memória**”. In: Enciclopédia Einaudi. *Memória-História*. Vol 1. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.

LOPES, Antonio. **Estudos Diversos**. São Luís: SIOGE, 1973.

LOPES, Nei. **Diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

MAGALHÃES, Celso. In LOPES, Antonio. **Estudos diversos de Literatura**. São Paulo: sioge 1973.

MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos Escritos**: Graciliano Ramos e Silvano Santiago – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG.1992.

MINKA, Jamu In **Cadernos Negros**, vol. 15, São Paulo, 1992. p. 21.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e a trama*. UFSC. 2002

MUNANGA, Kebengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

NASCIMENTO, Abdias. In DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência** no Brasil: antologia crítica, volume I precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

OLIVEIRA Jr, Gilberto. Diferença ontológica e produção de espaço. Consultado em: [http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Gilberto-Oliveira-Jr.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Gilberto-Oliveira-Jr.pdf). Acessado dia 18/03/2014 às 22:30.

OLIVEIRA, Irene Dias de. **Identidade negada** e o rosto desfigurado do povo africano (Os Tsongas). São Paulo: Annablume: Universidade Católica de Goiás, 2002.

ORTEGA, José; GASSET. **O homem e a gente**: inter-comunicação humana. Trad. José Carlos Lisboa. Rio de Janeiro: livro ibero-americano LTDA. 1973.

PRATES, Cristina. **Discurso étnico-literário**: memórias poéticas em Conceição Evaristo. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte. 2010.

PERROT. Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012

RABASSA. Gregory. **O negro na ficção brasileira**. Edições tempo brasileiro. Rio de Janeiro 1965.

Revista Estudos Feministas. ISSN 0104-026X. Rev. Estud. Fem. vol.17 no.2 Florianópolis May/Aug. 2009. "Escrevivência" em *Becos da memória*, de Conceição Evaristo

RICOEUR, P. (2007). **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora da Unicamp.

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SANTOS, Derivaldo dos et al. **Trama de um cego labirinto de literatura e sociedade**. João Pessoa: Ideia, 2010.

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. A metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec. 1988.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: **cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre literatura de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet. 2008.

SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (org.). **Literatura, história, etnicidade e educação**: estudos nos contextos afro-brasileiro, africanos e da diáspora africana. Frederico Wesphalen: URI, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, Elio Ferreira. **Poesia Negra das Américas**: Solano Trindade e Angston Hughes. Tese de Doutorado. Recife 2006.

\_\_\_\_\_. **O contra-lei & outros poemas**. 2. ed. Teresina: Abracadabra edições, 1997

TRINDADE, Solano. In DUARTE, Eduardo Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura e afrodescendência** no Brasil: antologia crítica, volume I precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WALTER, Roland. Afro-América: **diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Organizadores da coleção: Anco Marcio Tenório Vieira. Angela Paiva Dionísio. – Recife: Bagaço. 2009.

YATES, Frances Amélia. **A arte da memória**. Trad. Flávia Bancher. Campinas: Editora Unicamp. 2007.

XAVIER, Elódia. **A casa na ficção de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 2012.

ZAGURY, Eliane. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

## FONTES DA INTERNET CONSULTADAS

<http://pelenegra.blogspot.com.br/2007/06/do-povo-buscamos-fora-no-basta-que-seja.html><http://poesiaderaizesnegras.arteblog.com.br/>

<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i74.pdf>

<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4334/4481>

[http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g\\_pdf/vol17B/TRvol17Bg.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17B/TRvol17Bg.pdf)

<http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/literatura%20afrobrasileira.pdf>